

IVONETE STEFANES

**RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO:
FUNDAMENTOS PARA A ANÁLISE DE UM DISCURSO DO
SUL-MATO-GROSSENSE HÉLIO SEREJO**

ASSIS
2006

IVONETE STEFANES

**RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO:
FUNDAMENTOS PARA A ANÁLISE DE UM DISCURSO DO
SUL-MATO-GROSSENSE HÉLIO SEREJO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP - Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras. (Área: Filologia e Linguística Portuguesa)

Orientador: Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes.

Assis
2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

S816r	Stefanes, Ivonete Retórica e argumentação: fundamentos para análise de um discurso do sul-mato-grossense Hélio Serejo / Ivonete Stefanés. Assis, 2006 151 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. 1. Filologia. 2. Retórica. 3. Serejo, Hélio, 1912-. 4. Literatura brasileira. I. Título.
CDD 410	
	808.5 869.9

DEDICATÓRIA

(In memorian)
minha mãe.
À Norma da minha vida
a mamãe, de Oliveira .
(1915-1996)

Por ter sido o tipo concreto da fórmula abstrata
Do que deve ser
Em tudo que admite um juízo de valor.

Com sabedoria
me ensinou a calçar um chinelinho
para andar sobre rosetas.

AGRADECIMENTOS

A *Deus* fonte de toda sabedoria.

Ao Doutor *Carlos Eduardo Mendes de Moraes*, pela eficiente orientação no decorrer desta pesquisa e, sobretudo, pela demonstração de amizade e compreensão no âmbito das relações humanas.

Ao Doutor *João Bortolanza*, por ter sido o grande divisor de águas na minha trajetória acadêmica.

À Doutora *Jeane Mari Sant' Ana Spera* por ter trazido a chave-mestra a partir da qual fui abrindo outras portas para o desvelamento dos enigmas.

Ao Centro de Estudos Regionais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, que na pessoa do Doutor *Paulo Roberto Cimó Queiroz* disponibilizou parte das obras que auxiliaram nesta pesquisa.

À Academia Sul Mato-grossense de Letras, através do Professor *Hildebrando Campestrini*, que em atenção ao pedido de Hélio Serejo, fez chegar à minha mesa de trabalho todas as obras por mim requeridas.

Aos professores do Programa de Mestrado em Letras, *Odilon Helou Fleury Curado*, *Jeane Mari Sant'Ana Spera*, *Antonietta Laface*, *Carlos Eduardo Mendes de Moraes*, que com suas seguras reflexões e considerações sinalizaram, cada qual ao seu modo, para um sólido crescimento intelectual.

À Doutora *Sandra Aparecida Ferreira*, pelas sensatas e valiosas observações na banca de qualificação deste trabalho.

Aos filhos *Samir e Munir*, que souberam compreender a necessidade da dedicação quase-exclusiva a esta obra e me ampararam nos momentos de angústia.

À minha *numerosa família* pelos cuidados e preces em meu favor.

À MSc. *Rosely Aparecida Stefanos Pacheco* pela leitura crítica e pela pertinência das sugestões. À *Rose*, pela amizade, incentivo e afinidades.

Às Pró-Reitorias de Pesquisa e de Ensino da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul –UEMS, por terem proporcionado condições para a efetivação deste estudo.

Ao professor *Adão Carlos Baptista*, pelas horas agradáveis preenchidas pelas longas e proveitosas narrativas sobre a genealogia dos Serejos e dos Baptistas.

À Doutora *Marilda Alves Pinto*, pelos cuidados profissionais responsáveis pela minha reabilitação intelectual e pelos ensinamentos práticos para uma nova forma de administrar conflitos.

Ao Senhor *Jary Carvalho Maciel (in memorian)* pelos importantes relatos sobre personagens e fatos compartilhados com Serejo e pela documentação recolhida durante sua existência, no sentido de registrar a tradição cultural sul mato-grossense.

Ao Professor *José Pereira Lins*, que gentilmente recebeu-me e forneceu-me o texto que compõe parte do *corpus* desta pesquisa.

À *Thissiane Fioreto*, colega de Mestrado, que se transformou na amiga querida e solidária, pelo carinho manifestado nas palavras de apoio espiritual.

Às *meninas da casa de Assis*, pelo companheirismo e amizade.

À *Maria Matias*, funcionária dedicada, que assumiu de forma responsável todas as lides domésticas.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra ofereceram condições para que este se realizasse.

De modo especial, agradeço a *Hélio Serejo*, porque através de sua vasta obra regional permitiu expressar o meu reconhecimento a Mato Grosso do Sul.

SABIÁ-UNA

*Sabiá-una... pássaro cantor; sublime intérprete da evocativa música sertaneja;
maestro exponencial da fabulosa orquestra que vive na garganta de ouro de todos os
pássaros da terra!*

*Sabiá-una... rei dos cantores; tecedor de emoções, em cujo trinado, há um “quê” de
tristeza amargurante e um sentimento misto de saudade e dor!*

*Quando a mata se encharca ante as bátegas da chuva que caiu durante a noite, você
sacode as asinhas de plumagem incomparável e, põe-se a cantar... e nesse momento de verdadeiro
êxtase, parece que a floresta toda entra num delírio de sons, ritmos e acordes.*

*Ao ouvir seu canto nos claros, ou no hirsuto, até a fera andeja pára embevecida para
contemplar; o vento sulão sempre enraivecido, abrandando-se; a cachoeira espumante modera a sua
fúria e as aves todas vergam a cabeça, na justa submissão àquele que tem no canto, a doçura e o
enternecimento das sinfonias do universo...*

*Quando você canta sabiá-una da minha terra, é o próprio sertão em festa que está
cantando!*

Você governa com a magia do seu canto o céu, o mar e o deserto agreste.

*Grande e nobre destino o seu! Viver cantando e enchendo o espaço de sons que
magnetizam e de eflúvios que extasiam e arrebatam.*

*A suavidade, a meiguice e a ternura da música brasileira vivem em sua garganta.
Sabiá-una, você alegre o ermo quando cerra os olhinhos e abre o bico para o canto
brando, ameno e terno!*

*Quem há que não lhe escuta nesse doce instante de maviosidade e delírio musical?
A fera andeja pára. O vento raivoso se aquieta. O selvagem fica comovido. O sertanejo
pensa no Criador.*

*E, como que, um torpor invade a selva e tudo se petrifica: a palmeira, o jenipapeiro, a
mançava, o ipê, o alecrim, a unha-de-gato, o fumo-bravo e a samambaia gigante...*

Em seu canto vibrou, vibra e vibrará, o clarim metálico da nacionalidade.

*Você é o poema grandiloqüente das nossas emoções e encantamentos! A voz da própria
raça! O hino augusto da Pátria!...*

(SEREJO, 1971, p. 27-8)

“ A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. A linguagem é sempre comunicação (e, portanto, persuasão), mas ela o é na medida em que é produção de sentido” (FIORIN, 1989, p. 52. apud MEDEIROS, 2005).

RESUMO

A proposta para esta Dissertação define-se como a realização de um estudo cultural assentado nas obras do Acadêmico sul-mato-grossense Hélio Serejo, através da recuperação, descrição e análise dos recursos estilísticos, retóricos e argumentativos. Os dois capítulos iniciais consistem em um tipo de painel representativo de vários elementos que refletem o período correspondente à expansão de colonização e que, por isso, integram a formação sócio-cultural-ideológica e, sobretudo, lingüística, cunhando a identidade da região fronteiriça, situada a oeste de Mato Grosso do Sul, face às demais regiões brasileiras. O estudo de alguns fragmentos retirados de obras de Serejo, nos dois capítulos iniciais, justifica-se pela necessidade de fazer uma apresentação de aspectos relevantes para a Cultura e Literatura sul-mato-grossenses recolhidos e re(a)presentados sob a ótica desse Autor. Para tanto, valho-me dos pressupostos teóricos da Estilística e da Crítica literária. Procuo estabelecer pontos de contato entre a sistematização de autores como Pontes (1981) e Candido (1962), de cuja dialética sobressaem, sobretudo, pontos de vista contrastantes, que sinalizam para a necessidade de se repensar e reescrever parte da teoria e crítica literária sul-mato-grossenses. No terceiro capítulo, um discurso laudatório, do autor em estudo, amplia o *corpus* da pesquisa e é analisado pela perspectiva da Retórica e da Argumentação, com fundamento na doutrina de Aristóteles [s.d.], Tringali (1988), Perelman (2002), entre outros, com a finalidade de verificar a produção dos argumentos e o seu correspondente efeito persuasivo de sentido. A partir da reflexão sobre os textos foi possível verificar a existência de duas modalidades discursivas predominantes na escritura de Hélio Serejo. De um lado, um narrador tradicional, que, investido de uma sabedoria local, pretende perpetuar a tradição através da recuperação e registro das narrativas históricas entremeadas de ficção. Por outro lado, aparece o orador acadêmico, que, cômico do seu papel social, pretende relativizar o distanciamento metodológico dessas duas realidades lingüístico-culturais e, para tanto, põe em destaque o seu poder de persuasão. A expressão verbal retratada no *corpus*, para materializar o pensamento, reveste-se de uma seleção lexical apropriada para revelar o lado pitoresco da região e a simplicidade do orador. Já as figuras, as imagens, as tópicos e os argumentos criados a partir dessa realidade aparecem como resultado de um raciocínio contundente, na perspectiva de promover a adesão dos espíritos.

Palavras-chave: Filologia; Retórica; Hélio Serejo; Literatura brasileira.

ABSTRACT

The proposal for this Dissertation is defined as the accomplishment of a cultural approach based in the works of the Brazilian writer Hélio Serejo, from the state of Mato Grosso do Sul, through the recovery, description and analysis of the rhetorical-argumentative resources. The two initial chapters consist of a kind of representative panel of several elements that reflect the period corresponding to the colonization expansion and integrate the partner-cultural-ideological and, above all, linguistic formation, coining the identity of this frontier region, in the West of Mato Grosso do Sul, face to the other Brazilian regions. The study of some fragments from Serejo works, in the two initial chapters, is justified for the need of doing a presentation of relevant aspects for the Culture and Literature from Mato Grosso do Sul collected and presented/represented under the Author's optics. For so much, it is based on the theoretical presuppositions of Stylistics and Literary Criticism. It was tried to establish contact points among systemizations made by Bridges (1981) and Cândido (1962), from whose dialectics stands out, above all, contrasting points of view, that signal for the need of rethinking and redrafting part of the literary theory and criticism in Mato Grosso do Sul. In the third chapter, a laudatory speech, made by the author in focus, enlarges the corpus of the research and is analyzed by the perspective of Rhetoric and Argumentation, based on Aristotle's [s.d.], Tringali's (1988), Perelman's (2002) doctrines, among others, with the purpose of verifying the production of the arguments and their correspondent persuasive effect in sense. After reflecting on these texts it was possible to verify the existence of two predominant discursive modalities in Hélio Serejo's writing. On one side, a traditional narrator that invested of a local wisdom intends to perpetuate the tradition through the recovery and registration of the intermixed historical fictional narratives. On the other hand, it appears that the academic speaker is aware of its social role, but intends to relativize the methodological estrangement of these two linguistic-cultural realities and, therefore, puts in prominence its persuasion power. The verbal expression portrayed in the corpus, to materialize the thought, is covered of an appropriate lexical selection to reveal the picturesque side of the area and the speaker's simplicity. With regard to the illustrations, the images, the topicality and the arguments created from that reality, they appear as a result of a contusing reasoning, in order to promote the adhesion of the spirits.

Key words: Philology; Rhetoric; Hélio Serejo; Brazilian literature.

SUMÁRIO

	P.
RESUMO	
ABSTRACT	
SUMÁRIO	
DADOS CURRICULARES	11
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – CULTURA, HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA: relações com a escritura serejeana	27
1.1 Definição de Cultura	27
1.2 Aspectos da cultura sul-mato-grossense da ótica serejeana	29
1.3 Historiografia literária	35
1.3.1 Conceituação e métodos	35
1.3.2 Temas sul-mato-grossenses	37
1.3.3 Autores e trabalhos sul-mato-grossenses	41
CAPÍTULO II – HÉLIO SEREJO: ENGENHOSO CARAÍ-TUJÁ	52
2.1 O Acadêmico	52
2.2 Principais discursos	53
2.3 O homem e as obras	58
2.3.1 A obra literária	72
CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RECURSOS RETÓRICO-ARGUMENTATIVOS	76
3.1 Ciências da Linguagem: Alguns enfoques	77
3.1.1 Concepções de Linguagem	77
3.1.1.1 Expressão do Pensamento	77
3.1.1.2 Instrumento de Comunicação	78
3.1.1.3 Forma de Interação	78
3.2 Breves considerações sobre Retórica	80
3.3 O Discurso retórico	83
3.4 Resgate clássico e sua recriação contemporânea	85
3.4.1 Forma e matéria	85
3.5 Instâncias do discurso: Descrição e análise do <i>corpus</i>	88
3.5.1 Eu sou o ...	88
3.5.2 Eu vim dos ...	96
3.5.3 Fui no perpassar ...	100
3.5.4 Procurei cantar ...	103
3.5.5 Fui gemido ...	104
3.5.6 Reproduzo os versos ...	107
3.5.7 Que gota d'água ...	111
3.5.8 Vim, meus irmãos ...	113
3.5.9 Vim, meus impolutos e nobres confrades ...	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	129
GLOSSÁRIO	136
ANEXO	139

DADOS CURRICULARES

A motivação que me leva a trabalhar numa pesquisa que tem como objeto de estudo os aspectos lingüísticos e culturais da região sul do Estado de Mato Grosso, hoje, compreendida pelo atual Estado de Mato Grosso do Sul, deve-se ao fato de ser e sentir-me a um só tempo, devedora e tributária desse espaço geográfico-histórico-cultural, resultado de uma epopéia histórica, bem como de uma migração diversificada que ao longo do tempo forjou essa *gente audaz*.

Residindo há quase trinta anos nessa região, onde concluí desde os estudos da primeira Graduação e persegui, sem prepotência, mas com sagacidade, as diferentes espécies de *tapes*¹, ou seja, percorri caminhos que apresentaram diferentes graus de dificuldades, na transposição dos maiores ou menores obstáculos, para a minha formação pessoal e qualificação profissional, cujo escopo final centra-se no desejo e na preocupação de compartilhar experiências, promovendo e gerando (in)formação com aqueles que comigo convivem e cooperam, quer no âmbito profissional/intelectual, quer na esfera social/ familiar, pois, somente desta forma, entendo ser tributária à comunidade sul-mato-grossense.

Iniciei a carreira docente, quando o Estado do Mato Grosso do Sul ainda pertencia ao Estado de Mato Grosso (1975); depois, aprovada em Concurso Público pelo (novo) Estado de Mato Grosso do Sul (1980) passei a ocupar o cargo de Professor no Ensino de 1º e 2º graus (à época) até 1997; tive um rápida passagem pela UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como Professora contratada temporariamente (1998); atualmente, detentora do título de Professor de Ensino Superior através de Concurso Público de Provas e Títulos (1999), da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, lotada nas

¹ FERREIRA (1986, p. 327) registra a seguinte acepção para o termo ‘caminho’ “faixa de terreno destinada ao trânsito de um para o outro ponto; estrada, vereda, via, trilho”. Hélio Serejo, por sua vez, para nomear o mesmo referente, utiliza o termo *tape* e esclarece que havia três tipos de *tapes*: *tape-guaçu*, *tape-hacienda* e *tape-poi*. *Tape-guaçu* designa “a estrada principal, maior, ampla, destocada e cuidadosamente limpa, que em várias direções, atravessa o *caati* (erval), servindo para trânsito de carretas e caminhões ou tropas de *arrias*, (animais que transportam o mate, já ensacado,)”; *tape-hacienda* é definida como “o caminho mestre, ou melhor, caminho de casa como é comumente designado entre a peonada dos ervais” e *tape-poi* como “os trilhos estreitos, mal cuidados, autênticos trilhos de cabras, pelos quais caminham os *mineiros* (peões que procedem ao corte da erva-mate)”. (SEREJO, 1990, p. 05)

disciplinas: Aspectos Diacrônicos do Português, no Curso de Letras; Língua Portuguesa e Linguagem Forense, no Curso de Direito, e Língua Portuguesa, no Curso de Química.

Bacharel em Direito pela Universidade da Grande Dourados – UNIGRAN – com conclusão de curso em dezembro de 1997 e colação de grau em janeiro de 1998. O contato com o meio das Ciências Jurídicas contribuiu muito para esta decisão de estudar um componente que me permitisse transitar com maior segurança nas duas áreas de atuação docente. Assim, os conhecimentos teóricos específicos das Ciências da Linguagem, num primeiro momento, serviram de suporte para a aquisição da doutrina jurídica. Conseqüência direta: a necessidade de aprofundamento de algumas questões que são recorrentes em ambas as Ciências. Portanto, analisar a retórica e a argumentação numa perspectiva ética, dentro da obra de Hélio Serejo, pareceu-me coerente pelo fato de ele se pautar pela simplicidade, fato que hoje está amplamente referendado pela Nova retórica e em favor dos novos direitos.

INTRODUÇÃO

O desempenho das atividades anteriormente descritas promoveu a busca e o contato com uma variedade de saberes: ora no campo do conhecimento científico, ora do âmbito do conhecimento empírico, da experiência profissional, dos intercâmbios culturais, das relações sociais, dos contatos pessoais, tudo concorrendo para uma melhor compreensão dos agentes que desencadeiam todo processo de mudanças e que me impulsionam a buscar, cada vez mais, a assimilação dos fatos resultantes dessas intervenções, uma vez que a interação social é o pressuposto sobre o qual se assenta toda e qualquer produção humana.

Assim, creio ser possível fazer uma abordagem cultural assentada nas obras de Hélio Serejo, através da recuperação e descrição dos recursos retórico-argumentativos que, embora incorporando, de forma personalíssima, a sua obra literária, não deixam de ser reflexos de uma época e de uma cultura vivenciada na região sul do sertão de Mato Grosso, à época da expansão de colonização a partir da década de 30 do século XX e que, por isso, integram a formação sócio-cultural-ideológica e, sobretudo, lingüística, cunhando a sua identidade, face às demais regiões brasileiras. O desafio que se impõe é conhecer esse homem, redescobrir a sua linguagem, resgatar a sua poética, revestidos de história e cultura regionais.

Dentre as possibilidades lingüísticas de que lança mão o escritor para a composição do seu texto, seguramente, a mudança de significado de um termo e a construção de um sentido particular apresentam-se como um recurso discreto, porém, não menos expressivo que qualquer um outro. A mudança semântica é um recurso que tem o poder de mostrar criatividade e originalidade ao percorrer o caminho da evolução e atualização dos fatos histórico-sociais traduzíveis pelos fenômenos lingüísticos. Ullmann (1964, p. 64) afirma:

sejam quais forem as causas que produzam a mudança, deve haver sempre alguma ligação, alguma associação, entre o significado antigo e o novo. (...) a associação pode ser considerada como uma condição necessária, um *sine qua non* da mudança semântica.

A opção de se estudar Hélio Serejo encontra justificativa nas seguintes razões: as poucas pesquisas sobre o seu estilo de escritura que, antecipadamente, pode-se afirmar, não

segue os paradigmas somente de uma ou de outra escola literária. Verificam-se várias tendências: há passagens de extremado lirismo, criando uma atmosfera romântica; noutras o relato é acentuadamente realista/naturalista, causando um assombro pela crueza que se apresenta; visualiza-se em muitas descrições a sugestão impressionista, como se aquele quadro tivesse saído do pincel de algum artista consagrado; cenas burlesco-grotescas são exibidas, na intenção de apresentar a faceta cômico-trágica da vida cabocla; as incipientes pesquisas sobre a importância da sua obra como documentação de uma época de ocupação e colonização da região da fronteira Brasil-Paraguai e das atividades socioeconômicas ali desenvolvidas, o *modus vivendi* do homem fronteiriço com seus mitos, lendas e abusões revividos por um discurso retórico e poético.

Nesse sentido, convém ressaltar a importância de dois estudos científicos sobre Hélio Serejo. Tratam-se de duas Dissertações de Mestrado: uma na área de literatura intitulada *Marcha por uma literatura sul-mato-grossense: o conto regional de Hélio Serejo*, 2004, de Cesar Luiz Oliveira Viegas, da UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - campus de Três Lagoas; a outra na área de lingüística *Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo*, 2003, por Neide Araújo Castilho Teno, também da UFMS, campus de Três Lagoas. Em Serejo (1991, p. 33-4), colhi este fragmento, transcrevo-o como um exemplo parcial do que se afirmou acima:

Redemunho do mês de março, traz seca de torrar o chão, peste de gado e de gente, sol que esturrica tudo, miséria e ... desolação em todas as choças perdidas nos cafundós e brenhas.

Quando se forma e se levanta no mês de agosto, no meio da estrada ou nas várzeas comboridas e se enraivece e vai e volta, e sobe e desce, num pandemônio assustador, erguendo folhas e girandolando gravetos, enchendo de poeira os olhos do expectador temeroso, é Satanás – pai dele – que está convidando o seu exército de diabinhos para mais uma festa na estância do Inferno. Nesse dia, a diabalhada toda se assanha. E fica fogueta...

Mas redemunho não guenta nada. Se ele, diabo, é, mata-se-o, à toinha. É só fazer o sinal da cruz, rezar uma prece, que ele foge espavorido e só voltará a esse lugar, passados sete anos.

Falar da obra de Hélio Serejo pressupõe fazer-se, com antecedência, uma breve viagem pelo “velho” Mato Grosso, tecendo algumas considerações espaço-temporais

relevantes para a melhor apreciação deste estudo e, também, porque assim requer o caráter regional da sua ficção. Para tanto, serão abordados aspectos da geografia física: topografia, flora, fauna, campos e rios, fecundidade, minérios, pantanal, clima, chuvas. Sob o prisma da geografia humana, serão apontadas as relações do homem fronteiriço com o outro homem e com o meio como marco sinalizador da existência de uma singularidade socioeconômica e cultural, cujas características pessoais, lingüísticas, locativas e temporais compõem a identidade da região oeste, na fronteira Brasil-Paraguai, no final do Século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Uma mostra significativa, embora parcial da visão de Hélio Serejo, revela a poética de que as pequenas coisas da terra estão impregnadas e que podem ser traduzidas pela linguagem simples que emociona e encanta. Falando de um “regio-d’água” (SEREJO, 1991, p.29-30), assim se expressa:

Igual a uma serpente, coleante, ele atravessa o pasto, vindo da pindaíva, e chega mansamente, na casa. É o enfeite da Estância. Bonito, na tarde morrente; e cheio de graça, bem evocativo, espelhado pelo luar.

(...)

Quando ele cai, lá embaixo, próximo ao monjolo, ou na bica da deságua, a gente ouve os seus queixumes... doces queixumes de ternura e exultação! E a fazenda fica, então, embalada por aquele murmúrio evocador, que se casa magistralmente, com a algazarra da doida passarada esvoaçante.

Se o céu se torna onusto, e o vento sopra baixo, reboliçante, ele parece que cresce ainda mais, na sua majestade crioula, e se põe a espumegar. Fica importantão, mais do que nunca, porque sabe que engulirá (sic) as bordas e sairá, campo a fora, para lambar a terra e levar tudo de roldão.

Foi sacudido pelo trovão; está de lombo duro; a chuva copiosa avolumou seu corpo; não respeita ninguém; quer sair, em enxurradas, pela ribanceira... e sai mesmo!

Na seca prolongada, na grande e tormentosa estiagem, sim, fica timidamente metido no seu leito, e parece mais uma minhoquinha se espreguiçando ao solzinho brando da tarde...

Regio-d’água, quando um dia você desaparecer comido pelo deserto, as estâncias também morrerão!...

Você é a sua artéria. Estrangulada esta, como se manter o corpo?

Dentro desse contexto, situa-se a vivência e a produção literária de Hélio Serejo, objeto do presente estudo. Preliminarmente, o homem Hélio Serejo é um escritor sul-mato-grossense, nascido no município de Nioaque – MS, no ano de 1912, mês de junho, dia 1º.

Talvez a crônica “Junho festivo...” (SEREJO, 1986, p. 6) possa dar uma mostra do elo que o liga a este mês.

(...) Quando ele chegou no “trinta e um” derradeiro, veio “junho”, o sexto mês do nosso calendário. No princípio, abrumado, sonolento, tudo parado; logo depois surgiu um ventinho medroso; em seguida, a chuva, que puxou o frio que estava escondido nas matas. (...) Como sou deste mês, com ele, convivo alegremente. Acendo durante o seu reinado, na imaginação, um mundão de fogueiras que vão embelezando os contornos das cidades e os desvãos da sertania festiva. (...)

A leitura da obra *Os 13 pontos de Hélio Serejo* escrita por Elpídio Reis², compilada com a fidelidade daquele que de perto e há muito conhece e convive com Serejo, parece adequada para uma exposição breve sobre o seu itinerário de homem sertanejo, seus anseios profissionais, suas ações de benemerência, seu nacionalismo e sua vasta obra literária.

Quanto à obra escrita, perfaz um total de sessenta livros (1ª publicação em 1935 e a última de que tenho conhecimento em 2002) voltados para a cultura popular em Mato Grosso do Sul cuja temática abrangente contempla aspectos folclóricos, sociológicos, etnográficos, antro-po-culturais resultado de incessantes pesquisas, observações e anotações empregadas na tessitura de suas narrativas e na pintura dos retratos de sua mundivivência pelos ervais e pradarias da região sul-mato-grossense. Quanto ao gênero, predomina a prosa, sendo marcante a presença de textos que são verdadeiros poemas em prosa. Há também, no conjunto, a presença de poesia crioula; versos ternos que recendem o cheiro e espelham a cor do sertão; como há, também, sonetos, perfeitamente elaborados como só os grandes o fizeram.

Além desse, vários intelectuais externaram a sua apreciação sobre a obra serejeana: José de Mesquita³ se reporta a sua literatura nos seguintes termos (apud SEREJO, 1952, p. 8):

Os seus contos, meu caro Hélio, são pedaços da vida, recortados na carne sangrenta da realidade. Vivem neles, palpantes e frementes, - como em

²Jornalista, poeta, contista, romancista, biógrafo de Hélio Serejo, com quem conviveu nos ervais do sul de Mato Grosso. Confrades na Academia Sul mato-grossense de Letras.

³Foi desembargador, considerado um dos maiores intelectuais mato-grossense. Prefaciou o livro *Prosa Rude*, escrito por HS em 1952, de onde extraí este excerto.

músculos sadios o sangue que jorra mais forte –os tipos e costumes, o fraseado e as paisagens da nossa interlândia maravilhosa, sobressaindo de todos, como a animá-los a alma simples e impetuosa do caboclo, avessa à doblez e aos oportunismos, às convenções e às mentiras da pseudo-civilização de que se jactam os litorâneos.

As palavras abaixo foram extraídas de um fragmento do estudo crítico de literatura, feito por Enilde Mougnot Pires⁴.

Sua escritura apresenta o realismo fantástico. Os personagens são reais, e os feitos podem ser fabulosos e não poucas vezes, fantásticos da mistura de verdades, meias-verdades ou um quarto de verdades. O fascinante desses contos é o vaivém, o trânsito entre protagonistas e a arte da fabulação circunstancial. Segundo o escritor a invenção ficcional se inscreve dentro de situações estritamente documentadas pelos usos e costumes regionais, pelas lendas, tradições relacionadas com a atividade ervateira. A fórmula está na pesquisa registrada em seus célebres “Cadernos Argentinos”. Ricos em detalhes sobre dados gerais, Hélio Serejo se debruça na história para costurar as diversas cenas de um tempo apoteótico exposto em inúmeros temas. O importante não é o luar, os pássaros ou a lagoa solitária observados por ele. O importante é a pintura impressionista desses temas, o vocabulário do dia-a-dia a buscar o prazer visual. Talvez por aí se explique a sedução ou o encanto com que ele vem envolvendo tanto o leitor brasileiro, quanto o leitor estrangeiro, simplesmente atraído pelo que há nos jogos narrativos e pelo quase constante triunfo de suas virtudes literárias de expressão. A verdade é que o tempero do espírito caboclo é às vezes mais forte do que se pensa.

Tragédia Rústica é um dos contos que compõem a obra *Prosa Rude* de Hélio Serejo. O título como também a epígrafe já sinalizam para o leitor que o trágico vem à tona. O que espanta é a forma grotesca das cenas pré-anunciadas. É da epígrafe o fragmento a seguir:

No lusco-fusco, quando as gralhas de bugre vinham pousar para o descanso noturno, no cucuruto da figueira brava, tinha-se impressão de que uma legião macabra de duendes, de sacis-parerês e almas do outro mundo, vinha rondar a mísera morada da velhinha tísica... (p.89).

⁴ Professora universitária, Doutora em Letras e Literatura com curso de aperfeiçoamento na França. Prefaciou o livro *Contos Crioulos* de Hélio Serejo, editado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, em 1998.

A imagem que se delinea sugere a tonalidade escura tão bem marcada pela incidência de palavras com tantos “us”. É a cor negra pressagiando a morte. Essa figura temática é enfatizada pela seleção vocabular das palavras caracterizadoras: *brava, macabra, do outro mundo, mísera, tísica*, que funcionam como indícios de que a ‘magra mulher sem rosto, envolta em um pano, com uma foice na mão’ está para surgir, repentinamente, em qualquer canto. As entidades *duendes, sacis-pererês e almas* penadas são ampliadas pelos recursos expressivos (já comentados), de forma que o leitor passa a percorrer com eles esse ambiente de miséria, mistério e morte.

O epílogo do conto é tão dramaticamente tecido que a cena descrita impressiona e sensibiliza pelo fato de atingir quase que todos os sentidos. Através da percepção visual, auditiva, olfativa e emotiva aquele momento, que reflete um quadro de completa insanidade adquire cor, cheiro e som que intensificam a ação causando uma certa náusea, uma certa dose de repulsa, quer do ponto de vista físico, quer pelo aspecto revelador de um estado emocional deprimente.

Ontem os moradores de Água Limpa, vindo de todas as bibocas, compareceram àquela miserável choupana para acompanharem até a última morada o corpo de Nhá Palmira. Que Deus me perdoe, mas aquilo não era mais corpo, não: era uma posta só de carne e osso moído. Nem os olhos, sequer, refletores da sua bondade divina, ali apareciam. A cabeça branca confundiu-se com o pescoço e a caixa óssea. Tudo havia acontecido como o médico previra: as células entraram em choque, e o cérebro já combalido não pôde (sic) resistir a queda bruta da resistência orgânica, e aquele filho, infinitamente infeliz, apoderou-se de uma mão de pilão e golpeou desapiadadamente, cego, hediondo, vociferando, rugindo como uma fera demoníaca, o corpo anguloso da mãe enferma...

E golpeou-o até vê-lo transformado naquele amontoado disforme e impressionante de carne humana... (p.102).

Por meio de uma leitura rápida sobre os títulos da obra serejeana é possível reconhecer qual o padrão de textos que o Autor põe a público e reconhecer que um cenário, predominantemente rural, será o palco onde se movimentarão os tipos regionais, vivenciando cenas e desempenhando atividades inerentes a esse meio. Desta forma, o leitor ou crítico apressado corre o risco de, imprevidentemente, rotular a obra como desimportante, simplista ou qualquer coisa deste gênero. O que se esconde sob tão singelos

títulos é revelado, no texto, por uma expressiva e trabalhada linguagem, capaz de sugerir imagens tão apropriadas ao drama, ao quadro, ao tipo, que arranca ao leitor um comentário, uma interjeição, ou, pelo menos, uma expressão fisionômica modificada. Difícil é não se sentir mexido. Aproveito as palavras de Otávio Gonçalves Gomes⁵ para, com elas, reiterar o meu pensamento.

Quando passamos os olhos pelos títulos e páginas dos livros desse mestre sul-mato-grossense, não sabemos o que mais admirar: se as figuras, os tipos exóticos, o cenário ou o enredo intrincado dos seus dramas tragicômicos e, muitas vezes pungentes.

Assim, usando o hilariante, o excêntrico, o heróico ou o desprezível, Hélio Serejo, tudo fixa e consegue repassar para a posteridade, nesse material fabuloso de aspectos e fatos da vida ervaiteira de outrora. (...) Não foi à toa que ganhou – e merecidamente – o(s) título(s) de ‘exuberante criador de imagens’. (apud SEREJO, 1987, 2ª orelha).

O *corpus* que permitirá a aplicação de descrição e análise dos fenômenos lingüísticos, em conformidade com os fundamentos teóricos em discussão constitui-se excertos destacados de algumas obras de Hélio Serejo que retratam a dura e perigosa realidade dos ervais e, a não menos inóspita forma de vida, vivida nas pradarias e estâncias de gado da fronteira Brasil/ Paraguai no final do século XIX e até meados do século XX. Assim, trechos de crônicas, de contos, de poesias que descrevem a ambiência sul-mato-grossense são apreciadas com a finalidade de registrar a inspiração do poeta-prosador. Também integra o *corpus* um texto laudatório escrito por Serejo. Trata-se do *Discurso de Posse* dirigido à Academia Mato-grossense de Letras, lido em solenidade realizada no dia 19 de Outubro de 1973, mas para a qual fora eleito em 27 de Novembro de 1953 (Doc. anexo). (REIS, 1980, p. 13).

Houve preocupação com elementos pertencentes a uma época, a um determinado ambiente, em algum lugar demarcado geograficamente e sociologicamente diferenciado, representantes de um traço lingüístico-cultural, uma vez que a partir deles que foram trabalhados os recursos retórico-argumentativos. É ponto pacífico que questões lingüístico-culturais não apresentam grande mobilidade em curto espaço de tempo. O que leva a crer que a argumentação elaborada por Serejo não difira muito daquela conhecida desde a tradição clássica. Neste sentido, serão considerados alguns aspectos léxico-sintático-

⁵ Escritor da Academia sul-mato-grossense de Letras.

semânticos que se mostram produtivos à composição dos recursos expressivos responsáveis pela organização e caracterização da argumentação. discurso laudatório.

Assim sendo, faz-se um levantamento das especificidades retórico-argumentativas empregadas na construção das imagens, na descrição impressionista, na predominância das figuras que permeiam a escritura serejeana identificadas no *corpus*, na seleção dos componentes persuasivos salientando-se o seu emprego como elemento fundamental na tessitura dos argumentos para o desvelamento do caráter e da ambiência sertanejos; de fatos históricos que, embora pretendam manterem-se fiéis à História Regional e Nacional, por intermédio da pena de Serejo, chegam até ao leitor acrescidas de um realismo fantástico, instigando-o a procurar, naquelas obras, o tempero que encanta e atrai.

O enfoque preliminar está centrado na apresentação do universo com o objetivo de descrever o ambiente histórico-geográfico e cultural que serve de pano-de-fundo para a escritura serejeana. Uma abordagem da cultura híbrida resultante da coexistência de várias etnias numa área limítrofe pode ser significativa para a compreensão de fatos sociais, valores éticos e componentes lingüísticos recriados e expressos na crônica, na poética e na argumentação discursiva de Hélio Serejo. Vem daí a necessidade da inserção de dados que contextualizem o papel social do sujeito naquele passado histórico e a sua importância para as relações com o momento atual. Para tanto, valho-me das leituras realizadas em manuais de literatura regional que especificam vários segmentos sócio-histórico-culturais e nos reduzidos estudos acadêmicos atuais que fornecem pistas para a discussão das ocorrências retórico-argumentativas desse autor.

Acredito, também, na relevância das noções estilísticas, acentuadamente nos níveis fono-morfossintático e léxico-semântico, uma vez que a construção das imagens verbais, sobretudo nas citações que ilustram os dois capítulos iniciais, e a conseqüente descrição implicam na apreensão das mudanças ocorridas nesses níveis da língua que gerarão as novas formas, tanto pela disposição dos elementos estruturais, quanto pelas alterações, associações e ressignificação. Segundo Verney (apud LAUSBERG, 1970, p. 26),

Não há língua neste mundo tão fecunda de palavras, que possa exprimir todas as idéias do entendimento... Daqui nasceu a necessidade de servir-se de algum modo de exprimir que, ainda que não diga tudo, excite

diversas idéias no entendimento, e poupe o trabalho de proferir muitas palavras.

A etapa seguinte dos estudos está centrada nos referenciais teóricos que fornecerão os subsídios para a análise do *corpus*. Dessa forma, a leitura de uma bibliografia geral e de referenciais específicos realizada ao longo do processo permitiram a apropriação de um aparato necessário à identificação das ocorrências lingüísticas perseguidas neste trabalho, bem como a sua descrição de acordo com os pressupostos teóricos que fundamentam a arte retórica e a nova retórica: a argumentação. Na verdade, este é um assunto que apresenta algumas controvérsias, porque, ainda vigem resquícios de um entendimento deturpado sobre a Retórica, ou seja, há aqueles que conservam uma idéia da Retórica fundada nos moldes barrocos, evidenciando um grau de afastamento das sistematizações aristotélicas e de suas atualizações contemporâneas, por exemplo, a “Nova Retórica”.

Já disse ao princípio que, sendo a Retórica arte de persuadir, tinha lugar em todo discurso que seja proferido com este fim. Do que se segue que a Retórica tem tanta extensão, quanta qualquer língua; o que muitos não entendem, ainda dos que lêem as Retóricas. Parece paradoxo a muitos enfarinhados nos estudos dizer-se que numa carta, que é escrita em estilo simples, numa poesia, na História e num discurso familiar, etc., deve ter lugar a Retórica. E isso provém de entenderem que a Retórica consiste em figuras mui desusadas, tropos muito estudados, etc., e assim parece-lhes que não se casa uma coisa com outra... (LAUSBERG, 1970, p.26)

Após a revisão bibliográfica, a atenção volta-se para o detalhamento do *corpus*, momento em que os recursos lingüísticos empregados pelo autor são confrontados com as noções teóricas através de uma prática constante de leitura, releitura, anotação e reflexão, na tentativa de especificar ao máximo o objeto de pesquisa na descrição e análise subseqüentes. Nesta fase, importa verificar quais marcas permitem que Hélio Serejo possa ser considerado um criador de ficção, membro da Academia sul-mato-grossense de Letras, capaz de tecer segura argumentação embasada nos moldes clássicos, cujo destaque é o pitoresco regional, ou então, ceder a eventuais pré-considerações e reiterar a classificação ‘em um bom contador de histórias’. O que não deixa de ter o seu lugar no seio das comunidades, pois de acordo com o pensamento de Lausberg (1970, p. 76):

A aprendizagem da língua (materna) efectua-se normalmente sem um conhecimento consciente da estrutura gramatical e lexical da língua respectiva e, portanto, através de uma via empírica. De igual maneira, a aprendizagem de retórica (natural) para cada indivíduo, que participe activamente na vida de uma sociedade, faz-se sem conhecimento consciente da estrutura retórica e, portanto, através de uma via empírica. – Estes dois fatos, contudo, não contradizem a realidade (ainda que latente) das próprias estruturas lingüísticas e retóricas. Lingüística e retórica escolar têm exactamente como finalidade o conhecimento desta realidade, quase sempre latente para a consciência dos que falam e dos que ouvem.

Deve ficar assente que formas lingüísticas e retóricas são apenas “formas” que são carregadas, por intermédio da intenção (*voluntas*) actual do sujeito falante, com conteúdos que exercem efeito, nessa mesma altura, sobre o ouvinte, sendo eles os únicos que interessam a quem fala e a quem ouve (sobretudo no discurso de uso único). As formas são, assim, simples recipientes de um conteúdo que é relevante conforme a situação.

Em Tringali (1988, p. 61 a 101), encontra-se o modelo teórico que descreve as etapas de um discurso e que dá suporte à descrição e à análise do *corpus* no aspecto formal com as suas tópicos correspondentes quanto à adequação do conteúdo. Esta opção favorece este estudo, pois se assenta no modelo aristotélico que se encontra atualizado na doutrina de Perelman (2002). Este ao sistematizar a nova retórica procedeu ao resgate dos conceitos e classificações formuladas por Aristóteles, às quais acrescentou mudanças, sem, contudo, alterar-lhes a essência. De acordo com estes pressupostos, o discurso se perfaz por uma seqüência lógica: invenção (*inventio*), disposição (*dispositio*), elocução (*elocutio*), memória (memoria), ação (*actio, pronuntiatio*). (TRINGALI, 1988, p. 61).

Essas etapas se enfeixam num processo ao longo do qual o orador recolhe o material, elabora o seu plano de trabalho, faz a redação, memoriza o texto e, finalmente, apresenta o discurso, oralmente, para o público. Para Lausberg (1970, p. 91-115):

a) A *inventio* não é compreendida como um processo de criação, mas sim como um encontrar por meio da recordação (análoga à concepção platônica do saber): os pensamentos, aptos para o discurso, já existem, no subconsciente ou na semi-consciência do orador, como *copia rerum*, e só precisam ser despertados por uma hábil técnica mnemônica (...). A memória é compreendida como uma totalidade espacial, por cujas diferentes divisões (lugares: *topoi, loci*) os diferentes pensamentos estão distribuídos.

b) A *dispositio* é constituída pela escolha e ordenação favoráveis ao partido, as quais, no discurso concreto, se fazem dos pensamentos (*res*), das formulações lingüísticas (*verba*) e das formas artísticas (*figurae*). Os pensamentos estão à disposição do orador na *copia rerum*, as formulações lingüísticas, na *copia verborum*, e as formas artísticas na *copia figurarum*.

c) A *elocutio* é a expressão lingüística dos pensamentos encontrados pela *inventio*. (...) a expressão lingüística está dependente dos *praecepta* de duas artes: (...) da **gramática** que, é o sistema de regras que regulamentam a pureza lingüística e idiomática *ars bene loquendi*; da **retórica** que é o sistema de regras que garante o sucesso da persuasão *ars bene dicendi*.

d) A *memória* é a quarta fase de elaboração (a memorização do discurso).

e) A quinta fase de elaboração é a *pronuntiatio*, isto é, a pronúncia de um discurso e os gestos concomitantes.

As três primeiras etapas estão intimamente ligadas, sendo quase impossível operá-las isoladamente. Esse conjunto de atos corresponde ao que em lingüística se designam por relações paradigmáticas e relações sintagmáticas. A memória grandemente cultivada pela educação antiga foi hostilizada pela “nova escola” no final do século XIX, que também apregoava o combate à Retórica. A pronúncia ou declamação é o momento em que se consuma a natureza do discurso retórico. Além da linguagem verbal, esse momento é enriquecido, de forma acessória e subsidiária, por dois ramos da Paralingüística: a prosódia e a gestualidade.

Não é possível desenvolver-se um estudo de nível satisfatório se não se empreender uma busca cuidadosa nos monumentos lingüístico-literários que conservam os registros escritos que servirão como aportes para a realização deste tipo de pesquisa. Nessa perspectiva, referenciais de teoria e crítica literária; textos lingüísticos de áreas especializadas como estrutura, morfologia, lexicologia; teoria estilística adequada à criação dos recursos de estilo formam, ao lado da retórica e da argumentação, o acervo documental consultado para conferir credibilidade a este trabalho e referendar as considerações de minha autoria no decorrer do desenvolvimento, da análise e das considerações finais.

Finalmente, como a linha de pesquisa deste trabalho insere-se no âmbito dos estudos filológicos, há que se esclarecer a variedade dos seus pontos de contato. A diretriz adotada no sentido de delimitação resultou na opção por estudar uma linha restritiva da filologia: a explicação dos textos. Resulta daí a necessidade de recorrer a mais de uma

teoria lingüística que permita transitar por diferentes veredas, a fim de recolher o necessário referencial teórico para embasar, justificar e descrever as ocorrências e, em última instância, a coerente análise da forma e da geração de sentido. Para Lausberg (1967, p. 77):

Por seu lado, o filólogo não só deixa, segundo a intenção do poeta, a obra agir sobre si próprio, tal como aquela age sobre o público a quem o poeta se dirige, como também observa, além de tudo isso, a obra do poeta, como instrumentos do efeito pretendido. Daí a importância desta obra [para o presente trabalho], pois compreende uma caixa de instrumentos, que se destina a ser uma primeira orientação dos filólogos que se **iniciam**. (grifo meu).

O Capítulo I faz uma abordagem sobre a cultura e a historiografia literária sul-mato-grossenses ilustradas por fragmentos de textos recolhidos na obra de ficção de Hélio Serejo, com o intuito de estabelecer o contexto situacional em que se inscreve sua obra.

O Capítulo II faz a apresentação do escritor em estudo. Por se tratar de um autor contemporâneo e vivo, cuja escritura está voltada para os aspectos da região oeste de Mato Grosso do Sul, é oportuna a inserção de um capítulo em que se possa disponibilizar dados bastantes para breve conhecimento do homem-cidadão Hélio Serejo. Aqui também estão inseridas algumas citações demonstrativas da forma da expressão verbal desse prosador e poeta.

O Capítulo III é um misto de teoria e prática. Inicialmente, traz uma abordagem sucinta sobre forma e matéria do discurso na perspectiva clássica e na sua releitura contemporânea, com o intuito de fundamentar teoricamente a descrição e a análise das ocorrências estilo-retórico-argumentativas responsáveis pela retoricidade do *corpus*.

As Considerações Finais foram tecidas em duas partes distintas e, para isso, houve a necessidade de um acréscimo de informações que, embora não tivessem sido explicitadas na pesquisa jaziam em latência nas entrelinhas. Esse fato decorre, justamente, da constatação da presença de uma modalidade discursiva – aquela pela qual se expressa a escritura literária de Hélio Serejo – para cuja análise há que se considerar os aspectos que caracterizam a narrativa clássica e o narrador tradicional em oposição ao narrador pós-moderno.

Na segunda parte das Considerações Finais, está registrada a existência do Orador que, para compor o seu discurso, vale-se dos pressupostos da Retórica Antiga e das técnicas argumentativas como estratégias necessárias à produção do sentido desejável àquele momento especial e particular, registrado no pensamento como representante de suas crenças e revelado por uma expressão lingüística de intenção persuasiva.

As Referências bibliográficas representam o conjunto da Literatura que subsidiou a pesquisa. São obras teóricas, metodológicas, lingüísticas, literárias gerais e/ou específicas com a intenção de por intermédio delas conferir maior credibilidade ao trabalho e a necessária fidedignidade às informações pesquisadas. E, por ser óbvio, estão também elencadas aquelas obras de Serejo que, além de representativas do *corpus*, compõem parte do referencial que me permitiu verificar uma fração do seu fazer discursivo.

O anexo é uma cópia escaneada do Discurso de Posse de Hélio Serejo na Academia Mato-grossense de Letras. Esse documento é o aporte sobre o qual se assenta a análise retórico-argumentativa do discurso persuasivo. O texto matriz foi retirado de Reis (1980). No corpo do trabalho, precisamente, no terceiro capítulo, fiz um arranjo gráfico dos parágrafos originais, reunindo-os conforme as tópicas discutidas. O documento encontra-se, na íntegra, nessa seção, com destaque para a parte objeto do presente estudo que está numerado de cinco em cinco linhas, com o objetivo de facilitar a verificação de alguma dúvida suscitada na leitura e compreensão dos blocos anteriores. Convém ressaltar aqui que a numeração das linhas do Discurso, no documento inteiro, não corresponde fielmente à numeração das linhas (por mim) organizadas nos blocos do corpo do texto.

Por fim, o Glossário com 102 termos e seus respectivos verbetes representa uma síntese, transcrita de Glossários que integram algumas obras de Serejo como: *Prosa rude* (1952), *Rincão dos xucros* (1971), *Palanques da terra nativa* (1983), *Os heróis da erva* (1987), *Caraí ervateiro* (1990), *Contos Crioulos* (1998), dentre outras. A função dessa descrição terminológica é subsidiar informações rápidas à dúvidas eventuais.

O texto serejeano se distingue, justamente, por algumas escolhas lingüísticas que, ora recolhidas da tradição oral, ora apropriadas como resultado da influência dos povos que migraram para o oeste de Mato Grosso, ora recriadas a partir do gênio inventivo do autor, carecem de definição, por que marcadas pela variações diacrônicas, diatópicas e diastráticas

a que as línguas, por sua natureza dinâmica, estão sujeitas. Matoso Câmara (1973, p. 276), argumenta “que a língua, entendida em sua significação *lata*, abarcando todo um país ou até um grupo de países, não é uma nem em sua extensão territorial nem em sua estratificação social”.

CAPÍTULO I

CULTURA, HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA: relações com a escritura serejeana

*... vemos como é reversível a relação “obra-circunstância”, e como as considerações históricas, longe de desvirtuarem a interpretação dos autores e dos movimentos
podem levar a um juízo estético mais justo.*

(Antonio Candido, 1962)

1.1 Definição de Cultura

O termo cultura passou a ser empregado na acepção antropológica no final do século XIX e começo do século XX, quando estudiosos da Antropologia começaram a estudar as sociedades “primitivas” e observaram as diferenças nos valores, atitudes e comportamentos. Cultura pode ser definida como a totalidade dos bens espirituais e materiais que caracterizam um agrupamento humano. Abrange não só o conjunto de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, como também os padrões de conduta e atitudes de uma determinada sociedade.

A cultura, na medida em que representa um conjunto básico de premissas, convicções e regras implícitas, serve como mecanismo de controle que norteia as atitudes e comportamentos dos agentes sociais. É transmitida aos indivíduos, por meio de diversas formas, dentro do processo de socialização que visa a “ensinar” o que é importante para aquela sociedade. Assim, as histórias, os rituais, os símbolos e, sobretudo, a linguagem são alguns dos elementos formadores da percepção do indivíduo, para a sua inserção e permanência naquele grupo.

A conformidade às regras que regulam o seu comportamento torna-se a base fundamental para a obtenção de toda e qualquer forma de recompensa e mobilidade ascendente. Por outro lado, a não conformidade às regras produz resultados espontâneos como o da rejeição, ou pré-determinados como a punição.

Vale ressaltar que o aspecto cultural de uma dada sociedade acaba cumprindo algumas funções importantes. Os seus membros organizam-se de acordo com um sistema de valores que os caracteriza diferenciando-os de outros e, por isso, ao mesmo tempo em que os individualiza, define fronteiras que os distinguem dos demais. Decorre daí o senso de identidade que os agrega, o que, por sua vez, gera maior comprometimento com aquilo que poderá ser útil à grande maioria. Finalmente, a cultura promove a estabilidade de um sistema social, pois a comunhão de valores, além de facilitar a integração para a solução de conflitos internos e/ou externos, concorre para a manutenção dos conceitos próprios daquele grupo.

Um símile bastante significativo para representar o conceito de cultura apreendi em Benedict (apud, LARAIA, 2000, p. 69), segundo o qual “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”. Assim, homens e mulheres de culturas diferentes *usam* lentes distintas que lhes proporcionam, na maioria das vezes, concepções de mundo conflitantes e/ou contraditórias. O comportamento de um indivíduo frente a um determinado referencial em seu grupo originário pode causar estranheza, distanciamento ou até rejeição aos integrantes de outro grupo que cultiva outros valores culturais. Aquilo que ao primeiro grupo representa um conjunto ordenado constituído de formas definidas, com um significado qualitativo e uma referência espacial, poderá despertar no segundo grupo uma reação depreciativa, suscitar a discriminação em face de um *comportamento desviante*.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de determinada cultura (LARAIA, 2000, p.70).

Isso contribui para a identificação de indivíduos de culturas diferentes. Traços característicos da maneira de agir, vestir, comer e, sobretudo as evidências lingüísticas são facilmente captados pela observação empírica. Daí a necessidade de se compreender o homem como uma totalidade: ser em contato com a natureza e com outros homens, nas diversas instâncias da vida social, que se modifica com o tempo, que se adapta, cria e recria a realidade, transmite conhecimentos a outras gerações (CENTENO e BRITO, 2004).

1.2 Aspectos da cultura sul-mato-grossense na ótica serejeana

Em Mato Grosso do Sul, encontra grande emprego e larga aceitação, em reuniões festivas e ambientes descontraídos, a expressão: - *grita, paraguai!* Em meados da década de 70 (o Estado ainda era Mato Grosso), causou-me uma reação depreciativa ouvir tal apelo e constatar que isto era aprovado pelo interpelado, pois este soltava um sonoro e prolongado - iiiiiiiiiiiuuuuuuuu!

Hoje, investigando a cultura local, compreendi o significado abrangente dessa forma de exteriorizar sentimentos. A palavra *mbureo*⁶ que, em guarani, significa grito, é bastante usada por Hélio Serejo, quando ele aborda a temática da erva-mate. Na obra, esta forma encontra-se flexionada de acordo com as normas de flexão verbal e nominal da língua portuguesa (*mburear, mbureava, mbureos*)⁷. O grito para o mineiro⁸, para o monteador⁹, para o barbacuazeiro¹⁰ pode assumir feições diferentes: manifestar satisfação pelo raído¹¹ de ótima paisagem; regozijo pelo achado de grande quantidade de arboleras¹²; ou nostalgia pelo silêncio e trabalho exaustivo na noite solitária. É um traço cultural que identifica e comunica através de sua tonalidade sonora, ou seja, são variações de um mesmo padrão cultural.

⁶ Para Gomes (1984, p. 442) *mbureo* é o grito característico do ervateiro, onomatopaico, às vezes imitando a voz dos pássaros. Serejo (1946, p. 24) explica: é crença geral de que se o mineiro durante o ato do sapêco (sic) não *mbureá*, obterá um produto inferior. E esse grito, ecoando pelas brenhas, tem qualquer coisa de emocionante.

⁷ Para Sapir (apud Matoso Câmara, 1975, p. 270), o vocábulo é normalmente em certas línguas uma entidade compósita, desmontável, por assim dizer, em elementos significativos, do ponto de vista sincrônico. O termo estrangeiro, embora aclimatado e adaptado à fisionomia mórfica do vocabulário nativo, persiste então com um caráter anômalo.

⁸ Mineiro, Em (SEREJO, 1946, p.19) “Ei-lo, madrugada ainda (...) Vai satisfeito (...) É o mineiro. Homem que pela sua perícia e censo produtivo, poderá decidir, em prazo relativamente curto, da sorte de uma ranchada”.

⁹ Monteador (SEREJO, 1946, p. 29) “Antes de qualquer outro, ele enfrenta o *caáti* em busca das frondosas *illicácea*. É o guia dos demais. Uma espécie de soldado reconhecedor. A simples observação da natureza da vegetação atesta a presença da erva em maior ou menor quantidade. E sentenciam logo: - Coápe hetá la caá (Aqui tem muita erva), ou se não, coápe mbovi la caá (aqui tem pouca erva)”.

¹⁰ Barbacuazeiro (SEREJO, 1946, p. 27-8) “ O barbacuazeiro ou uru é a ave noturna dos ervais. Trabalha geralmente à noite, em virtude de receber os raídos já muito tarde. (...) Se falhar ter-se-á indiscutivelmente um produto sem mercado, ou melhor um produto sujeito à cotação baixa e irrisória... Se o trabalho, porém, é feito durante o dia como acontece muitas vezes, enche os ouvidos da gente com seus gritos intermitentes”.

¹¹ Raído - carga de folhas que o mineiro traz às costas.

¹² Arboleras (SEREJO, 1946, p. 19) “Ei-lo, madrugada ainda pela tapé-hacienda orvalhada, em marcha contra as arboledas. Vai satisfeito, pois sabe que o raído desse dia lhe garantirá na certa uma semana de vida regalada.

Bloomfield (1933, apud Câmara Jr., 1973, p.269) divide os empréstimos lingüísticos em culturais e íntimos e explica que aos primeiros correspondem “todas aquelas aquisições estrangeiras que uma língua faz em virtude das relações políticas, comerciais ou culturais, (...), com povos de outros países” e, mais adiante, quanto aos empréstimos íntimos informa que “tem-se o empréstimo lingüístico como fato primário, resultante da coexistência de dois idiomas no mesmo meio social”. Serejo submete a língua guarani à estrutura da língua portuguesa ao fazer a flexão daquela pelos mecanismos desta e, ao apropriar-se de um vocábulo, deveras significativo, para sua expressão lingüística, vale-se tanto dos aspectos culturais, como dos aspectos estruturais.

Para o vocábulo específico *mbureo*, entendo adequada a explicação de Matoso Câmara (1973, p. 270) “que em certas línguas o vocábulo está constituído sob a égide da motivação do signo lingüístico”. A verificação de inúmeras ocorrências desse termo na escritura de Hélio Serejo me permite deduzir que, essa apropriação resultou muito mais das motivações de sentido, em virtude das práticas culturais e, das relações trabalhistas, do que pela simples coexistência entre falantes portugueses e guaranis. Isso, de certa forma, demonstra como o período de convivência ficou registrado no léxico serejeano.

O peão paraguaio entendia o meio agreste e por esse motivo, mbureava sempre. Sabia que o seu grito acordava as brenhas, e o encorajava para cruzar solito os piques, tortuosos e infindáveis, na busca das arboreras viçosas. (SEREJO.1990, p. 04)

Mburêo grito que o peão do erval solta quando está no caatin, longe da ranchada, monteando, ou caminhando para passar el tiempo...

O mburêo é a fixação de um momento. Um grito, chama a atenção: dá sinal de vida; dois gritos, indicam que o peão está satisfeito; tudo está correndo bem, e três gritos, as coisas vão mal, existem dificuldades, o peão está desorientado; se repetir os três gritos, pede socorro urgente; não pode resolver, sozinho, o problema. (SEREJO, 1990, p. 161).

Dentro de uma mesma cultura, a utilização de gestos, a maneira de sentar, de vestir-se podem denotar diferenças em função do sexo. A vida no erval reserva algumas singularidades culturais que podem ser questionadas sob os aspectos da moralidade, legalidade, da liberdade, tendo como argumento a condição humana. “O mineiro vive sob a pressão do credor. A mulher é um instrumento de trabalho. (...) quando está endividado (...)

Aí vem a idéia... Vender mulher. (...) a mulher não precisa ser consultada. Aceitará a venda na esperança de dias melhores”. (GOMES, 1984, p. 404-5)

Preferências e hábitos alimentares também compõem o universo das heranças culturais. Acreditar que o homem recupera sua energia, a sua força através do trabalho e da alimentação resulta numa visão diferenciada sobre um mesmo traço da realidade. Por exemplo: o hábito de tomar tereré e/ou chimarrão¹³ encontrava grande aceitação entre os guaranis porque acreditavam no poder recuperador e energético da erva-mate. Já entre os jesuítas, que conviviam com os guarani nas Missões, essa prática era vista com rejeição, porque a denominada *erva do diabo* viciava e afastava o indivíduo de seus afazeres. O peão paraguaio herdou a primeira versão e legou-a ao sul-mato-grossense; imigrantes de outras regiões que ali se instalaram também aderiram a esse costume.

É interessante observar a relevância do ensinamento de Laraia (2000), referente à força do padrão cultural que serve de modelo. O tereré, inicialmente, reduzia-se a um costume dos guaranis que se encontravam nessa região, muito antes da chegada dos jesuítas. Estes, seguramente, se valeram dos princípios intimidantes da religião católica para fazer cessar um “vício” tão degenerador. Lição que restou infrutífera. A prática disseminou-se de forma tão arraigada que, nos nossos dias, dificilmente, se encontra uma residência destituída de uma guampa¹⁴, bomba, água gelada e erva para tereré.

Para (SEREJO, 1950, p. 57) a guampa, feito copo, tem muitas utilidades:

Com ela bebe a água cristalina da nascente; toma o chimarrão e o tereré; saboreia o leite gordo e gostoso no mangueirão; sorve o chá de mate queimado; beberica, lentamente, aos golinhos, o café carreteiro; curte a

¹³ Para (MELO e SILVA, 2003, p. 73), chimarrão é a mistura de erva-mate e água quente sorvida de uma cuia por meio de uma bomba de metal. Tereré é a erva-mate e água fria. Toma-se pelo mesmo processo.

Laraia (2000), explica que “o aprendizado através da cópia é um dado que, algumas vezes, supera a herança genética e inscreve-se fortemente em qualquer classe social. O que varia são os motivos que perpetuam uma prática. O poder energético atribuído ao uso da erva pelos guaranis foi adquirindo novos sentidos através dos tempos”. Hoje, pela observação feita sobre a nossa realidade, pude constatar que, praticamente em toda obra em construção, há uma pausa para descanso, momento este dedicado ao tereré; entre os jovens, independente da situação econômica, constitui um momento de interação, muita alegria e descontração que acontece, preferencialmente, na parte externa das residências; os acadêmicos, paralelamente ao compromisso com a produção do conhecimento, levaram-no para dentro das Universidades públicas e privadas; faz parte, também, do kit viagem-permanência dos estudantes que emigram para cidades em outras regiões do País. O que impressiona é a mobilidade com que este padrão cultural penetra na maioria dos segmentos sociais, mostrando-se mais forte até mesmo do que preceitos religiosos e preconceitos étnicos e/ou econômicos.

¹⁴ Para (FERREIRA, 1986, p. 872), guampa é um copo ou vasilha para líquidos, feita de chifre.

erva santa para a infusão salvadora e quando lhe da na telha... bebe nela refesteladamente a cachaçinha que lhe abre o apetite e lhe da coragem e animo para a luta brava...

A história ensina que os membros de qualquer sociedade, por mais “primitiva” que fosse, já sentiam necessidade de alcançar alguns objetivos, mesmo que fossem apenas de sobrevivência e continuação da espécie. Para tanto, se organizavam em grupos, sob a liderança de um chefe que detinha, de forma precária, o exercício do poder, canalizando os interesses na consecução dos objetivos. Com o homem moderno não foi diferente. Assim, os traços culturais que forjaram o *modus vivendi* do homem da linha fronteira Brasil-Paraguai, durante o apogeu da atividade extrativa da erva-mate e da abertura das grandes fazendas, acham-se (re)(a)presentados na obra literária de Hélio Serejo.

O paraguaio, elemento predominante nos ervais, dá sempre preferência ao trabalho de exibicionismo. Se, com justiça, quisermos analisar a personalidade do trabalhador do erval, veremos que a inércia, ou tudo aquilo que dependa da retenção de movimentos, não lhe agrada. Descendente de uma raça guerreira, afeito às lutas revolucionárias, prefere contendas sangrentas dos jerokis¹⁵ ao comodismo enervante (SEREJO, 1946, p.37).

Bem nas orilhas da fronteira com o Paraguai – no aberto da paisagem imensa – como um marco de tradição histórica, se ergue, amiga e hospitaleira, a Fazenda Estrela, bafejada nas tardes mornas, pelos ventos paraguaianos e brasileiros, em cadência sentimental de prece.

(...)

Nessa estância fronteira, sempre imperaram a decência, o bom dia de amizade e a hospitalidade – uma tradição que varou os tempos, herança magnífica das raízes avoengas.

No fogo do anoitecer ou das madrugadas gélidas, de vento sibilador e cortante, sempre havia um arroz carreteiro, um viradinho de feijão com mistura de alho, carne de porco picada, conservada na “banha” em latas

¹⁵ Jerokis são os bailes que tanto agradam o peão ervateiro. Ele não precisa de motivo especial para bailar. Por uma insignificância, faz-se uma musiqueada (sic.) com um violão e/ou um acordeon. O chão batido torna-se palco para aquele espetáculo, muitas vezes, estranho, grotesco até. Nos ervais, pela precariedade de presença feminina, era costume a dança entre homens. O que realmente contava era a oportunidade de beber várias garrafas de cachaça (de péssima qualidade) e desestressar da rudeza do ambiente e das condições hostis de trabalho. Esta era uma ocasião de prodigalidade, os gastos desmedidos com a bebida, com o perfume ou o lenço para as chinas endividavam o peão que durante o próximo mês teria que se matar no trabalho para saldar a dívida. Mas ele não se importava com isso. Geralmente, esses acontecimentos acabavam revelando cenas de selvageria, onde tornava-se indistinta a linha tênue entre animais e homens. Estes, demasiadamente embriagados, ficavam mais valentes, desacatavam, matavam, morriam, ou então, dormiam ao relento, sujos de poeira e suor, ao meio de seus dejetos expelidos de todas as formas (SEREJO, diversas obras).

de gasolina ou querosene, (...) sempre e sempre, o chimarrão e o tereré da preferência de tantos.

Para pernoite, a cama confortável, o catre de pelegos, e a rede lisa ou colorida.

No galpão, a tarimba de boa palha de milho para o carreteiro que quisesse descansar os ossos, vendo pelas frestas, os fiapos do luar da fronteira.

Quando o mascate insistidor, o carreteiro de pachorra beneditina, o comprador de boiecos, ou o tropeiro de faces demudadas pelo andejar de muitos dias chegavam, o abraço de boas vindas e a frase crioula imperecível – “apeie amigo, que o rancho é seu!”¹⁶ Um Fronteiriço Legítimo... (SEREJO, 1983, p. 08).

Os traços culturais de um determinado grupo funcionam como verdadeiro passaporte dentro dos estratos sociais. A adequação de comportamento do indivíduo a essas normas naturais funciona como um divisor que, se, por um aspecto, distingue, por outro lado, ajusta-se naturalmente à necessidade de manter-se um certo grau de distanciamento e formalidade. Isto significa o efeito-recompensa conferido àquele indivíduo que, impulsionado pela já prevista permissão da mobilidade social, ascende no seio de um grupo, passando a ter representatividade, garantindo a organização e a manutenção das regras.

Nesse sentido, a obra serejeana, a todo momento, é um repositório da cultura fronteiriça do início do século XX. Apenas, para ilustrar esse dado, valho-me do significativo efeito conseguido através da simples descrição dos tipos do objeto “cama” em uma estância na região limítrofe Brasil-Paraguai. “Para o pernoite, a cama confortável, o catre de pelegos e a rede lisa ou colorida. (...) No galpão, a tarimba de boa palha de milho” (SEREJO, 1983, p. 08). Importante ressaltar a gradação descendente empregada na descrição do objeto ‘cama’ para compor um efeito de sentido que já antecipa as diferentes categorias de indivíduos a que estas se destinam.

A relação lingüística de determinação que instaura o binômio existência/diversidade, efetiva-se pela presença dos artigos definidos “a” “o”, pois a um só

¹⁶ A hospitalidade é uma marca bem característica da vida nas fazendas. Era comum dar-se hospedagem ao viajante daquelas paragens. A solidariedade, a confiança recíproca aproximavam desconhecidos num sentimento fraterno e respeitoso. A chegada de um passante alterava a monotonia da casa. Era sempre motivo de curiosidade entre as crianças, algum alvoroço na cozinha, pois as criadas tinham que preparar a refeição aos hóspedes; o proprietário ávido por uma conversa que, futuramente, lhe rendesse um bom negócio, desempenhava o seu papel de anfitrião (SEREJO, diversas obras).

tempo individualizam o objeto e excluem a possibilidade da opção “ou”. Paralelamente, ao indicar a existência estabelece a diversidade. Assim, aquilo que agrega também categoriza. Daí a relação língua e cultura instalada no mesmo espaço, uma a serviço da outra.

Vale ressaltar que a relação lingüística determinante/determinado é responsável pela geração de sentido, instaurado pela gradação descendente, que cria a imagem concreta das camadas sociais - “*a cama, o catre, a rede (...) No galpão, a tarimba*”. Dessa forma, aparece, delineado por contornos preferenciais e espaciais, o grau de importância que cada indivíduo carrega, e que o identifica posiciona-o perante os demais. Assim, após a leitura de significativo número de obras de Serejo é possível interpretar que “a cama confortável”, instalada na alcova, seria disponibilizada ao repouso, por exemplo, do Sr. Vigário, quando sua presença se fizesse necessária, para celebrar missas e realizar batizados, ou ao amigo, também dono de estância, em visita ou a negócios.

O pouso, no galpão, também, por sua vez, hierarquizado, incluía *o catre de pelegos* onde se acomodariam os peões e os conhecidos de pouca fortuna; *a rede*, provavelmente, e por questão cultural, serviria de descanso aos peões paraguaios; finalmente, na *tarimba de palha*, se aninhariam os desconhecidos, o carreteiro, pois em uma legítima estância fronteira, a ninguém era negado um lugar para passar a noite.

É interessante destacar que a um mesmo indivíduo eram categorizadas diferentes formas de acolhida. O momento da chegada de um passante qualquer (*o mascate insistidor, o carreteiro o comprador de boiécas (sic)*) era sempre um motivo de satisfação que o proprietário traduzia através de um largo sorriso e da sonora expressão de boas vindas – *apeie amigo, que o rancho é seu!* (id. Ib. p.09). No entanto, chegada a hora de dormir, talvez, por tratar-se de um momento que permite maior relaxamento e possíveis intimidades, os tipos eram escalonados e distribuídos, de forma natural e sem constrangimento a nenhuma das partes, conforme o seu grau de importância social, como se descreveu no parágrafo anterior.

Evidencia-se, assim, que aspectos da língua, da cultura e da sociedade estão imbricados de forma a justificar que o grande, o primeiro, o diferencial do homem é e está estatuído pela sua história e, sobretudo, pelo exercício da linguagem. O que não impede a presença de diversas formas de preconceitos. Segundo Laraia (2000, p. 75):

O homem tem despendido grande parte de sua história na Terra, separado em pequenos grupos, cada um com sua própria linguagem, sua própria visão de mundo, seus costumes e expectativas. p.74. O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão a considerar o seu modo de vida como o mais correto e natural. Tal tendência, denominada de etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. (...) Esta crença contém o germe do racismo, da intolerância, e, freqüentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros.

1.3 Historiografia literária

1.3.1 Conceituação e métodos

A concisão do conceito de Historiografia ensina que esta é “a arte de escrever a História”. Diante de tamanha economia verbal e das múltiplas possibilidades semânticas do vocábulo ‘arte’, surgem, iminentemente, alguns questionamentos acerca de qual seria a acepção que melhor definiria o termo para este estudo. Para elucidar a idéia e situar o pensamento, penso que seja de bom proceder recorrer aos métodos que integram a historiografia literária.

Ao historiógrafo é facultada a opção de selecionar, dentre os vários métodos, aquele que melhor se ajusta a sua pretensão. Daí a possibilidade de se investigar através da vertente histórica, cronológica, sistemática, pedagógica, entre outras.

Tratar dos métodos historiográficos é aventurar, neste passo, por um caminho de muitas bifurcações e encruzilhadas, que exigem muito raciocínio antes da tomada de decisão de registrar esta ou aquela palavra. O assunto não é pacífico, as controvérsias se instauram na medida em que os autores manifestam e defendem a sua opção, o que, geralmente, implica em censura e/ou velada agressão verbal ao seu oponente. Daí, a manifesta rejeição a alguns “ismos” inscrevendo-os no campo dos “simplismos”.

Assim, no Brasil, numa paráfrase a Pontes (1981), o método sociológico adotado por Sílvia Romero fez da *História da Literatura Brasileira* um clássico; a concisão e a possibilidade interpretativa, quer do ponto de vista histórico e geográfico, quer do étnico e sociológico asseguraram valorosos elogios a Ronald de Carvalho por sua *Pequena História da Literatura Brasileira*; Nelson Werneck Sodré conseguiu destacar a sua história literária

brasileira ao examiná-la sob a perspectiva da economia política; ao focalizar o fenômeno literário à luz de novas realidades, Antonio Cândido, por seu turno, contribui largamente para a renovação dos métodos da historiografia literária.

Dentre as várias maneiras de encarar e estudar a Literatura, Candido (1962, p.16) supõe que “para se configurar plenamente como sistema articulado, ela [a Literatura] depende da existência do triângulo autor-obra-público, em interação dinâmica e de uma certa continuidade da tradição”. A concordância com essa configuração leva à necessidade de optar por um método que contemple simultaneamente o *dado histórico-social* no tocante a certos elementos da formação nacional e o *dado estético* determinado pela maneira de o escritor ver e tratar alguns temas. Não há transgressão em considerar fatores externos, quando estes forem imprescindíveis, o que é vedado é a exclusão do dado estético. Isto, sem dúvida, legitima a *obra como entidade autônoma* portadora de suas especificidades e *permite analisar a sua função nos processos culturais*.

O assentimento à existência do triângulo descrito acima regulará a transmissão entre os homens de um conjunto de elementos que, formando padrões, se impõem ao pensamento e ao comportamento do outro, gerando uma espécie de comunicação inter-humana, não sendo possível deixar de fazer-lhe referência para concordar ou refutar. Assim, (CANDIDO, 1962 p. 23-4), “a literatura aparece como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre homens, e de interpretações das diferentes esferas da realidade”. Dessa forma, se aperfeiçoa a tradição e a literatura se inscreve como fenômeno da civilização.

“A tendência atual é a não filiação da história literária a princípios rígidos e dogmáticos, graças à liberdade de análise e pesquisa que, no dizer de Pontes (1981, p.12), estribado na lição francesa, tornou-se mais ampla e individual possível”, assumindo, assim, que a história literária permite a sua compreensão e a sua prática, por múltiplas maneiras. E, citando Adam, Lerminier e Morot-Sir (1967, p.12), asseguram que:

(...) alguns se preocupam, antes de tudo, em destacar a essência propriamente poética das obras, sejam romances ou peças de teatro. Outros, se dedicam sobretudo ao seu conteúdo de pensamento. Outros, ainda, se esforçam em situá-las no contexto social.

Isso leva a crer que o mais coerente é a não-prevalência de um método sobre outro, seja ele historicista, da nova crítica, estético, cronológico, etc. O que não pode haver é a subserviência por questões preconceituosas, ou de supervalorização de novos processos, em detrimento de práticas já testadas. Wilson Martins (apud PONTES, 1981, p.12) desenvolve um raciocínio e apresenta um argumento que se sustentam, justamente, “pela convicção da inexistência de uma verdade em crítica literária e pela crença de que esta só avança através do seu exercício contínuo, assim como o filósofo grego demonstrava o movimento caminhando”.

É a diversidade temporal e transitória dos julgamentos que configura a imagem dos escritores e das obras para além das contingências circunstanciais que os motivaram; cada obra e cada crítico são realidades históricas e não se podem libertar da conjuntura que os envolve. A “fortuna crítica” de um autor não reflete apenas as oscilações do gosto e a sucessão das teorias que as determinaram; imaginar, por consequência, que, em qualquer momento, a crítica pode ser “científica” ou “estética” é tomar por absolutas e invariáveis as noções de “estético” e de “científico” que são por si mesmas relativas e históricas.

1.3.2 Temas sul-mato-grossenses

Faz parte do espírito deste estudo expor e descrever, mesmo que sumariamente, os reflexos dessas realidades nas produções literárias dos homens de letras do Estado de Mato Grosso do Sul, ou, para ser precisa, especificamente, do *corpus* delimitado como representante da obra de Hélio Serejo. Os leitores, futuros leitores, apreciadores atuais e vindouros da escritura serejeana têm e terão oportunidade de aferir até que ponto essas proposições estão presentes, definindo tendências e sentimentos, transfiguradas pela magia criativa da ficção.

Paul Zumthor (2000, p. 62), discorrendo sobre a *recepção* da leitura, apropria-se do termo *concretização* para nos introduzir na ordem da percepção sensorial, afirmando textualmente:

O que produz a concretização de um texto dotado de carga poética são, indissolivelmente ligadas aos efeitos semânticos, as transformações do

próprio leitor, transformações percebidas em geral como emoção pura, mas que manifestam uma vibração fisiológica. Realizando o não-dito do texto lido, o leitor empenha sua própria palavra às energias vitais que a mantêm.

Até que ponto o gemido das carretas e do canto dos urús, o bailado da folhagem farfalhando nas campinas, ou nos grotões, o sibilar gélido do cortante vento sul, o rendilhado luar das noites mornas de estio, se incrustaram no íntimo do poeta-prosador para daí emergirem sonorizando, colorindo, tocando e instigando a alma do homem criador de tão sensíveis imagens verbais?

Conforme Pontes (1981),

(...) estudar os aspectos literários de uma região rica e fértil, promissora, de povoamento recente, ainda de escasso coeficiente demográfico, mas que, com seus pequenos contingentes humanos, muitas vezes apoiados e fortalecidos pelos de outros estados, não deixou de participar ativamente de muitos episódios da vida nacional, do desbravamento do Oeste, da defesa da soberania nacional, e recentemente até mesmo da economia brasileira, com a expansão da agricultura [e pecuária], fatos que influem e influirão insofismavelmente no pensamento de seus homens e nos contornos de sua Literatura.

Assim sendo, uma abordagem da historiografia literária sul-mato-grossense, de acordo com os estudos do ensaísta José Couto Vieira Pontes (1981) terá como ponto de partida as “temáticas destacáveis, focalizando as tendências e preocupações, sob a influência do meio, da época, das escolas literárias, não criando privilégio para este ou aquele método”. Por outras palavras, a análise crítica de um fenômeno literário desse Estado requer a concorrência das concepções doutrinárias, da sociologia, da mesologia dos fatores étnicos e históricos, resultantes da adoção de um método misto que, certamente, seria menos arbitrário¹⁷.

Foi com o resultado dos estudos e pesquisas realizadas por Serejo, que se reportam ao início da fixação das gentes na região sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso

¹⁷ No prefácio da 2ª edição da sua *Formação da Literatura Brasileira* (1962), Candido recorda uma tese universitária na qual ele desenvolveu teoricamente uma posição crítica que, sem ser original, privilegia a adoção de um método misto: “... procurei mostrar a inviabilidade da crítica determinista em geral, e mesmo da sociológica, em particular quando se erige um método exclusivo ou predominante”.

do Sul, que obtive vários esclarecimentos relativos a algumas questões étnicas, culturais, lingüísticas, históricas com as quais convivi, por longo tempo, até encontrar esta “cacimba”¹⁸ onde me dessedentei, mesmo que parcialmente, não porque sejam parcas as informações, mas sim pelo fato de não se poder, nem se pretender esgotar essa fonte.

Na crônica *Início da fixação* (1983), Serejo faz um relato de importantes fatos da história que marcaram o período de intensa e diversificada migração para a região oeste do antigo Estado de Mato Grosso. As informações a seguir foram retiradas desse texto serejeano.

O final da histórica Guerra do Paraguai em 1870 não é somente um marco da supremacia das forças imperiais sobre o vizinho inimigo, mesmo à custa do desnecessário sangue vertido até a exaustão pelos seus semelhantes¹⁹. É também, embora paradoxal, um dos fatores que colocaram Mato Grosso diante do resto do país como um lugar de prosperidade, onde se podia requerer a concessão e o registro da posse de grande quantidade de terras, uma vez que a maioria dessas ainda eram devolutas.²⁰ Não obstante a representação de que ali imperava o caos, o conflito.

Uma das conseqüências do pós-guerra é a desmobilização das tropas, de sorte que um grande contingente de militares e participantes do movimento é instruído a retornar ao seu destino originário. Aqueles que retornaram levaram consigo, além do horror, notícias sobre a fertilidade das terras e a facilidade de se ocupar a *largueza despovoada*. Assim, ainda antes de 1880, famílias gaúchas e mineiras já praticavam a agricultura, exploravam a pecuária e geriam pequenas indústrias nas terras sul mato-grossenses.

¹⁸ “A Cacimba” é o título de um soneto com o qual o jovem Hélio Serejo conquistou o 1º prêmio do concurso “Poetas moços militares do Brasil”, realizado pelo Pritaneu Militar do Rio de Janeiro, em 1933.

¹⁹ A guerra foi longa (aproximadamente seis anos) com prejuízos para ambos os lados. O Paraguai, além dos 140 mil Km² de território perdido, sofreu uma baixa considerável em quase toda a sua população masculina. Estes fatos, entre outros, tornaram o país mais pobre. Por outro lado, aquela região de matas exuberantes, rios de águas limpas, terras férteis, relevo plano, até então habitadas por indígenas, ampliou os domínios territoriais brasileiros.

²⁰ Conforme De Plácido e Silva (1991, p.68) dizem-se terras devolutas as que, incultas ou não aproveitadas, embora pertencentes ao domínio fiscal do Estado, destinam-se à venda aos particulares. Devoluto é o terreno que, embora pertencendo ao patrimônio do Estado, é da ordem daqueles que se podem vender ou transferir a particulares para seu uso e domínio.

Quando irrompe, em 1893, no Rio Grande do Sul, a Revolução Federalista²¹, que resultou na vitória dos seus oponentes, os Republicanos, uma selvageria de lutas, ódios, traições e vinganças divide o povo gaúcho. O desespero, a insatisfação e o instinto de sobrevivência irmanam muitas famílias, até então separadas pela política partidária, e estes guerreiros desafiam os obstáculos e empreendem uma jornada que tinha por meta alcançar a promissora região sul do Estado de Mato Grosso. Para consecução deste objetivo, atravessam a Rio Uruguai e pela Província de Corrientes alcançam território argentino.

Na República Argentina, os brasileiros fugitivos encontram boa acolhida por parte do povo correntino que vislumbrava aí a possibilidade de incrementar a sua economia, tão carente de mão-de-obra na pecuária, na indústria e na agricultura, sobretudo numa época em que a cultura do fumo, praticada pelos argentinos, tinha mercado garantido, após a industrialização. Por outro lado, também desejavam ampliar demograficamente o seu país e pretendiam fazê-lo com a concorrência de famílias ordeiras e moralmente sadias.

Dessa forma, brasileiros que não se submeteram a essa dupla exploração, continuaram seu itinerário, seguindo pelo Território de Misiones até Posadas. Neste ponto, atravessavam o Rio Paraná e entravam em Vila Encarnación no Paraguai; outros seguiam até Porto Adela e daí entravam em Mato Grosso. Porém, a preferência de muitas famílias era seguir por terra firme. Assim, faziam a travessia do território paraguaio para entrar no Brasil, por Ipehum, hoje Paranhos; outras seguiam por Assunção e Conceição e dali até Horqueta de onde seguiam até Ponta Porã ou Bela Vista no Brasil. O desejo de se estabelecerem em algum lugar, preferencialmente, com *boa aguada* para iniciar nova vida fizeram daquelas levadas humanas, indivíduos importantes para o processo de povoação e de colonização, fato que não passou despercebido aos olhos do comendador Tomaz Laranjeira²². Conforme Serejo (1987, p. 92) o comendador Tomaz Laranjeira – dominado

²¹ A Revolução Federalista (1893-1895) ocorreu no sul do Brasil logo após a Proclamação da República. Isto ocorreu devido à instabilidade política gerada pelos federalistas que pretendiam “libertar o Rio Grande do Sul da tirania de Júlio Prates de Castilhos”, então presidente do Estado. A divergência se iniciou por atritos ocorridos entre aqueles que procuravam a autonomia estadual frente ao poder federal e seus opositores. A luta armada durou aproximadamente três anos e atingiu as regiões compreendidas entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Federalista

²² Segundo Melo e Silva (1939, p. 172), data dos primeiros dias da República a organização da empresa, hoje a Companhia Mate Laranjeira S.A., sucessora da firma individual de Tomás Laranjeira, a qual vem, desde então explorando a indústria ervateira nas fronteiras mato-grossenses (...). Mais adiante (p. 178) diz o autor:

por um entusiasmo indescritível – precisamente, no ano de 1878, deu início ao seu empreendimento industrial ervateiro, vencendo obstáculos de toda monta, rompendo, assim, com o espírito da época, uma vez que confiava, plenamente, no sucesso da temerária empresa.

Prosperavam, a olhos vistos, os trabalhos de elaboração do mate, razão pela qual Tomaz Laranjeira – depois de ouvir amigos nos quais confiava – resolveu postular concessão, ao Governo do Estado, para industrializar o produto dentro da lei, já que as terras, da bacia sem fim eram devolutas. Conseguiu o que desejava, através do decreto nº. 81.799, datado de 09 de dezembro de 1882. Com o advento da República, o contrato de concessão foi renovado pelo Estado, compreendendo a área limitada pelos rios Sete Voltas, Onças, Brilhante, Ivinhema, Paraná e Serras de Maracaju e Amambaí. No ano de 1902, em Buenos Aires, organizou-se a firma Laranjeira Mendes & Cia., que conseguiu todos os bens pertencentes à Companhia Mate Laranjeira (SEREJO, 1983, p. 10-4).

1.3.3 Autores e trabalhos sul-mato-grossenses

Durante muito tempo, o leitor, ou o estudioso das letras nacionais, seguramente percebeu a escassez de obras literárias oriundas da região sul-mato-grossense, cujos autores tivessem tido a oportunidade de ter o seu nome inscrito entre aqueles considerados “clássicos”, exceção feita ao elogiado autor de *Inocência* e *Retirada da Laguna* praticamente o único a figurar nos manuais didáticos e estantes de bibliotecas. Embora o Visconde de Taunay não fosse nascido em MS, a sua obra se desenrola nesse território,

Certamente não se poderá ocultar que, sendo a Mate uma empresa poderosa depositária de muitas interrogativas, detentora de grande prestígio, haja cometido os seus erros. Entretanto, a paixão de muitos que se acolhiam à sua sombra é que terá dado lugar a atos de desmando de que será ela, em rigor, a menos culpada e responsável.

A sua organização é perfeita. Ver a cidade de Campanário, sede da Companhia, é tomar conhecimento de uma das maiores oficinas de trabalho que se têm construído em território nacional. Instalações completas, máquinas modernas e possantes, serraria, carpintaria, ferraria, usina de luz e força, escritórios admiravelmente montados, tudo muito importante. E muito mais importante ainda é ver-se uma cidade (porque não é uma vila) construída magnificamente para empregados e operários, com suas ruas iluminadas, casas com absoluto conforto, luz, água, fossas, jardim, cinema, assistência medica modelar, hospital de primeira ordem, tudo muito perfeito e disciplinado, não somente para argentino e paraguaios, como alguém dirá, mas para os filhos destes que são tão brasileiros como nós, e para outros brasileiros que lá se encontram, e que são muitos.

Vimos em Campanário o trabalhador mais alegre do Brasil. Na comissaria a um departamento destinado às suas festas. (...) onde tudo é ordem, organização e respeito, sem a presença de um só policial.

onde o homem, a geografia, fatos históricos e sociais, a economia e a cultura da terra se apresentam como telas significativas do nosso passado. A poesia encontrou representatividade entre os poetas de Corumbá e os sonetistas de Três Lagoas, entre outros.

Hoje há uma nova realidade. Nomes de poetas e de poetisas como: Lobivar de Matos, Manoel de Barros, Flora Tomé, Raquel Naveira estão rompendo fronteiras, levando a literatura sul-mato-grossense para o palco das discussões em Encontros, Congressos, Fóruns Acadêmicos, Simpósios de alcance não somente regional, mas também nacional, através das pesquisas que vêm tomando vulto e ganhando terreno dentre as produções científicas atuais, em nível de Graduação, Pós-Graduação, nas dissertações de Mestrado, publicação de Artigos e, quiçá, teses de Doutorado.

Surge, então, o questionamento acerca do porquê não se haver desenvolvido, ali, uma literatura de ficção que explorasse a temática regionalista e/ou urbana, como ocorreu em outras regiões brasileiras. Na tentativa de explicação desse fato, Pontes (1981) tece sua argumentação arrolando fatores mesológicos, sociológicos e étnicos.

Conforme anuncia Pontes (1981), a prodigalidade, a opulência e a fartura dos recursos naturais da região, embora oferecendo vasto campo à palavra artística, não se constituem em elemento capaz de desenvolver intrincadas tramas. Exemplo disso é superioridade paisagística do romantismo em detrimento da profundidade psicológica. A riqueza do meio inibe a criatividade do homem pela ausência de crise e de necessidades, apresentando, como contraponto, a região nordestina, onde a aridez e o sofrimento se transfiguram em uma Literatura mais madura, fruto de um pensamento mais elaborado²³.

Na perspectiva étnico-sociológica Pontes (1981), assegura que o povoamento da região só começa a se ampliar no período do pós-guerra, com abertura de fazendas, com o espírito ambulatório dos sertanistas, com a figura do pastor nômade cunhada por Silva Melo em sua *Canaã do Oeste* e com a chegada de contingentes de outros estados já formados e individualizados como o foram os gaúchos, mineiros, paulistas e em menor

²³ A supremacia de pensamento vigente na região nordestina pode não se dar apenas com consequência da aridez e sofrimento. Este fato seguramente tem raízes fincadas na tradição européia, trazida primeiramente às costas litorâneas do Brasil. Além da colonização portuguesa, essas áreas sofreram sucessivas invasões (franceses, holandeses). Isto é significativo em termos de desenvolvimento intelectual, pois as influências européias constituíram-se em marcas que hoje são consideradas patrimônio tanto no aspecto material como no aspecto cultural. Por essas e demais razões, como se verá adiante, é que não acolho esse argumento de Pontes (1981).

número, mas de significativa representatividade os nordestinos. Acrescenta que povoamentos recentes não atingem o grau de ebulição necessário ao desencadeamento de grandes crises e conflitos sociais, uma vez que a motivação para a obra de ficção nasce dos entrechoques de idéias e sentimentos, da saturação ambiental e da insatisfação existencial, entre outros.

Corroborando essa proposição, acentua que a migração estrangeira não foi originária, antes foi uma decorrência da migração de outros estados, cujas marcas já se apresentavam atenuadas e influenciadas por traços de outras regiões; que a escassez de conflito cultural não propicia o aparecimento de grandes tragédias sociais ou éticas como a saga nordestina ou o apocalíptico Canudos, justificando que a ocupação estrangeira por ocasião da Guerra do Paraguai foi um episódio relâmpago, sendo mais importantes as ações da “Retomada de Corumbá²⁴” e da “Retirada da Laguna²⁵”. E conclui:

Na verdade, a densidade sociológica e a saturação demográfica, os conflitos sociais daí emergentes e a inquietação filosófica também resultante desse processo histórico, constituem grandes caudais a conduzirem ao mar da ficção (revolto nas obras menores) ou ao lago (parado e profundo, nas grandes, como Machado Proust e Joyce).
 (...) a ausência de conflitos humanos, seja pela baixa densidade demográfica, seja pela falta da saturação que gera as crises e as contradições, coartou qualquer manifestação madura no campo da ficção.
 (PONTES 1981, p.79-80.)

Os argumentos finais apresentados na conclusão do trabalho de Pontes (1981) não foram de todo convincentes. Há que se reconhecer que, para a realidade sul-mato-grossense, aqueles só podem ser admitidos parcialmente. Preliminarmente, não apõe nenhum questionamento quanto às asserções inscritas na primeira parte da citação acima. Oportuna se faz a lição de Candido (1962, p.30-1) que, ao expor os *Pressupostos* para a crítica literária, afirma:

²⁴ A Retomada de Corumbá é comemorada no dia 13 de Junho. Dia em que Antônio M^a Coelho expulsou os paraguaios invasores que liderados por Solano Lopez tomaram as terras da Província de Mato Grosso por ocasião da Guerra do Paraguai nos idos de 1865. http://www.corumba.com.br/corumba/hist_retomada.htm

²⁵ A chamada Retirada da Laguna foi um episódio da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Após, a invasão as então Província do Mato Grosso pelas forças do Exército do Paraguai em Dezembro de 1864, declarada a guerra, uma das primeiras reações brasileiras foi a de enviar um contingente militar terrestre para combater os invasores em Mato Grosso. http://pt.wikipedia.org/wiki/Retirada_da_Laguna

A tentativa de focalizar simultaneamente a obra como realidade própria, e o contexto como sistema de obras, parecerá ambiciosa a alguns, dada a força com que se arraigou o preconceito do divórcio entre história e estética, forma e conteúdo, erudição e gosto, objetividade e apreciação. Uma crítica equilibrada não pode, todavia, aceitar estas falsas incompatibilidades, procurando, ao contrário, mostrar que são partes de uma explicação tanto quanto possível total, que é o ideal do crítico, embora nunca atingido em virtude das limitações individuais e metodológicas.

Relativamente à parte final da citação de Pontes (1981), é que pretendo fazer algumas considerações por entender que essa afirmação se assenta numa visão extremamente determinista e é anunciada em termos absolutos. Atentando para a ação “coartar” que, nesse contexto, pode ser lida como “restringir, diminuir, limitar”, cujo complemento sintático vem iniciado pelo emprego do determinante “qualquer”, resulta a informação de que, ali, foram reprimidas todas as manifestações literárias como se a produção de uma obra de ficção estivesse restrita, unicamente, a fatores externos o que sabemos não ser verdade.

A estrutura do enunciado “coartou qualquer manifestação madura no campo da ficção” produz, um efeito de sentido genérico para o fenômeno literário. Na esteira desse entendimento, resta evidente a noção restritiva do termo ficção, ou seja, que ele está contemplando apenas uma parte, não sendo extensivo ao todo. Como está posto, leva a crer que o seu alcance limita-se apenas a uma de suas formas de expressão, a saber, a prosa dentro da modalidade narrativa longa. E talvez tenha sido esta a intenção de Pontes (1981), a de registrar a quase inexistência da modalidade “romance” de ficção, mas o tom genérico de sua asserção possibilita discordar, uma vez que a historiografia, a crítica e a análise lingüística fornecem fundamentos para tanto.

O emprego do termo “ausência”, em *a ausência de conflitos humanos*, parece por demais generalizado, criando a imagem de que era “mansa e pacífica” a ocupação da terra, ou que eram de urbanidade e fraternidade as relações sociais e trabalhistas. Segundo Pacheco (2004, p.31-2),

(...) através do Decreto Imperial nº 8.779 de 12 de dezembro de 1892, Thomas Laranjeira adquiriu o direito de explorar a erva-mate, (...)

passando a vir para essa região os extratores da erva-mate e, em poucos anos, a região era devassada, (...). Os Kaiowá Guarani passaram, de certa forma, a serem aliciados para esse trabalho, e, nos primeiros anos do século XX, já se tornava difícil para este grupo indígena manter-se à margem dos ervais. Foram incorporados, quer como peões de fazendas, ervateiros ocasionais, ou mesmo como fornecedores de excedentes alimentares de suas roças. (...) embora a Companhia Matte Larangeiras²⁶ não fosse proprietária da terra, exerceu exploração predatória na extração da erva-mate em território indígena, desarticulando várias aldeias, interferindo de forma incisiva no cotidiano indígena.

Ou que era permitida a mistura de classes por pares que objetivavam um consórcio matrimonial no final do século XIX e no início do XX, época retratada na fecunda obra do prosador Hélio Serejo. Basta uma passagem pelas páginas da obra serejeana para se perceber quão conflituosa fora a realidade de outrora. A necessidade imperiosa de convívio entre brancos, índios e paraguaios, nas ranchadas ervateiras, nas estâncias de gado, nos bolichos dos vilarejos, constituem-se em um capítulo de intensa violência na história sul mato-grossense.

Vislumbra-se ali a dificuldade de interação entre povos de diferentes etnias, pois é incontroversa a existência simultânea de pessoas dessas origens. Diferenças culturais, lingüísticas e econômico-sociais fizeram com que crimes hediondos se cometessem, denotando a arbitrariedade com que se instauravam as relações. Além do texto de Serejo, informantes orais fornecem pormenorizadas narrações, entremeadas de detalhes a respeito dos conflitos existentes nos trabalhos da erva, na abertura e edificação das fazendas, no comércio, nos povoados, nas festas religiosas e nas que eram consideradas profanas, onde a traição, o ódio, a vingança, a prepotência, o abuso de poder eram componentes que

²⁶ Em Centeno e Brito (2004, p. 92), lê-se o seguinte: A companhia Matte Larangeira, empresa multinacional, com sede em Buenos Aires, tornou-se uma potencia na região do Prata. Ligada ao capital financeiro, chegou a monopolizar, através de contrato de arrendamento, milhões de hectares, impedindo o acesso livre à terra e forçando grande parte da população do campo a se empregar as suas atividades. Essa empresa teve uma importante atuação na economia mato-grossense, pois explorou os ervais por mais de cinco décadas, chegando até mesmo, a conceder empréstimos ao Estados. Como resultado, passou a exercer um controle político e econômico muito grande na região. Além de controlar toda a região que circundava seus domínios, esteve ela ligada à política local e nacional, exercendo grande influência e indicando aliados para se beneficiar das decisões parlamentares. Em 1929, ocorre uma separação entre a empresa argentina e a situada no Brasil, no entanto, as maiorias das ações eram ainda de posse da empresa argentina. Após a década de 1930, devido à política nacionalista de Vargas, procuraram seus sócios nacionalizar a empresa. A década de 1930 apresentou-se desfavorável para a Matte e para o trabalho ervateiro. Enfrentou uma crise econômica e política que a afetou profundamente, tendo como resultado a diminuição de suas atividades já na década de 1940. A Argentina, grande importadora da produção mato-grossense da erva-mate, ameaçava as exportações com o crescimento de suas plantações e o aumento em sua produção.

medravam em um terreno suficientemente fértil, para que em pouco tempo frutificassem em emboscadas, sangramentos, estupros etc, muitas vezes seguidos da violência contra o patrimônio através de roubos, incêndio à moradia, da morte de animais domésticos. Imperava a destemperança.

Estudos antropológicos têm demonstrado que o fator cultural é preponderante para a caracterização de uma sociedade. No que diz respeito às sociedades indígenas, a corrente antropológica reconhece que, por toda uma gama de manifestações e representações simbólicas, esses indivíduos são detentores de traços que os diferenciam de outras etnias e, que, por isso, são relevantes para a sua sobrevivência, para a sua estabilidade emocional e serenidade religiosa.

Como negar a existência de um “pomo de discórdia” entre povos de nações cujos conceitos são naturalmente contraditórios? De um lado estão os indígenas, para os quais os fenômenos, os mortos, a natureza são reverenciados, respeitados e protegidos como bens sagrados, não se podendo deles receber ou retirar nada além do somente o necessário. De outro lado, situam-se os não-indígenas, que por sua condição social, e em nome do progresso e da civilização, avocam para si o direito de profanar, explorar e dilapidar um patrimônio da humanidade. A freqüente insistência do branco e a constante rejeição do indígena em relação ao trabalho escravo denotam uma diferença de valores capaz de suscitar sérios conflitos; a noção de território não é compartilhada por essas etnias. Por essas e outras razões é que entendo ser possível a existência de motivos de teor conflitante para a obra de ficção, conforme o próprio autor pontua no primeiro segmento da citação.

Na tentativa de coligir argumentos que comprovem a minha hipótese, reporto-me ao romance de ficção *A Selva* do conceituado autor português Ferreira de Castro (1930) que, não obstante a baixa densidade demográfica da região amazônica, encontrou ali vários motes que possibilitaram a escritura de uma obra que tão detalhadamente retrata as condições de vida e de trabalho do sofrido caboclo e migrantes nordestinos na extração do látex da seringa, sua pré-industrialização e escoamento. Não omitindo os conflitos sociais e abusos morais decorrentes de uma condição de vida, onde a selva, por si só, parece ser o protagonista e o oponente, uma vez que é a partir dela que se desenvolve toda a trama.

Não poderia deixar de citar o paulista Hernani Donato²⁷, que mereceu muitos aplausos da crítica literária nacional pelo lançamento em 1976, de sua *Selva Trágica*. O fato de tratar-se de uma obra da contemporaneidade não invalida o argumento, uma vez que esta reporta a um tema recorrente em Mato Grosso do Sul, conferindo ao drama dos ervais o tratamento ficcional cuja pretensão do autor, contida na introdução da obra, está assim registrada: “Contada a história com a tranqüilidade assegurada por São Bernardo: Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade”.

Estas são algumas formas de conflitos humanos de ordem moral, social, econômica e filosófica a requerer atenção, investigação e registro. Alegar que a baixa densidade demográfica inibe o surgimento de crises não me parece ser um dos mais felizes argumentos, pois desde que haja homens convivendo com outros homens a possibilidade de emergirem contradições é incontestável, sobretudo numa região inóspita, que abrigava indivíduos cuja escala de valores era bastante diversificada. Paradigma dessa assertiva é facilmente verificável nos motes das narrativas clássicas (até mesmo interioranas) bastando para tanto a existência de um triângulo passionai, ou de uma proibição amorosa para que verdadeiras tragédias emergissem.

Finalmente, admite a historiografia literária dos povos cultos (dominantes) do mundo, não ser fácil possuir um ficcionista de relevo. Esse é um fato real na história do florescente Estado de Mato Grosso do Sul, mas isto não pode ser evocado em termos tão restritivos, antes deve se atentar para uma série de fatores de outras ordens que também são importantes para a criação literária. Nesse sentido, Candido (1962, p. 24) argumenta que:

Em fases iniciais, é freqüente não encontrarmos esta organização [de sistema articulado], dada a imaturidade do meio, que dificulta a formação e elaboração dos grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obra. Isto não impede que surjam obras de valor – seja por força da inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas. Mas elas não são representativas de um sistema, significando quando muito seu esboço.

²⁷ Membro da Academia Paulista de Letras, paulista de Botucatu, ligado às letras sul mato-grossenses, por focalizar em seu romance o drama das regiões ervateiras.

É bem possível que a lacuna na produção literária sul mato-grossense pudesse ser justificada por essas razões, advindo daí o entendimento por que um nome como o de Hélio Serejo, só recentemente, começa a ter repercussão nas letras do Estado de Mato Grosso do Sul.

Os temas recorrentes na obra de Hélio Serejo são representativos de uma época, de um espaço, de uma parte da história nacional, caracterizada pelas lutas, pela bravura, pelos conflitos de toda ordem. A dificuldade em termos de formação e representatividade da obra de ficção no Estado aceitaria algumas hipóteses tais como: o distanciamento entre o Estado e o restante do Brasil e do mundo, em termos socioeconômico e cultural inibiria o esforço de uma pesquisa e de uma produção sólidas. A parca comunidade intelectual do Estado, por questões óbvias, não possuía o mesmo *status* dos escritores nordestinos, gaúchos ou do eixo Rio - São Paulo. O levantamento de questões dessa natureza poderá contribuir com futuras discussões.

Cultivador do regionalismo, paisagista de região ervateira, pesquisador dos trabalhos dos poetas e prosadores mato-grossenses, com a finalidade precípua de preservação, Hélio Serejo é escritor de “uma literatura cujas obras se caracterizam pelas pequenas tiragens e pela ausência de índices e arquivos tecnicamente organizados”²⁸ (PONTES, 1981, p. 92), e mais adiante, esse autor, sucintamente, apresenta a sua análise crítica a respeito da literatura serejeana.

A prosa de Hélio Serejo é descritiva, pitoresca, sem preocupação de transfigurar ou recriar o material de que dispõe. Por isso, é mais um historiador da fronteira sul mato-grossense, um arquivista de seus aspectos sociais e humanos do que mesmo um ficcionista. (PONTES, 1981, p. 93).

Acrescenta, ainda, que Serejo é conhecedor dos costumes, do folclore, do linguajar da região ervateira e, modestamente, se conforma com o registro dos fatos, das expressões, surrões e usanças, *sem a pretensão de montar uma epopéia social da tragédia da erva-mate*

²⁸ Em visita recente à Academia sul-mato-grossense de Letras, em Campo Grande, MS. tive a oportunidade de, através do seu Presidente, o ilustre Professor Hildebrando Campestrini, constatar que, hoje, existe séria preocupação com a catalogação e organização da obra serejeana. Existe um trabalho (adiantado) de digitação e revisão sob a orientação do Professor Campestrini, visando à conservação e disponibilização de todo o acervo num site na Internet.

(PONTES, 1981, p. 93). Para concluir a sua interpretação crítica, Pontes (1981, p. 95) assegura que

Hélio Serejo contribui, incontestavelmente, para as letras sul-mato-grossenses, com uma obra de valor histórico-social e folclórico digna de elogios, mesmo que não tenha percutido os domínios da transfiguração ficcional ou transgredido as normas da estética tradicional.

Os meus incipientes conhecimentos sobre as modernas teorias literárias não inibem a minha emoção diante de expressivas criações de linguagem e me incitam indagar se a arte literária é ou não resultado de uma reapresentação da realidade por meio de um apurado e transgressivo exercício lingüístico. Valho-me da transcrição da imagem verbal a seguir, para lançar alguns comentários à posição crítica de Pontes (1981). Na obra *Fogo de Angico* (1978), dentre tantas outras, podem-se encontrar imagens como esta:

Vi então que o luar ganhou todos os recantos e, naqueles dias certos, iluminava o caminho dos viventes e das feras vagueantes ... E punha pavor – pavor de morrer – nos olhos enviesados e peluginosos de belzebu. (p.13)

A expressão “o luar ganhou” cria um efeito de sentido diferente de por exemplo, o luar atingiu. Neste segundo enunciado o sujeito age, naturalmente, ao praticar uma ação inerente ao seu modo real de ser. Já na expressão de Serejo sente-se a transgressão velada da sintaxe para produzir uma novidade semântica. Em outros termos, a ação de ganhar pressupõe a existência de outro agente, ou seja, de um doador. Isto muda o enfoque que se atribui ao sujeito agente: ele passa a ser destinatário da ação e, portanto, também, paciente. A estrutura bitransitiva de ganhar corrobora esta asserção, harmonizando, assim, a interpretação produzida no nível semântico, ou seja, a simultaneidade, os desdobramentos em dar/receber/dar. Creio que isto “é recriar o material que dispõe”. Com isto ele consegue criar um efeito de sentido que vai além da tradicional noção de animização, enquanto recurso estilístico, conferida ao fenômeno natural.

Ao demarcar temporalmente a circunstância “naqueles dias certos” reitera a imagem do luar recebendo um presente. É fato incontroverso que determinados momentos figuram como ocasiões apropriadas, mantidas pela tradição, para se dar e ganhar presentes. E o que

se tem aqui é a transfiguração do real “dias de lua cheia”, já demarcada temporalmente, em uma imagem poética da lua recebendo, na devida ocasião, uma intensidade maior de luz e brilho e redistribuindo-os por “todos os recantos” perfazendo, assim, o papel de graciosidade com que se acumulam os presentes. Essa combinação de sentidos não pode ter sido fruto do acaso; creio que essa harmonia fora conseguida após um longo e dedicado exercício de associações léxico-semânticas. Nessa perspectiva, a transfiguração cria o dado estético presente na obra de ficção.

É, provavelmente, do conhecimento folclórico que Serejo se vale para captar e registrar as sensações contraditórias causadas pelo mesmo fenômeno àquelas entidades referidas. A receptividade dos “vivos e feras vagueantes” dá-se de forma tranqüila, pois a lua cumpre o seu papel de iluminar agindo às claras, pondo tudo a descoberto. Já para Belzebu, este “presente” causa “pavor de morrer”. Está inscrito no inconsciente coletivo a associação entre o bem e o mal, Deus e o Diabo com as noções de claro/escuro, quer tenham essas noções vindo dos usos e costumes, quer tenham penetrado nas mentes através da religiosidade ou da tradição oral.

Ao examinar “os olhos enviesados e peluginosos de belzebu” (SEREJO, 1978, p. 13) não é possível ceder à tentação de trazer à tona outros olhos: aqueles “de cigana oblíqua e dissimulada” (MACHADO DE ASSIS, 1974, p. 47). O fato de (Belzebu e Capitu) serem portadores de uma forma de olhar “enviesado” e “oblíqua”, respectivamente, revela que a identidade de olhares é capaz de aproximar as ações, de igualar valores, de tornar comum os objetivos urdidos pelas personagens referidas. É o olhar “de esguelha” lançado por aquele, que por motivos escusos, teme a fixidez de um olhar direto, que está carregado de dissimulação, de engano e de sedução. É possível, conforme antecipara José Dias, arregimentar argumentos no sentido de denunciar a personagem machadiana por ter seduzido e levado à perdição e à casmurrice o ingênuo e pacato Bentinho. E, para não alongar demasiadamente esta matéria, é saber notório que o Diabo tentou seduzir até mesmo Jesus Cristo.

Dessa forma, concluí que, apesar de não ser este um quadro original, o intertexto com vários outros discursos (folclórico, religioso, literário) temporalmente anteriores, funciona como um argumento de credibilidade a uma “nova” maneira de dizer o “já-dito”.

“Dizia o velho Fernandes Pinheiro, nas Postilas de Retórica e Poética” (apud, Candido, 1962, p. 11):

Os homens têm quase todos as mesmas idéias acerca dos objetos que estão ao alcance de todos, sobre que versam habitualmente os discursos escritos, constituindo a diferença na expressão, ou no estilo, que apropria as coisas comuns, fortifica as mais fracas, e dá grandeza às mais simples. Nem se pense que haja sempre novidades para exprimir; é ilusão dos parvos ou ignorantes acreditarem que possuem tesouros de originalidade, e que aquilo que pensam, ou dizem, nunca foi antes pesado ou dito por ninguém.

CAPÍTULO II

HÉLIO SEREJO: ENGENHOSO CARAÍ -TUJÁ²⁹

A Literatura de Hélio Serejo é inconfundível. ... não se ajusta a tendências ...; não aceita restrições, porque tem autonomia sobre os mistérios e segredos da arte de escrever. ... é a alma da gente fronteiraça, pulsando sem disfarce. Sua imaginação estabelece um elo entre o homem, a terra, e o meio onde se desenvolve.
(Ildefonso Ribeiro, 2001)³⁰

2.1 O Acadêmico

O Acadêmico Hélio Serejo foi eleito pela Academia Mato-grossense de Letras em 27/11/53, mas somente foi empossado aos dezenove dias do mês de outubro de 1973. Naquela ocasião, por motivos de saúde não pôde comparecer para o cerimonial e, quase vinte anos após, numa solenidade presidida pelo, então, Governador José Fragelli era dada posse ao Acadêmico. Nessa ocasião, representado pelo Desembargador e Acadêmico João Antônio Neto, que fez a leitura do discurso de Hélio Serejo, uma vez que, novamente, problemas com a saúde impediram-no de comparecer à honraria.

O então Presidente da Academia, Desembargador Gervásio Leite, abriu a sessão para receber o confrade Hélio Serejo, tecendo elogios ao “Autor consagrado e escritor festejadíssimo pela sua obra apurada e fecunda, (...) com sua presença de artista e de gentleman (...) com os resultados da sua larga experiência e da sólida cultura que possui”. O Acadêmico Rubens de Mendonça foi o escolhido para saudar o novo Imortal.

A primeira parte do discurso de Hélio Serejo, para essa solene e festiva sessão Acadêmica, apresenta-se sob a forma de autobiografia. Mas não há, ali, o relato da sua vida, muito menos a enumeração de suas obras e ações, nem dos títulos obtidos, ou das homenagens recebidas ao longo da sua trajetória de homem-cidadão, prosador-poeta e amigo-irmão. O que se encontra nessas páginas são reflexos de sua simplicidade,

²⁹ Tratamento de respeito. Designação de velho. O mesmo que amigo. Que pode ser conselheiro. Karaí – é a grafia em guarani (SEREJO, 1990, p. 86).

³⁰ Professor, jornalista, cronista, membro fundador e ex-presidente da Academia Douradense de Letras.

espelhados por uma linguagem poética e expressiva reveladora de um pensamento cristão que traduz a sensibilidade do Autor diante da pequenez do homem, dos reveses da vida e da sabedoria da natureza. Segundo Reis (1980, p. 66), é membro efetivo:

Academia Mato-grossense de Letras, ocupante da cadeira nº 18; Academia sul-mato-grossense de Letras, cadeira nº30; Academia Piracicabana de Letras, cadeira nº26. Faz parte das seguintes Instituições Culturais: União Brasileira de Escritores; Círculo Americano de Cultura; Centro “Euclides da Cunha” de Ponta Grossa – PR; Academia de Letras “José de Alencar” do Paraná; Academia Paranaense de Letras; Sociedade Mato-Grossense de Folclore; Sociedade Piracicabana de Folclore; União Americana de Cultura; Associação de Imprensa Mato-Grossense; Instituto Americano de Cultura. Tem trabalhos publicados em obras literárias de outros autores nacionais e ainda, 37 trabalhos in “Lendas do mundo inteiro”, editado na Inglaterra.

(...) Publicou artigos no “Jornal da Tarde”, de Lisboa, Portugal e trabalhos, no Uruguai, cooperando com a “Sociedade Uruguiaia de Folclore”; cooperou com a “Sociedade Mexicana de Folclore”, enviando trabalho dos maiores folcloristas do Brasil; cooperou com o Departamento de Difusão e Cultura do Paraguai, enviando dados e livros sobre a atividade ervateira. (REIS, 1980, p.93-4) .

2.2 Principais discursos

No livro *Rodeio de Emoções* (1985), estão reunidos os principais discursos proferidos por Hélio Serejo e, outros nos quais figura como homenageado. Estes são pinceladas de emoções, advindas de vários lugares, por onde passou e teve a felicidade de abrir portas. São os campo-grandenses que o premiam pelo trabalho *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul*³¹ (1986), vencedor do Concurso de Monografia, patrocinado pelo Instituto “Euvaldo Lodi” de MS; são os conterrâneos que o intitam “Cidadão Pontaporanense”; são paulistas de Venceslau, de Prudente, de Piracicaba, que o

³¹Para Arruda (1984), o surgimento do ciclo da erva-mate dá-se com a atividade de Thomaz Laranjeira, em 1882, mas as origens da exploração na região são anteriores a essa data (p. 233). Thomaz Laranjeira entrou em contato com os ervais, durante os trabalhos de demarcação da fronteira do Brasil e Paraguai, realizado pela Comissão de Demarcação, logo após a guerra da Paraguai, e da qual o mesmo era fornecedor de gêneros alimentícios (p. 234). Thomaz Laranjeira monopolizou os ervais até 1892, quando a Lei nº 25, do mesmo ano, abriu concorrência pública para arrendamento dos ervais situados no sul do rio Iguatemi, sendo vencedor o Banco Rio e Mato Grosso, instituição da família Murtinho (p. 235).O desenvolvimento do ciclo da erva mate teve nos anos 20 [do século XX], seu ponto de clímax (...) entrando em declínio na década de 30, levando à estagnação e diminuição da importância dentro da economia do Estado (p. 247).

reconhecem como cidadão benemerente, prosador-poeta, e confrade. Aproprio-me da ordem cronológica em que estão dispostos, para, ao transcrever, noticiar acerca da ocasião e da matéria tratada em cada um destes.

1- Posse de Hélio Serejo, na Academia Piracicabana de Letras, em 11 de março de 1972, cidade de Piracicaba estado de São Paulo. As solenidades tiveram lugar na sala magna da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, tendo comparecido 530 pessoas, sendo delas intelectuais do País e do exterior, que receberam os seus diplomas contendo o selo e brasão da Armas e as respectivas cores da cidade. (...) O presidente João Chiarini (...) ia fazendo uma síntese de cada ocupante (...) dizendo de importância de cada um, suas obras e realizações nos mais diversos campos (...). Hélio Serejo é um homem plural, polimático, eclético; é escritor de vasta bagagem, jornalista peleador, poeta de invejável. (SEREJO, 1985) (grifo meu).

O recém empossado, por sua vez, tece longas considerações sobre o patrono José de Mesquita e agradece, com poucas palavras, em estilo simples, num tom submisso, humilde e reverente.

2- Em sessão solene realizada no dia 02 de setembro de 1984, pela Câmara Municipal de Presidente Venceslau, Hélio Serejo recebeu o Título de Cidadão Benemérito de Venceslau. O discurso de saudação foi proferido pelo [então] vereador Alberto Pimenta de Oliveira. Para louvar o homenageado, Pimenta de Oliveira faz uma exposição de fatos como: de sua vivência com os ervais, com a peonada xucra, com a luta sobre-humana para a sobrevivência, foi temperando o seu espírito, foi formando sua personalidade fraternal, compreensiva e tolerante frente aos imensos problemas existenciais. (...) As histórias que Hélio Serejo nos conta (...) estão repletas de lances extraordinários, pessoalmente assistidos e vividos, com matizes próprios, sejam alegres, tristes ou trágicos. Essa obra literária é, sem favor algum, acervo (...) que dignifica a literatura brasileira, de modo muito especial o seu folclore. Não só a linguagem escrita por Hélio Serejo ressuma sensibilidade e encantamento. Há também a destacar a linguagem poética. A sua produção, também, neste gênero é magnífica, inspirada, rica, soberanamente expressiva. É um intelectual. É um poeta. É um ser humano dotado de sentimentos excepcionais. (...). [No discurso do homenageado, após as saudações iniciais, ele diz]: eu devo e preciso, em agradecimento especial, fazer uma oferta. (...) em agradecimento à honraria que toca fundo o coração comovido.(SEREJO, 1985). (grifo meu).

Adiante, ele passa a nomear todos os vereadores, dirigindo a cada um uma palavra especial, que os particulariza e revela o estreitamento dos laços sociais e fraternos. À platéia é oferecido o seu *Rancho de Zinco* – descrição em prosa poética de uma morada sertaneja; à *Mesa ofereço humildemente o fogo das taperas da minha terra* cujas imagens recriadas estão repletas de lirismo e nostalgia. O prefeito de Presidente Venceslau, Tácito Côrtes de Carvalho e Silva, aqui identificado pela alcunha de Tacinho é reverenciado com uma gama de hipérboles e metáforas sinalizadoras da proximidade entre o poder e o povo, comportamento típico de cidades do interior. Finaliza com elevada reverência e submissão ao Pai Celestial.

3- Título de Cidadão Pontaporanense, conferido pela Câmara Municipal de Ponta Porã, em solenidade realizada em 29 de outubro de 1984, foi homenageado diante de autoridades civis, militares e eclesiásticas, e de senhoras, senhores e jovens, pelo vereador Nélio Alves de Oliveira que assim se expressa: (...) Hélio Serejo vem projetando nossa fronteira, menina encantada dos seus olhos. Destacando o cenário cultural, com o objetivo de preservar e oferecer às futuras gerações, um pouco da História dos usos e costumes de nossa fronteira, em verso e prosa. Por isso toda obra desse escritor dos ervais, missionário do folclore crioulo, é repositório vivo e palpitante de uma vasta geografia física, humana e cultural. Historiador de imenso valor, documentário hoje, para a posteridade. Sua produção literária tão pessoal e tão característica sul mato-grossense ou melhor dizendo *fronteiriça*, guarda o perfume das flores campesinas de nossa terra.(...) (SEREJO, 1985) (grifo meu).

Em resposta ao discurso anterior, o homenageado principia dizendo que está de volta ao ninho antigo e faz algumas considerações sobre a cultura fronteiriça com suas lendas, usos costumes, linguajar e tece uma analogia entre si mesmo, e elementos naturais para expressar sua emoção e a dependência ao voltar a um lugar tão caro.

(...) **estou voltando**, nesta data memorável, tangido pelo cantante vento fronteiriço e pelo desmedido amor crioulo, que nasceu e se incrustou em meu peito, como a flor da poreva que criou o seu mundo ao lado da soberba mamura para, com ela, engalanar, ao chegar, risonha e florida, a primavera... (...) A poreva humilde, assim, agradece a mamura gigante, agasalhadora e boa, imponente e sábia, ofertando a sua florzinha, que vai se abrindo ternamente, quando o ventinho do entardecer, anuncia a primavera (...). A poreva enredadeira (...) se extasia

e chora de contentamento porque sente, em suas ramificações clorofiladas, o carinho da grande mamura, ativa e protetora, que lhe empresta novo brilho(...) (SEREJO, 1985) (grifo meu).

4 - Discurso de Posse à Academia Sul Mato-Grossense de Letras – cadeira nº 30, no dia 31 de abril de 1984, em Campo Grande – MS, no Clube Libanês. Tem por Patrono o Acadêmico Otávio Cunha. A solenidade foi presidida por Octávio Gonçalves Gomes, secretariada por Jorge Antônio Siufi. O Acadêmico Elpidio Reis fez o discurso de saudação ao empossado. (SEREJO, 1985) (grifo meu)

O novo Acadêmico agradece num discurso cujo tom rege-se pelas notas dos anteriores e é iniciado nestes termos:

Neste instante memorável, elevo minhas preces a Deus Onipotente para agradecer, sinceramente, aos meus queridos confrades por me haverem conduzido a esta Casa de Cultura, uma honraria imensa – sem nenhuma dúvida – para o prosador crioulo sul mato-grossense, um humilde campesino das paisagens sertanejas, que sempre teve no vento sulão enraivecido; nas cintilações da hora crepuscular; no cair da chuva fina peneirada; no grito enternecedor dos urus dos ervais; no aboio triste do vaqueiro; na orquestração sublime do passaredo em festa; no pintalgar de todas as madrugadas; no pan-chô-pan do monjolo gemedor; no canto mavioso do sabiá-uma; no ringir cavo da carreta andeja; no rendilhado da lua-cheia peregrina, clareando o sertão; no luzir-luzir das três Marias do Céu, as estrelas que guiam, reconfortadoramente, os cruzadores de mundos, indecisos; no farfalhar das ramagens sacudidas pela ventania anunciadora de tormenta; no ziguezagueio gracioso dos pirilampos; no patear dos xucros pela imensidão dos campos; na tertúlia rude do caboclo, na hora dúbia do anoitecer, quando reunido à mulher e aos filhos em torno do fogo-de-chão do rancho aberto, e no pio do japim que fabricou o seu ninho no cocoruto da mamura em flor, a sua inspiração maior. (SEREJO, 1985).

Todos esses referentes enunciados são, depois, poeticamente, descritos numa linguagem cunhada pela emoção do autor.

O concurso de monografia *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul* patrocinado pelo Instituto “Euvaldo Lodi”- IEL Núcleo Regional – MS³², classificou o texto de Hélio

³² O Instituto “Euvaldo Lodi”, a exemplo do Sesi e Senai, constitui um órgão criado e administrado pelo empresariado brasileiro com a finalidade de promover a integração da Universidade e a Empresa através de estágios supervisionados para estudantes. No entanto, as atividades do Instituto vão além. Ele procura criar uma simbiose com a terra que serve, compelindo estudiosos e interessados nos grandes problemas da área da

Serejo (apresentado sob o pseudônimo de *Carai*) com o primeiro lugar. Na data de 28 de dezembro de 1984, na entrega da premiação, Serejo agradece valendo-se, sobremaneira, do repertório lingüístico corrente entre os trabalhadores da erva-mate.

5 - (...) **Fui, assim, nas ranchadas ervateiras por onde passei – Itaquirai, Pirajui, Porto Baunilha, Porto Angélica e Mabaracai – um pouco de tudo: guaino, uru-auxiliar, condutor de arrias, percheleiro fazedor de puchos, atacador, costureador, provistêro, questêro, comissário e até mayordomo.**

Vivi com emoção imensa o tini, o joruacua, o topuita. Cruzei em passadas largas, ou devagarzito no más, namorando as paisagens, os tapê-hacienda, os tapê-guaçu, e os tapê-poi. Cruzei, também, infinidades de vezes, as tenditas, os manchêros, as canhadas, as ycuas e os traiçoeiros empalissados.

Fiquei, vezes sem conta, cismarento e embevecido, com as arboleras, as apepus os jerokis, os aconcaquas, os mbureadores, e o yvi-rá-yuazá, o sagrado pau em forma de cruz, que obriga o peão de erval siempre respetoso a Dios, a fazer o sinal da cruz, porque o achado vai-lhe trazer suerte.

Sou, portanto e, em tudo, um homem de erval, um cruzador de piques do cipoal emaranhado e dos caatins.

Formei aí na luta de tanta braveza, os conhecimentos. Por esse motivo somente – somente por esse motivo – sou um homem orgulhoso. O grande orgulho pela vivência de tantos e tantos sacrifícios. (SEREJO, 1985) (grifo meu).

O fragmento a seguir faz parte do corpus dessa pesquisa e reitera o tom, a sonoridade e o colorido expressos pela escolha do repertório lexical próprios da região sul-mat-grossense.

6 - **Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço** que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas os açoitantes desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses. **Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbacuás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas.**

sua atuação a pesquisá-los em suas origens e expô-los de uma forma séria e útil, que venha a trazer benefícios futuros. Daí nasceu o concurso de monografias sobre o ciclo da erva-mate.

Eu sou filho da “jungle”, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua aneja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo. (SEREJO, 1985) (grifo meu)

No capítulo que trata da descrição e análise estão concentrados os comentários pertinentes a esse texto, e as informações detalhadas sobre esse Discurso que é parte do objeto de estudo.

2.3 O Homem e as obras

Essa seção apresenta uma síntese das informações registradas por Reis, 1980.

Dentre os fatos e ações que se encontram registrados sobre o ser e o fazer de Hélio Serejo, tanto em obras próprias como na impressão de seus interlocutores (críticos, leitores, admiradores), alguns são relevantes para a consecução deste trabalho. Assim sendo, a exposição que farei será, certamente, restritiva, dando destaque apenas a alguns dados que julgo oportunos para a adequada consecução dos objetivos propostos. Por questão de clareza, opto em fazê-la, sempre que possível, em ordem cronológica, obedecendo, assim, à sucessão dos acontecimentos na sua história real de vida imbricada ao seu fazer ficcional.

Hélio Serejo veio do município de Nioaque – MS para a cidade de Ponta Porã – MS, com dois anos de idade. Nasceu na Fazenda São João em primeiro de junho de 1912. Seu pai, Francisco Serejo, era cuiabano, filho de um oficial brasileiro que lutou na guerra do Paraguai – o Coronel Francisco Marcos Tury Serejo, natural de Turyaçu, Maranhão³³. Ao completar vinte anos, Francisco (o pai) foi nomeado pelo, então, Presidente da República Campos Sales, para o posto de Tenente da Guarda Nacional, incorporado à 3ª Companhia do 21º Batalhão de Infantaria, sediada em Corumbá. Enamora-se de uma moça gaúcha –

³³ Interessante observar que o nome do Coronel contém uma forma que é uma redução do nome de sua cidade natal – Turyaçu - Tury. Em entrevista a um primo de Hélio, residente em Caarapó - MS, o Prof. Adão Carlos Batista, um historiador estudioso e pesquisador de sua genealogia, tomei conhecimento de vários fatos interessantes sobre os Serejos. Um deles diz respeito à inclusão desse topônimo ao nome de batismo, numa tentativa de manter-se a identidade originária, para que o elo entre os descendentes e os antepassados maranhenses fosse perpetuado.

Ernestina Batista – que morava em Ponta Porã, para onde o Tenente Francisco Serejo fora destacado para a difícil missão de minimizar os *entreveros*, o bandoleirismo e coibir o contrabando na fronteira. Casaram-se em 15/07/1901. Dessa união, nasceram dez filhos: seis homens e quatro mulheres; Hélio é o sétimo.

As suas primeiras letras, manuscritas e impressas, foram garatujadas na fronteira. Em Ponta Porã, fez o curso primário, no Grupo Escolar “Heitor Mendes Gonçalves” e, mais tarde, aos dezessete anos, a Escola de Instrução Militar do “Atheneu Rui Barbosa”, por onde se fez reservista de 2ª categoria. Era ainda um adolescente, por volta dos seus treze ou quatorze anos, quando iniciou a carreira jornalística publicando poesias e crônicas no jornal “Folha do povo”, de propriedade do advogado Aral Moreira. Em Campo Grande, estudou no Grupo Escolar “Dr. Joaquim Murtinho”. Tomou parte na Revolução de 32, no posto de 3º Sargento - Batalhão Antônio João, de Carlos Augusto Cardoso – seguindo, logo após, para o Rio de Janeiro, onde ingressou, como voluntário, no 3º Regimento de Infantaria³⁴, da Praia Vermelha.

Matriculou-se no Pritaneu Militar do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso parcelado, requisito para ingressar na Escola de Engenharia do Exército, conquistando o primeiro lugar em todos os anos letivos. Fez os cursos especializados de sapador³⁵ (construção de trincheiras), de sinaleiro observador, de instrutor de armas automáticas. Desde a infância, sonhara em *construir pontes*, e este sonho estava, agora, projetando-se para a realidade futura. O General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, Ministro da Guerra, era o seu maior incentivador, nas armas, nas letras e nos estudos. Nesse período colaborou, com publicações, no suplemento literário de *O Jornal*, *O Mourisco de Botafogo* e na revista *Vida Doméstica*.

Na madrugada de 27 de novembro de 1935, foi preso na Intentona Comunista³⁶ e transferido para uma ilha, em alto mar, onde pagou por um crime que, depois se

³⁴ Segundo relato, do próprio Hélio, a seu biógrafo, fora essa a solução encontrada por um rapaz sonhador e sem recursos financeiros suficientes, para ingressar no Curso de Engenharia.

³⁵ De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986, p. 1549), sapador é o soldado ou outro indivíduo que executa trabalhos de sapa. Sapa do it. *zappa* é enxada. Tem como primeira acepção: abertura de fossos, trincheiras e galerias subterrâneas.

³⁶ Na noite anterior, Hélio fora, voluntariamente, dormir no Quartel, pois tinha que dar instruções sobre armas automáticas, muito cedo, na manhã seguinte. Dormia apenas de calção, em uma cama improvisada próxima à cozinha. Acordou com o tiroteio que anunciava a deflagração do movimento. Tentou chegar à sala

esclarecera, jamais cometeu. O sonho de *construir pontes*, em sentido literal, começara a desvanecer. Taxado de comunista foi expulso do Exército. Após a primeira triagem, passou a integrar o grupo dos não declaradamente comunistas; foi, então, mandado para a Ilha das Flores. Processado, respondeu ao processo no Tribunal de Segurança Nacional. O cabo Hélio foi absolvido por unanimidade, e o mesmo Ministro da Guerra que assinara a sua expulsão assinava, agora, a anulação do ato anterior. Assim, se ele quisesse poderia voltar ao Exército e prestar os exames para iniciar o curso de engenharia militar. Porém, como a sua estrutura física se encontrava seriamente abalada, pesando pouco mais de trinta quilos, era previdente retornar a Campo Grande - MS, onde gozaria zelo familiar e encontraria a paz necessária à recuperação.

Os seis meses de cárcere fizeram com que Hélio Serejo repensasse sobre as suas aspirações militares. Ficou decidido que enterraria o sonho de ser engenheiro militar e não mais construiria pontes para os conterrâneos mato-grossenses, para ligá-los entre si e ao resto do Brasil. A sua forma de fazê-los passar para a outra margem dar-se-ia de modo diferente. Haveria, sim, de construir “*pontes e pontilhões literários*” (SEREJO, 1988, p. 23) que seriam o elo para a comunicação entre gentes e lugares.

Trocaria o ferro, o aço, o cimento armado, os cálculos, a precisão matemática, pelas lendas, tradições e mitos; pela história, cultura e costumes; pelos fatos econômico-sociais e lingüísticos que aproximavam os povos brasileiro, paraguaio e correntino nos ervais nativos da região sulina de Mato Grosso. Embora frágil, não se abstinha da árdua tarefa mental e também física, pois haveria de desenvolver um trabalho de pesquisa que demandaria não somente o esforço intelectual, mas também, o trabalho braçal, uma vez que os resultados eram registrados de forma manuscrita.

Que ocorrência tão forte justificaria tão avessa mudança de metas? Não que as carreiras de escritor e de engenheiro fossem incompatíveis. Ele bem o sabia através das consultas à obra de Euclides da Cunha, a quem muita admirava e de cujo estilo era

contígua, para vestir-se. A porta já estava trancada. À tarde, todos que ali estavam, comunistas ou não, foram presos, inclusive aquele militar sem identificação alguma. Providenciou-se um uniforme para que o desnudo fosse transferido para a Casa de Detenção. Como a farda pertencia a um oficial robusto e com aproximadamente 1,90 de altura, ele fora interpelado como “você aí, com roupa de palhaço”. Este fato foi relevante para a Defesa argumentar e provar a arbitrária prisão do Cabo Hélio, pois, quem sabe de iminente deflagração de um levante não dormiria em tão precárias condições. (REIS, 1980)

conhecedor. No livro *Vento Brabo...*, (1971, p. 33-7), Hélio Serejo insere um texto laudatório a Euclides da Cunha, que classifica como *simples e trôpega divagação literária*, de onde colho o fragmento a seguir:

Por que foi Euclides da Cunha, o mestre, um primoroso estilista, um autêntico sábio no fabuloso poder descritivo?

Porque, acima de tudo, sabia escrever com o coração, pondo todo seu exuberante potencial emotivo, a serviço da pátria, cantando o povo, desintegrando por assim dizer – a essência da formação da raça, num desvairamento de sabedoria sócio-etnográfica. Sua alma fervilhando sempre num gritante e alcandorado “suspense” cívico, rebuscando dogmas, ritos, sentidos, concepções e, penetrando mesmo, audaciosamente, nos intrincados arcanos telúricos, se agigantava na formação das imagens num escachoar borbulhante de caudal que em recuos e negaceios marcha, ciclopicamente, rumo ao oceano.

O mestre vivia, no mais alto sentido da introspectividade, a imagem surgida, para vazá-la depois no papel, em clarinadas gigantescas de emoção em delírio (...)

Via tudo, e tudo analisava, na profundidade concepcional (sic), com os olhos de lince do acurado poder observador, e escrevia, magistralmente emocionado, com a pena de ouro de seu coração de inimitável criador de imagens, de sociólogo, de técnico, de estilista vigoroso e de paisagista humano, onde cada centelha vivida por ele, se transformava, radiosamente nas sublimidades estonteantes, das auroras boreais (...).

E devassava o infinito e pervagava pelos abismos insondáveis, na ânsia de desvendar o mistério, vivendo o passado, sentindo a grandeza do presente e adivinhando o futuro, dentro de uma segura realidade científica, que ele bem compreendia e sabia existir, porque se achava integrada, em seu ser, pulsando em seu coração, fervilhando em suas veias túrgidas (...).

Por tudo que tive oportunidade de ler de e sobre Hélio Serejo, arrisco dizer que não houve mudança de objetivo, no seu caminho. A sua obra, em construção, primava por outro tipo de engenho. O ideal artístico latente em seu veio reclamava, para si, o desvelo de mãe, a exclusividade dos amantes e a dedicação do servo, para que pudesse se mostrar, na ânsia de se perpetuar através da forma adquirida. O que aconteceu foi que deixou emergir o escritor que sempre estivera dentro de si. E, pelo tipo de barro com o qual foi modelada a sua essência, não poderia ele contrariar essa força imanente, para se tornar um homem de cálculos precisos, um técnico. Talvez, até, com fama e riqueza, porque é de sua têmpera se dedicar totalmente às suas empreitadas, mas provavelmente insatisfeito por não poder dar

vazão à enxurrada de poesia que lhe ia n'alma e que acabaria por sufocá-lo, assinalando-o com a marca dos tristes, dos inconformados, dos vencidos.

Dessa forma, aquele projeto de escritor que, na adolescência, já era motivo de comentários entre os adultos letrados que com ele conviviam, reencontra o seu filão nas ranchadas ervateiras, nos trabalhados da erva, no calor dos barbacuás, no largo aberto dos campos e planícies que rodeavam as fazendas e estâncias e dali extrai, com a força e a determinação dos fortes, o seu vasto material para cantar, em verso e prosa, as vitórias de um povo inglório. E o faz com a segurança daquele que, muito cedo, dedicou-se a esta dura faina de trabalhar, sertão adentro, quando o seu pai abriu a Ranchada de Porto Baunilha nas barrancas do rio Ivinhema, defronte ao Estado do Paraná.

A mata densa foi a continuidade da sua escola; o pai, os peões e as *nhás* os seus professores; o currículo veio da natureza exuberante que forneceu variados conteúdos e as insólitas condições de vida forjaram o seu caráter. Para ajudar o pai, abandonou os estudos regulares quando havia concluído, apenas, o curso primário. Digo 'regulares' porque o menino Hélio nunca se afastou dos livros e aventurava-se nas pesquisas, através das leituras que empreendia na pilha de livros que o pai levava para as ranchadas. Apesar do pesado trabalho nos ervais, Dom Serejo era um estudioso e o filho³⁷, seguramente, seguiu os rastros do pai.

Essa vida embrenhada era, às vezes, interrompida por pequenas estadas na cidade de Ponta Porã, onde vestido elegantemente, num impecável terno branco e chapéu de palheta, como ditava a moda da época, arrancava suspiros das mocinhas, admiração dos adultos e, quem sabe, a inveja de algum pretendente preterido com a aparição de tão distinta figura. Aí aproveitava para passear, participar da encenação de peças teatrais, requisitado sempre pelos organizadores, o dentista Júlio Martins e sua esposa Anita Costa, que fora artista de teatro no Rio de Janeiro. Depois sumia novamente.

Retornava para os ervais, onde, além de desempenhar os diferentes tipos de trabalhos braçais, entregava-se também à tarefa de registrar por escrito, em cadernos, tudo o que via, ouvia e compreendia daquele pequeno mundo, praticamente ilhado do resto do

³⁷ Por estes tempos, era um apaixonado pela Geografia. Tinha necessidade de conhecimento, pois queria, mais tarde, aventurar-se por outras terras, conhecer os mares, além do que, pensava em ser professor desta matéria. Talvez, estivesse aí o germe da sua posterior afeição à Geografia Humana. (REIS, 1980).

país. O contato com paranaenses e paulistas era dificultado pela inexistência de pontes sobre o Rio Paraná e agravado pelas precaríssimas estradas de rodagem; a comunicação com a capital Cuiabá, na época, era morosa devido à enorme distância que a separava do sul do Estado; as novidades que ali chegavam, oriundas de outras regiões, primeiramente iam à capital e daí eram redistribuídas, de forma que, quando chegavam já eram “velhas”. Mas mesmo assim, eram comemoradas e partilhadas como um grande acontecimento³⁸.

Exceção era feita à Fazenda Campanário, uma cidade com qualidade de vida de primeiro mundo, construída no meio da floresta, entre os municípios de Caarapó e Amambaí e, praticamente, ligada com o Brasil e o mundo, conforme já foi expresso no primeiro capítulo, ao se tratar da importância socioeconômica da Companhia Mate Laranjeira, para o desenvolvimento da região. Hélio Serejo que, nas décadas de 20 e 30 do século XX, conheceu, *in loco*, toda essa atividade, enfrentando diuturnamente essa pujante e pungente realidade, discorre em suas obras algumas passagens interessantes sobre essa cidade planejada e construída no interior de Mato Grosso do Sul.

Tudo muito bem esquematizado, estudadas, cuidadosamente, as ‘vias de saída’, assentado o transporte interno, Tomaz Laranjeira - o homem desassossegado pela multiplicidade de planos que tinha em mente – passou a enviar correspondência para os mais diferentes rincões, onde sabia da existência de conhecedores da ranchadas ervateiras e, portanto, dos trabalhos de preparo e ensacamento da *ilex paraguayensis*, ou *ilex matogrossensis*. (SEREJO, 1987, p. 93)

Em 1929, a Empresa Mate – trabalhando com métodos mais aprimorados era considerada uma das maiores organizações industriais – no campo extrativo – do País. (SEREJO, 1987, p. 95).

Tinha eu treze anos de idade quando, pela primeira vez, pernoitei em uma ranchada ervateira, conhecida por todos como trabalhado da Empresa Mate.

Vi as paciosas arrias, em fila, transportando as bolsas de erva-mate pelas picadas escorregadias e traiçoeiras, rumo ao embarcadouro.

Espantado fiquei, em vendo o estralidante fogo do barbacué regulado pelas mãos do uru mudo e de olhos esgazeados.

O pernoite forçado – por erro de caminho – prolongou-se por trinta dias. Fui, em todas as horas, um hóspede abelhudo, fixando quadros, e de tudo indagando.

³⁸ Faz parte da cultura interiorana, principalmente entre os mais humildes, a confiança que se deposita nos amigos, vizinhos, e conhecidos, gerando o costume de com estes compartilhar não só os seus infortúnios, as suas desgraças, mas também dividir com estes as alegrias e provisões, conforme me foi possível observar.

Comoveu-me, profundamente, quando ouvi no ermo amedrontador, pela primeira vez, o mburêo do mineiro, acordando as brenhas e fazendo estacar a fera andeja. Um grito nostálgico que, no entardecer, reboando na imensidão, corta o coração da gente. (SEREJO, 1987, p. 97).

Por outro lado, havia um imenso e desconhecido mundo. A densa intocada floresta estava ali, à mão, ávida de ser possuída e explorada, à espera de que as riquezas que aí jaziam em latência, fossem tocadas, para despender de si as variegadas benesses; ou para destilar também a sua fúria, traduzida por toda sorte de mazelas que estavam à espreita, atacando indistintamente. Esta sina estava reservada aos *heróis e heroínas anônimos* que, na maioria das vezes, expostos a sacrifícios físicos e, outras vezes, agredidos na moral familiar, eram impelidos na conquista e na aquisição de tão almejado bem; outros deixaram a vida, esposa e/ou filhos dizimados pela febre³⁹, pela ganância ou pela violência. A lei do mais forte ali imperava, quer ditada pelas próprias forças naturais, quer imposta por aqueles que detinham o poder sobre as vidas e as vontades. Tudo isto e, creio, muito mais, foi objeto de apurada observação e era digno de nota, porque continha a essência de um povo, matéria-prima com a qual Hélio Serejo construiu a sua obra.

O encerramento das atividades extrativas deu-se com a decisão de Dom Serejo de abandonar os trabalhos com a erva-mate. Passada aquela fase rural, Hélio Serejo regressa a Ponta Porã, retoma a vida urbana, conquista um emprego público, passa a ser conhecido em muitas outras localidades, casa-se e depois se transfere para outras cidades brasileiras, até que em 1948 fixa residência em Presidente Venceslau – SP⁴⁰.

Inicialmente, a conquista do cargo que fez dele um Funcionário Público aconteceu por ocasião de sua nomeação para atuar como de Fiscal de Rendas do Estado de Mato Grosso, cuja atuação deveria cobrir as áreas dos municípios de Rio Brillhante, Maracaju, Dourados e Bela Vista. A sede seria a cidade de Rio Brillhante, para onde o moço partiu de

³⁹ Os livros de Serejo, notadamente, aqueles cuja temática enfoca a erva-mate, estão impregnados de relatos sobre a terçã e/ou a quartã, febre causada pelo mosquito carapanã, transmissor da malária, cujos tremores vêm a cada três e quatro dias, respectivamente. O peão ervateiro tem-lhe grande pavor.

⁴⁰ Em outubro de 2004, conheci Hélio Serejo, em Campo Grande-MS, durante um período em que ele fazia alguns exames médicos. Este encontro foi possível graças à gentileza do Professor Hildebrando Campestrini, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, me colocou diante desse monumento da cultura sul-mato-grossense. Nesta ocasião, fiquei sabendo da sua pretensão de vender a casa de Venceslau e radicar-se, novamente, em Campo Grande, talvez com a sua irmã Sylá (a oitava filha) que tão gentilmente nos recebeu. Isto significa que, quase 2/3 de sua vida foram vividos junto aos paulistas, ou, para ser mais precisa, foram 36 anos de andanças e 56 na cidade que lhe conferiu o título de “Marechal da Ponte”.

mudança. Desenvolveu aí um sistema de arrecadação tão eficiente que, em pouco tempo, os cofres do Estado conheceram uma arrecadação nunca auferida na região. Isto fez com que o Fiscal passasse a ter projeção e que fosse requisitado para repetir o feito em outros longínquos pontos do Estado. De Cuiabá, partiu a ordem para que se transferisse para Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia (a configuração do Estado, na época, era diferente da que se apresenta hoje). Recusa-se a cumprir a ordem e, categórico e resoluto, pede demissão. Continua em Rio Brillhante e, em 1939, contrai núpcias com a Professora Henriqueta Barbosa Martins, com quem teve as suas duas filhas.

Para prover o sustento da família, Hélio Serejo torna-se escrivão do Cartório de registro Civil. Escrevia nos livros do cartório e escrevia os seus textos próprios. A intensidade do exercício desencadeou uma doença, na época, conhecida como *doença dos escrivães*. Vendeu o cartório, mudou-se para Campo Grande – MS, para fazer tratamento médico, aproveitou a ocasião e incorporou-se aos redatores do *Jornal do Comércio*. Conforme o diagnóstico, o paciente necessitava de tratamento especializado. A indicação foi uma clínica no Beneficência Portuguesa, na Capital paulista, onde fazia sessões de fisioterapia. Proibido de escrever com a mão direita, treinou e aprendeu a escrever com a mão esquerda, uma vez que o prazo previsto para a recuperação parcial, estaria entre cinco e dez anos. Além da atuação no *Jornal do Comércio*, ainda mandava colaboração para jornais de São Paulo e revistas do Rio de Janeiro. Ficou bom com oito anos de tratamento.

Em 1943, o Presidente Getúlio Vargas cria o Território Federal de Ponta-Porã. O estado de coisas da região estava tão complicado que se reclamavam, com urgência, medidas para a colonização e retomada das terras ocupadas pela Cia. Mate Laranjeira - o que demandava certa cautela – porque ainda trabalhavam nas ranchadas centenas de trabalhadores, na maioria paraguaios. O nome de Hélio Serejo foi cogitado, porque muitos já conheciam as suas qualidades: culto, inteligente, bom redator, conhecedor do Código de Terras de Mato Grosso, por entender de agrimensura, pois ajudara seu pai nesta tarefa, quando integraram a Comissão de Medição da Fronteira; sobretudo porque a vida nos ervais era para ele como o quintal de sua casa. Esses requisitos eram decisivos para o sucesso da empreitada a ser executada naquele momento.

O Coronel Ramiro Noronha, primeiro Governador do Território, ordenou que se localizasse o moço e que o levassem a sua presença. Com o visitante diante de si, o Governador lança-lhe um desafio: - “Faça um Plano de Colonização para o Território. Se o Presidente Vargas aprovar, você será nomeado Diretor do Departamento de Terras”. Aceito o desafio, era necessário estudar muito, inteirar-se de todas as questões de políticas públicas e, acima de tudo, dominar a linguagem da máquina administrativa. Passado um trimestre, aprovado o Plano, nomeado Diretor, Hélio Serejo desempenha tenazmente a nova função. Mas, não abandona os seus escritos. Nesse ínterim, passa a sentir dores terríveis no olho esquerdo e, na iminência de ficar cego, segue o conselho do seu médico, vai para Campinas em busca de tratamento especializado. Pede demissão do cargo, muda-se para Piracicaba – SP, acomodando-se, provisoriamente, com a mulher e as duas filhas, em casa de parentes da esposa.

Apesar de oito meses de tratamento no Instituto Burnier em Campinas, a gravidade do mal aumentou e a ele foi recomendado que procurasse pelo Professor Benedito Paula Santos, em São Paulo. Diagnóstico: Perda total da acuidade visual do olho esquerdo. Mas era possível fazer o congelamento, para que o olho se conservasse *como enfeite*. Feitas as aplicações de 66 injeções no globo ocular, conseguiu-se o efeito desejado. Porém, antes de dar alta ao paciente, o médico, por precaução, decidiu examinar o olho direito. Resultado: este fora acometido do mesmo mal, mas iniciando-se um novo tratamento havia a possibilidade de se estagnar a doença, o que resultaria em 50% de visão. Foram mais dois anos de cuidados especializados, para chegar-se, ao final, com apenas 30% de visão.

Durante o período destinado para esse tratamento, Hélio e a família passaram a residir em São Paulo, onde ele fez-se dono de Pensão, graças a um empréstimo tomado ao tio de sua esposa, pois seus recursos econômicos eram modestos e ele se encontrava bastante endividado. Em 1948, resolveram vender a pensão e retornar a Campo Grande – MS. Durante a viagem de volta, resolveram visitar uma tia em Presidente Venceslau. A notícia de sua estada na cidade correu e, como estava às vésperas de eleição, o candidato a Prefeito do Município, conhecedor dos seus predicados, procurou-o para ocupar o espaço de redator do Jornal local, informando-o da recente morte do redator principal, argumentando, ainda, que era preciso eleger o Dr. Adhemar de Barros.

Hélio recusou a proposta: primeiro porque não era dado a escrever sobre política partidária, segundo porque, durante a viagem, o olho direito manifestara sinais de grave abalo. O candidato, porém, ofereceu-lhe uma secretária a quem ele ditaria os editoriais, as notas e as reportagens, que não tinham que ser, necessariamente, assinadas. Acabou aceitando, pois era um arranjo provisório. Realizado o pleito, com a eleição de Adhemar e de seu compadre, o candidato a prefeito de Venceslau, Hélio e a família prepararam-se para continuar a viagem interrompida. Mas o Prefeito recém eleito frustrou-lhe a volta, ofertando-lhe, agora, em caráter empregatício, a redação do Jornal, onde doravante assinaria os seus artigos e, ainda, teria outras oportunidades. Após consulta e a aprovação da esposa, alugou casa e ficou.

Essa decisão acabou se tornando previdente. A saúde frágil estava sempre a requerer maiores cuidados. A dificuldade de transporte e a morosa travessia do rio Paraná, para se chegar a São Paulo, certamente, colaboraram na decisão. Lutando ainda contra o mal que afetara seus olhos, sofreu um grave abalo no sistema nervoso, encontrando alívio no tratamento que, semanalmente, fazia com que se deslocasse para Marília. Foram cinco longos anos de rotineiras viagens, até reencontrar a serenidade.

Refeito emocionalmente e certo de que não ficaria totalmente cego, começa, então, a sentir fortes tonturas que culminavam em repentinas quedas. Nova peregrinação pelas clínicas médicas, numa maratona de exames, radiografias às dezenas, diagnósticos incompatíveis, finalmente a confirmação: tumor cancerígeno na cabeça. Decidiu que faria a cirurgia em São Paulo e partiu. Antes, porém, achou previdente ouvir uma segunda opinião. Com esta consulta, que se seguiu de outra bateria de exames chegou-se ao diagnóstico de que os achaques eram resultantes de um mal localizado nos intestinos. Quatro anos de dispendioso tratamento e de dificuldades para se importar parte da medicação. Paralelamente a isso convivia com a insônia que não lhe permitia dormir por mais de três horas a cada noite. Solução: escrever, escrever, escrever.⁴¹

Na solenidade em que foi agraciado com o título de *Cidadão Pontaporanense*, Hélio Serejo premia a platéia com um discurso entremeado de prosa poética e de poesia donde retiro o soneto Insônia.

⁴¹ *Os ventos do destino – maus e bons – levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam vários caminhos.* (in: *Rodeio de Emoções*, 1985, p.08).

*Cruel e forte insônia me maltrata;
Oíço o relógio e ponho-me a pensar;
Quero gritar ouvindo essa cascata,
E em vão, eu tento, o sono conciliar. . .*

*Alegre, vem raiando a madrugada;
Um galo canta, ao longe, alvoroçado,
E no galpão, desperta, a peonada,
Sorve, aos goles, o amargo bem cevado. . .*

*Fumo um cigarro. . . um cão ladra distante,
Abro a janela, e vejo lá por fora,
A teia cor de prata da minguante.*

*Oíço um cântico d'ave, e me consolo
E ponho-me a contar – alma que implora,
As soturnas badaladas de um monjolo. . .*

Por volta de 1948, o então Secretário de Agricultura do Estado de Mato Grosso, Dr. Demóstenes Martins, soube, por intermédio de um amigo em comum, que encontrara em Cuiabá, o jornalista Eurico dos Santos, que Hélio Serejo estava residindo em Presidente Venceslau. Escreveu-lhe, convidou-o para que o auxiliasse a deslindar cerca de 400 processos sobre conflitos agrários e que há muito estavam emperrados na máquina administrativa. Por que Hélio? Porque conhecia profundamente o Código de Terras do Estado, era agrimensor, era um homem de moral elevada e o fato de escrever muito bem era determinante. A função de perito exigia que se negociasse com as partes envolvidas, que se medissem as áreas na presença dos litigantes, que se colhessem todas as informações para a confecção de um relatório o mais completo possível. Em cada caso, era necessário uma fundamentada opinião, antes da emissão do título definitivo pelo Estado de Mato Grosso. Hélio aceitou o encargo, mas preferiu atuar nas demandas sobre as áreas que ficavam próximas a São Paulo. Desta forma, ajudou a solucionar mais de 300 processos. Com a renda auferida, construiu a sua casa em Presidente Venceslau.

A Hélio foi outorgado o título de “Cidadão venceslauense”, uma gentileza, esta forma de adoção não prevista pelos Institutos Jurídicos, mas, sem dúvida, uma forma carinhosa e fraterna de agradecer a quem prestou serviços relevantes à sociedade, principalmente àqueles que de alguma maneira foram, como ele, açoitados pela vida e

destinados à má sorte (paráfrase a Hélio, 1985) a quem ele despendia seu incessante trabalho, modesto, discreto, quase anônimo, porém, voltado para as causas beneficentes. “Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de crença, fé e esperança, como fui também, imagem viva de desesperança, revolta e sofrimento. Revolta pela gritante desigualdade existente entre os seres humanos”. (SEREJO,1985, p.08). Seria muito extenso nomear e descrever, aqui, todas as entidades filantrópicas e as suas ações de solidariedade, extensivas a qualquer cidadão, independente de ser venceslauense, ou sul mato-grossense, pois o espírito de humanidade desconhece fronteiras.

O *Curriculum Vitae* de Hélio Serejo, à moda dos seus livros, contempla uma série de informações; o que se torna, por um lado, leitura prazerosa pela diversidade de feitos, torna-se, por outro, muito difícil eleger este ou aquele dado, a título de exemplificação. Os leitores de Guimarães Rosa, por exemplo, são instigados a pensar sobre diversas questões e sobre intrincadas indagações a respeito de vocábulos que sugerem a idéia da necessidade que o homem tem estabelecer contatos com aquilo que pressupõe distanciamento. Tanto que termos como “margem”, “travessia”, ou assemelhados, e as suas possíveis conotações são recorrentes em sua obra. No discurso serejeano a palavra “ponte” é bastante significativa e também muito sugestiva, graças à intensa carga semântica que detém. Assim, se o referente é necessário para designar seres pertencentes ao mundo físico, tanto mais forte, por ser inerente ao humano, é o alcance metafísico que dele se desprende. Em Hélio – homem e/ou escritor-narrador – a “ponte”, pode-se dizer, é o condão de todas as suas realizações. E isso se (i)materializa, freqüentemente, basta um pouco de sensibilidade para perceber a profundidade que esse elemento assume, na direção do *relegare* humano.

Paulistas, ou brasileiros oriundos de qualquer outra região, que pretendessem chegar a Mato Grosso, via São Paulo, até a década de 60 do século XX, eram submetidos a um exercício de paciência, a uma sensação de insegurança e a um esforço de destemor, causado pelas condições em que se dava a travessia do rio Paraná, na divisa dos dois Estados. Não havia ponte, a balsa era precária, o tempo perdido na fila de espera, eram alguns dos contratemplos enfrentados por aqueles que se aventuravam por aquelas passagens. A outra opção era chegar à margem mato-grossense do rio, atravessando pela ponte sobre o rio Jupia, em Três Lagoas; era, no entanto, extremamente dificultado pela composição arenosa

do solo que transformava as estradas em extensos bancos de areia, formando atoleiros “a seco”, que tanto atormentaram a vida aos viajantes desconhecedores daquela realidade.

Literalmente, o Rio Paraná separava Mato Grosso de São Paulo e de tantas outras cidades e capitais do país. Era urgente tomar providências, no afã de minimizar tão contrárias condições, que emperravam o desenvolvimento, impediam a entrada do progresso e cerceavam o exercício do princípio de isonomia, uma vez que o cidadão mato-grossense era privado de exercer os principais direitos assegurados pela Lei, que o colocariam em paridade com outros cidadãos.

Imbuídos desse espírito altruísta, cidadãos venceslauenses, membros do Rotary Clube daquela cidade, idealizaram e lançaram, em solenidade festiva, realizada em 08 de Fevereiro de 1955, a Campanha Pró-Construção da Ponte sobre o Rio Paraná. Ato imediato: a criação de uma Comissão de Propaganda Pró-Construção, presidida pelo rotariano Hélio Serejo e constituída por outras personalidades atuantes nas esferas legislativa, executiva e judiciária; funcionários públicos e profissionais liberais, com as necessárias especialidades, para que se arquetetasse um plano de trabalho passível de execução.

O trabalho intensivo da Comissão conseguiu sensibilizar o Poder central do País, de sorte que, passados apenas dois meses, essa comissão já era detentora de um projeto para a execução da obra. O Presidente da República telegrafa ao Senador de Mato Grosso, Felinto Muller, nos seguintes termos:

Tenho a satisfação de comunicar que autorizei o início da construção da ponte sobre o rio Paraná, na diretriz da rodovia BR-34, entre Presidente Epitácio e Porto 15 de Novembro. Congratulo-me com o prezado amigo por essa providência que atende aos reclamos da progressista região produtora. Apresento-lhe cordiais saudações. Juscelino Kubitschek. (REIS, 1988, p. 88).

A inauguração da obra aconteceu pouco mais de cinco anos, dez meses e dezessete dias após o lançamento da idéia e mobilização da Campanha. (SEREJO, 1980, p. 67).

Hélio Serejo reuniu toda documentação referente à construção da ponte: correspondência oficial e/ou pessoal, reportagens jornalísticas, notas, artigos, documentos fotográficos, entrevistas com autoridades oficiais e da sociedade civil e atos

governamentais compõem um dossiê formado por doze volumes, encadernados em tamanho ofício. Enfim, todo material relativo à campanha, à fiscalização durante a realização dos trabalhos *in loco* e dos trâmites administrativos, à mobilização para a reativação da obra paralisada pelo desvio da verba de setecentos milhões de cruzeiros que foram transferidos para a rodovia Belém-Brasília, culminando o retorno deste montante à sua finalidade originária e a emissão de ordem, por parte do Presidente JK, para que as obras fossem retomadas.

Concluída a obra, já no final do governo de João Goulart, uma campanha liderada pelo Rotary Clube de Venceslau sugeria e solicitava a prerrogativa de que se identificasse o monumento com o nome: “Ponte Hélio Serejo”. Tudo sinalizava para esse desfecho, mas no momento solene de registrar-se o nascimento (já no governo do General Castelo Branco), alguém que já roubara a cena transfere, agora, a paternidade. A ponte designada Maurício Joppert recebeu, assim, o nome de um homem ilustre, mas sem nenhum vínculo anterior que ratificasse a homonímia.

Para a manhã inaugural, um enorme painel, por iniciativa de Hélio Serejo, fora confeccionado para registrar os doze atos governamentais relevantes para a concretização da obra, onde o nome do Ex-Presidente JK aparecia por três vezes. Minutos antes da solenidade oficial, um militar fardado cientifica-se da autoria do malfadado painel e Hélio Serejo é chamado à responsabilidade por tão ignóbil idéia. À noite, ao comparecer ao local onde se realizaria o jantar de confraternização pela realização de tão importante obra e para o qual fora expressamente convidado, o “Marechal da Ponte” foi agraciado com a surpresa de saber-se *persona non grata*, tendo sua presença barrada.

Nessa lógica, conclui-se que este capítulo ajusta-se a uma categoria a que Bourdieu (2003, p.290) classificaria como “discurso de celebração”, o que na lição desse pesquisador é “nomeadamente a biografia”, cujo papel determinante não se institui apenas pelo o que ela diz do autor e da sua obra, mas, sobretudo, “pelo facto de o constituir em personagem memorável, digna do relato histórico, à maneira dos homens de Estado (...)”.

2.3.1 A obra literária

A obra literária de Hélio Serejo compõe-se de sessenta títulos em prosa e verso, com predominância da primeira forma, sendo esta largamente construída sob a égide de prosa-poética. José Ouriques Freitas, poeta de Presidente Prudente, (apud, REIS, 1988, p. 128), diz:

Versejando (...) Entretanto Hélio Serejo,/ De verve prodigiosa,/ Conta história, diz gracejo,/ Faz poesia na prosa!”. A esta homenagem Hélio responde, com Proseando– “Irmão, foi ‘dom’ que Deus me deu e tenho procurado usá-lo humildemente, através dos tempos em sinfonia de submissão ao Criador. Sou feliz por isso...” (id. p.131)

Graciliano Ramos, escritor que dispensa apresentações, quando foi Prefeito de Palmeira dos Índios, certamente colheu farto material com o qual, mais tarde, compôs a obra: *Viventes das Alagoas* (1962). Chamou-me atenção, ao final deste livro, a inclusão de uma prestação das contas municipais, sobre o exercício administrativo daquele ano. A novidade é que esses relatórios contrariavam as praxes formais para apresentação de documentos oficiais: o Senhor Prefeito opta em fazê-los de forma mais pessoal. Desta forma “as contas” ganham uma certa leveza e conseguem despertar a curiosidade pela informação e o prazer pelo exercício da leitura ao operar a transposição da árdua tarefa de verificação de dados contábeis para a prazerosa fruição de um texto “quase” poético. Manuel de Barros, por sua vez, ensina, na obra-título desse ensinamento: [tudo é] *Matéria de poesia*: a poesia está em todas as coisas e em todos os lugares, no entanto, para encontrá-la é necessário um olhar movido a sensibilidade e um apurado tratamento nas construções verbais. Com Hélio Serejo não é muito diferente.

Pontes e pontilhões literários, na sábia palavra da Professora Nelly Barbosa Macedo, e também *mata-burros, pinguelas* e congêneres na minha, (referentes, estes últimos, que talvez não fossem tomados como ofensivos, mas recebidos festivamente, pela natural simplicidade do Autor, que tão bem lhes conhece a primitiva finalidade), são algumas expressões que podem ser tomadas como efetivas para que o ideal de ligação perseguido por Hélio Serejo fosse concretizado.

A crônica, o conto e o romance são modalidades do gênero narrativo empregadas para registrar o folclore, a cultura e a história socioeconômica da nossa região. A poesia crioula recende à essência nativa e à herança cultural gaúcha, cujos versos ternos, doridos

ou hilariantes possuem a cadência matuta do homem rural. Segundo Taborda (apud, REIS, 1980, p. 115)

Hélio Serejo é um varador de sertão e de almas: conhece bem as veredas e canhadas que vão dar no largo e correntoso rio do folclore nacional; conhece também o nosso fronteiro com suas bravatas e manhas; conhece as Campinas e coxilhas, matas e brejos. Por isso de tudo nos dá conta em seus cálidos contos e estórias, que nos emocionam e encantam – por vezes são poemas do mais elevado lirismo, que ele também é poeta.

A Primeira tentativa de classificação da obra de Hélio Serejo foi feita por Teno (2003, p. 33-35) e apresenta a seguinte divisão:

Obras somente do escritor (1º grupo), num total de 46 livros; obras que contêm produções do escritor e textos produzidos por outros autores (2º grupo) perfazendo o total de 09 livros; obras que reúnem só documentos, cartas, decretos, recebidos pelo autor (3º grupo) composto por 05 livros.

Para este estudo, li 50% do total da obra, privilegiando aquelas pertencentes ao 1º grupo (28), e apenas uma de cada um dos outros grupos (02). A ênfase dada justifica-se por adequar-se à consecução do objetivo, porque interessam, sobremaneira, as imagens verbais e a linguagem (re)criada a partir da visão do Autor e o discurso laudatório pela linguagem persuasiva.

O aparecimento de Hélio Serejo na imprensa é fato que não o torna presunçoso e nem tornou-o celebridade instantânea. Suas aparições não possuem a aura e o *glamour* do protagonista, nem o marcante repúdio ao antagonista. São coadjuvantes, cujos papéis ajudam a compor, de forma modelar, a autêntica cena com que (re)(a)presenta suas gentes e seus valores. Talvez, por ter-se habituado, desde cedo e com frequência regular, é que esses acontecimentos não povoam sua alma de orgulho e vaidade. Não é somente por este motivo. Também porque é de sua índole e de sua têmpera não se vangloriar daquilo que, se porventura são méritos, não o são gratuitamente, ou seja, tem consciência do ônus que isto representa para si. Não se enaltece, não se envaidece, não cai no ridículo.

Como jornalista, colaborou com diversos jornais. Na imprensa sul mato-grossense, escreveu para jornais de Ponta Porã, Campo Grande, Dourados e Corumbá; teve seus

artigos publicados também por um jornal de Cuiabá – MT; jornais paulistas, paulistanos e carioca, também abriram espaço para o jornalista Hélio Serejo; colaborou com periódicos de Lisboa e Montevidéu. Teve a satisfação de ver a montagem e apresentação do seu conto *Lua do Brejo*, pela TV Record de São Paulo; colaborou com a Rádio Presidente Venceslau, Rádio Tupi de São Paulo, e em rádios de toda a região da Alta Sorocabana, na década de 50 a 60 do século XX, (REIS, 1980, p. 92-3). Participou de muitos programas de rádio como co-apresentador e como autor de poemas sertanejos que eram declamados, pelos radialistas, durante as apresentações. Em todos esses veículos de comunicação de massa, atuou, de certa forma, como um grande propagandista do seu Estado, divulgando as coisas de terra, a alma das gentes, sobretudo as possibilidades turísticas graças às belezas naturais da região.

Atualmente, Hélio Serejo foi redescoberto. As Universidades Públicas de Mato Grosso do Sul, tanto a Federal (UFMS) como a Estadual (UEMS), têm incorporado em seus projetos de pesquisas a vasta obra serejeana. Foi de grande valia a leitura de duas dissertações de Mestrado, cujos *corpora* são formados por obras de Hélio Serejo, ambas produzidas pela UFMS. A primeira, na área de Linguística, orientação pela Dra. Aparecida Negri Isquerdo, e a segunda, na área de Literatura, orientada pela Dra. Rosana Cristina Zanelato Santos já referidas na Introdução. Hoje não há mais como se falar de literatura sul-mato-grossense sem referir-se à escritura de Serejo.

Em homenagem ao seu nonagésimo aniversário, no ano de 2002, o Professor Lins teve a feliz lembrança de contatar amigos de Hélio, para, juntos, registrarem esse momento. Esta iniciativa resultou na publicação de um livro, organizado pelo idealizador da homenagem, em cujo título se resume boa parte da sua existência: *O Sol dos Ervais: Exaltação à obra literária de Hélio Serejo*. É bem provável que a escolha do título pelo organizador da coletânea tenha se estribado na lição grega para louvar o homenageado. Talvez, por entender que o fato de Hélio Serejo pertencer à Academia a prerrogativa da imortalidade já estava cunhada em seu prenome irradiando brilho e luz próprios.⁴²

⁴² O paraibano José Pereira Lins (1921), professor aposentado, em intensa atividade intelectual em biblioteca particular, com significativa quantidade de milhares de livros, revistas, periódicos artigos recentes, publicações da internet, etc., estudioso e colecionador da obra, conhecedor do homem Hélio Serejo, em novembro de 2005 concedeu-me, gentilmente, uma entrevista que resultou na aquisição de novas informações sobre o meu objeto de pesquisa, bem como me foi possível fazer as inferências acima no corpo do texto. O

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RECURSOS RETÓRICO-ARGUMENTATIVOS

*Eu sou estas casas
Encostadas
Cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada
Dessas árvores,
Sem nome e sem valia,
Sem flores e sem frutos,
De que gostam
A gente cansada e os pássaros
vadios.
(Cora Coralina, 1987)*

O capítulo que se inicia tem por finalidade proceder à descrição e à análise dos recursos argumentativos e das figuras retóricas⁴³ contidas em um discurso de Hélio Serejo que é parte integrante do corpus desta pesquisa. Entretanto, a produção desses recursos lingüísticos criados a partir de coisas simples, elementos naturais, insignificâncias, saem da letra serejeana prenhes da cultura, da história e da linguagem regional compondo uma imagem legítima e representativa da identidade sul-mato-grossense. Para tanto, é conveniente assentar um breve relato acerca das origens das figuras e dos argumentos, partindo de alguns conceitos extraídos da cultura clássica que encontram repercussão nas teorias contemporâneas, bem como uma rápida exposição sobre o modelo teórico utilizado para a consecução dos procedimentos inicialmente anunciados.

Na realidade, o trabalho em execução aspira a ser uma espécie de crítica. Assim, postula um modelo e um texto. Decorre daí o seu caráter filológico, uma vez que a análise descritiva objetiva a compreensão e a explicação do texto. Diante disso, a opção pelo

entrevistado afirmou de forma categórica que, no momento atual, dá-se o direito de só enaltecer a figura e a obra serejeana.

⁴³ Segundo Tringali, (1988, p. 9-11) quando, hoje, se fala em Retórica, urge esclarecer de que Retórica se trata porque há várias Retóricas. A primeira Retórica é a nascida na Grécia, a retórica por excelência, chamada de Retórica Antiga. As outras com as quais convivemos resultam de reduções sucessivas da primeira e são denominadas de Retórica Clássica, Retórica das Figuras, A Retórica Nova e a Retórica Semiótica. Somente a Antiga é completa em todas as suas partes: invenção, disposição, elocução, memória e ação. A Clássica caracteriza-se como uma arte de escrever e falar bem, desaparece no século XIX, quando aparece a Estilística. A das Figuras reduz a elocução às figuras; a Nova se restringe ao estudo da invenção incluindo-se na Lógica da argumentação provável; a Semiótica resulta da relação entre ambas (retórica e semiótica) em que o modelo retórico re-elaborado serve de instrumento à Semiótica.

modelo de discurso retórico parece bastante adequada pela possibilidade que este enseja de percorrer aspectos peculiares de texto, sobretudo, o seu aspecto persuasivo.

3.1 Ciências da linguagem: alguns enfoques

O estudo da linguagem, preliminarmente, requer a fixação de alguns conceitos, para não subverter o fio condutor que norteia a tessitura deste trabalho e, ainda, possui a finalidade de especificar o seu campo de abrangência. Para tanto, e pela natureza desta pesquisa, as Ciências da Linguagem serão avocadas nos aspectos em que se aproximam, corroborando, assim, para a clareza da análise do objeto de estudo e, conseqüentemente, da produção de sentido.

3.1.1 Concepções de Linguagem

O modo como se concebe a natureza fundamental da linguagem, uma vez considerada a intenção que norteia os objetivos, é responsável pela forma sobre a qual se assenta a estrutura de um texto, pela escolha lexical, adequações terminológicas e, sobretudo, pela geração de sentido capaz de traduzir o ânimo motor daquela produção.

Parece conveniente ainda, apenas em termos conceituais, abordar cada uma das três possibilidades distintas de conceber a linguagem, para tecer maiores considerações sobre aquela concepção pertinente ao objetivo inicial.

3.1.1.1. Expressão do pensamento

Para Travaglia (1996), a primeira concepção vê a linguagem como forma de expressão do pensamento. Segundo essa concepção, a expressão se constrói no interior da mente, exteriorizada por uma espécie de tradução de um ato monológico, individual, sem qualquer influência das circunstâncias contextuais. Assim, as leis de organização lingüística estão atreladas às leis da psicologia individual e à capacidade particular de organizar um pensamento lógico. Essa concepção é adepta da presunção de que existem regras a serem

seguidas para a organização lógica do pensamento e conseqüentemente da linguagem. Estas estão consubstanciadas nas normas gramaticais do “bem” falar e escrever, resultando no que se convencionou chamar de gramática normativa.

3.1.1.2. Instrumento de comunicação

A segunda concepção, de acordo com o lingüista acima citado, vê a linguagem como instrumento de comunicação. Aqui a língua é vista como um código, ou, por outras palavras, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, que permite instaurar a transmissão e recepção de mensagens e informações entre falantes que dominam um mesmo código. Dessa forma, Neder (apud TRAVAGLIA, 1996) esclarece que:

o sistema lingüístico é percebido como um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta. A língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal.

Essa visão monológica, partidária de uma perspectiva formalista, estuda a língua enquanto código virtual, desvinculado de sua utilização na fala ou no desempenho, conforme os pressupostos do estruturalismo de Saussure e o transformacionalismo de Chomsky, o que reduz o estudo ao funcionamento interno da língua, afastando-se do que nesta é social e histórico.

3.1.1.3. Forma de interação

A terceira concepção, continuando na mesma esteira, vê a linguagem como forma ou processo de interação. Isto significa que ao usuário da língua é permitido fazer desta uma ferramenta capaz de ajudá-lo na aproximação com seus semelhantes e no entendimento dos anseios da espécie humana. Esta concepção de linguagem não se configura tão-somente pelo fato de traduzir e exteriorizar pensamentos; não se detém apenas na esfera da transmissão de mensagens a outrem; não comunga o pressuposto de que a verdadeira substância da linguagem seja constituída de um sistema abstrato de formas

lingüísticas; antes, prevê que a interação verbal, como uma realidade essencial da linguagem, permite ao falante atuar sobre o interlocutor, ou melhor dizendo, interagir com o seu ouvinte e/ou leitor. Nessa perspectiva,

A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido, entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e falam e ouvem desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais (TRAVAGLIA, 1996, p. 23).

Convém lembrar que o termo interação, em alguns momentos, acaba extrapolando a conceituação de concepção de linguagem, para ser empregado com a intenção de descrever o processo de comunhão homem-natureza, donde os elementos humanos e naturais se mesclam e se absorvem, no sentido de produzir novos efeitos de sentido a partir das qualificações que se emprestam mutuamente, resultando num efeito artístico de criação do belo através da palavra.

Diante do exposto, afigura-se com bastante clareza a opção que neste estudo se faz pelo enfoque contemplado pela terceira concepção de linguagem – **linguagem como processo de interação**. Em primeiro lugar, esta opção, além de ser coerente com o objeto deste estudo, encontra também sua justificativa nas noções acerca da teoria da linguagem literária – estilística léxico-semântica - uma vez que a visão panorâmica compõe-se de obras literárias, donde se pretende extrair e analisar, à luz dessas teorias, imagens verbais representativas de um universo sociocultural, ideológico, produzidas pela veia regional do autor sul mato-grossense Hélio Serejo.

Por outro lado, a necessária delimitação do *corpus*, objeto da análise, requer um exame à luz da teoria retórico-argumentativa. Para tanto, se faz mister trazer conceitos, alguns dados e elementos estruturais desta teorização de maneira a estabelecer uma íntima sintonia entre o processo interacional da linguagem e a técnica retórico-argumentativa. Já foi dito que aquela concepção de linguagem preza, sobremaneira, pela aproximação do homem com o seu semelhante, ou seja, pelo encontro do *ego* com o *alter*. Mas esse encontro não é mecânico, gratuito. Ao contrário, está carregado de intenção. Enseja

compartilhar e, nesse sentido, procura a adesão, o convencimento, a persuasão. Neste momento entram em cena os recursos retórico-argumentativos compatíveis ao processo.

3.2 Breves considerações sobre Retórica

Na lição de Aristóteles se encontram os fundamentos que solidificaram essa espécie de conhecimento humano, não obstante os esforços de teóricos que o antecederam, foi ele quem a sistematizou e delimitou o seu alcance.

A retórica não é ciência, nem puro empirismo; não se funda no geral, mas no que produz as mais das vezes; não é prática, ou seja, não influi no comportamento geral da vida; nem é teórica, isto é, não tem por objeto a essência. É poética, visto que formula as regras da criação. **Enfim, sua finalidade não é tanto persuadir quanto descobrir o que há de persuasivo em cada caso.** Eis desmoronadas as ambiciosas pretensões sofistas que entendiam dever elevar ao nível de Ciência. Por outro lado ela aparece realçada aos olhos daqueles que desejariam convertê-la apenas numa coletânea, num receituário, circunscrito aos casos particulares (ARISTÓTELES, [s.d], p. 22). (grifo meu).

Através dessas asserções o filósofo ensina que a Retórica, em busca do ato persuasivo, raciocina sobre coisas verossímeis, sobre opiniões, independentemente de serem ou não reais, podendo apenas, serem dotadas da possibilidade de configurarem-se como tal; diferentemente da Ciência que tem por princípio demonstrar a verdade. Assim, fica claro à Retórica, o seu caráter de possível de ser; enquanto a Ciência, através de suas regras analíticas, evidencia aquilo que é. Daí à Retórica ser permitida a elaboração das regras de criação, uma vez que concilia dados racionais e emocionais; à Ciência compete trabalhar com a estrutura do silogismo, em que duas premissas se encadeiam para se chegar a uma conclusão pela demonstração. Enfim, a Retórica persuade; a Ciência expõe.

A força da Retórica se concentra, pois, na persuasão, ou como assegura Aristóteles, na descoberta do que há de persuasivo em cada caso. Nesse sentido, o discurso retórico, do ponto de vista formal, é essencialmente persuasivo pelo fato de constituir-se como uma tarefa em que o objetivo do orador é persuadir um auditório a aceitar o seu ponto de vista e, conseqüentemente, refutar o ponto de vista contrário. Para Tringali (1988, p. 21):

Persuadir é gênero e compreende três espécies, três modos de persuadir, a saber, convencer, comover, agradar. A estes três níveis de persuasão Cícero chama de “*Tria officia*”, as três funções da retórica. A primeira se diz lógica, a segunda afetiva, a terceira estética.

1) *Convencer* – vem de “cum+vincere” = vencer o opositor com sua participação. E tecnicamente denota persuadir a mente através de provas lógicas: indutivas (exemplos) ou dedutivas (argumentos).

2) *Comover* – vem de “cum+movere” = comover, persuadir através do coração. Pela excitação da afetividade, a vontade arrasta o intelecto a aderir ao ponto de vista do orador. Essa oposição entre persuasão intelectual e persuasão afetiva permite distinguir, historicamente, dois tipos de Retórica: a que vigora nas épocas de classicismo e a que vigora nas épocas de romantismo.

3) *Agradar* – corresponde na terminologia latina a “placera” = agradar; “delectare” = seduzir, encantar, deleitar. O discurso retórico, deleitando ajuda a persuadir. Agrada à faculdade do gosto, principalmente pelas louçanias de estilo. Esse objetivo faz da Retórica uma arte de bem falar.

(...) Perelman, sem se afastar muito de Kant, usa persuadir quando se quer atingir um auditório particular; convencer quando se quer atingir um auditório universal.

Philippe Breton (2003, p. 60-1) procura uma definição para argumento partindo da contribuição de autores recentes como Oswald Ducrot que defende “a idéia de que tudo na língua é argumento”. Embora concorde com essa afirmação, Breton entende ser necessário dar a esse termo um sentido mais preciso, com a finalidade “de distinguir, do ponto de vista da comunicação e de sua intencionalidade, as ações humanas que visam fazer partilhar uma opinião, das ações que buscam informar, seduzir... ou ainda não dizer nada”. Nesse sentido, esclarece que há dois níveis de argumento: *o nível do conteúdo* que equivale ao campo das opiniões e *o nível do molde argumentativo* que vai dar sua forma à tese que se quer defender.

Desta última instância, decorrem os argumentos categorizados em *quase lógico* “aqueles que por um esforço de redução ou de precisão, de natureza não-formal, permite dar a tais argumentos uma aparência demonstrativa” (PERELMAN, 2002, p. 219) ou em *ad hominem* “aqueles que o orador sabe que não teriam peso para o auditório universal” (PERELMAN, 2002, p. 125); isto é, válido apenas contra a pessoa à qual se dirige; ou, ainda, *pelo exemplo* “aqueles que permitem uma generalização” (PERELMAN, 2002, p.399). Na realidade, são formas específicas nas quais podem ser encaixadas as diferentes opiniões.

Na esteira desse entendimento Breton (2003) procura demonstrar quão raro é a existência de *argumentos puros* contrariando a obsessão taxinômica que tomou conta de alguns autores ao longo da história da Retórica. E explica que o argumento pelo exemplo contém uma espécie de comparação que não deixa de ser um apelo à autoridade, ou ainda contém uma ponta de analogia e até mesmo um raciocínio metafórico. Não obstante, assegura que não é favorável ao caos, ou seja, à impossibilidade de qualquer análise. Antes, há que se atentar para pontos dominantes que levam a compreender se se trata de um argumento ou de uma comparação, por exemplo. Mesmo em face da proximidade de certos argumentos que podem instaurar a confusão, é possível identificar grandes famílias de argumentos que se distinguem pela natureza do raciocínio que encetam.

Pela exposição acima é possível compreender que a argumentação consiste em uma expressão verbal resultante de exercício do raciocínio⁴⁴. Decorre daí a possibilidade de se apresentar o argumento em conformidade com o objetivo do orador. Assim, os argumentos são formulados segundo as regras do *convencer*, do *comover*, do *agradar*. Vem daí a necessidade de uma classificação da natureza de raciocínio dos argumentos em conformidade com a sua finalidade, sobretudo, porque a expressão verbal do raciocínio chama-se argumento.

Dessa forma, a análise de um argumento deve considerar as questões relativas aos *níveis* (conteúdo e molde argumentativo), aos *gêneros* de discurso (laudatório, judiciário, político), à *finalidade* do discurso (convencer, comover, agradar), tipos de *raciocínio* desenvolvido, para apreender-lhe a coerência interna. Explicando: essa seqüência ora apresentada, se justifica somente em termos didáticos, uma vez que o argumento é resultado de um processo de abstração em que vários saberes são acionados quase que simultaneamente para a consecução e concretização do objetivo. Assim, se a intenção do orador é *convencer* o seu auditório deverá valer-se de elementos selecionados tanto no nível semântico da língua escolhendo as palavras passíveis de gerarem o efeito de sentido desejado, como no nível sintático procurando a forma que melhor se harmoniza com as

⁴⁴ Alvim,(1964, p. 65, apud DAMIÃO e HENRIQUES, 2004), registra a definição de Ch.Lahr para o vocábulo raciocínio: “é a operação do espírito que, de uma ou de várias relações conhecidas, conclui, logicamente, uma outra relação”.

noções de sentido ensejadas e formular um enunciado através de um raciocínio (*apodítico, retórico, silogístico*) pertinente ao caso em tela.

Neste momento, algumas teorias lingüísticas e retórico-argumentativas, preferencialmente, são avocadas com o intuito de dar fundamentação teórica à análise realizada. Sem, contudo, excluir qualquer outra fundamentação atinente às Ciências da Linguagem que possam, também, respaldar adequadamente a descrição e a análise efetivadas.

3.3 O discurso retórico

O discurso retórico é conceituado como um texto persuasivo e dialético. Em Tringali (1988, p.19):

Do ponto de vista da matéria (...) ele apresenta sempre uma questão discutível, controversa, provável, a respeito da qual não se chega à certezas, mas a probabilidades.(...) é sempre dialético: discurso sobre questões prováveis. Do ponto de vista formal, o discurso retórico se especifica por tentar persuadir a respeito de uma questão provável, controversa. A finalidade do discurso é persuadir e a finalidade dá o traço diferencial do discurso retórico.(...) um discurso retórico é feito de questões prováveis, dialéticas, esse o objeto material (...) sob a perspectiva persuasiva, esse o seu aspecto formal.

A velha questão se a divisão deveria ser binária ou ternária encontra resposta em Aristóteles para quem o discurso constaria de duas partes essenciais, isto é, a exposição do problema e as provas, acrescentando-se eventualmente uma parte introdutória e uma conclusão. De acordo como o modelo aristotélico corresponderia às partes do discurso conhecidas por *exórdio, meios de refutar, narração, provas, interrogação e epílogo*. O que equivale à *inventio*, à *dispositio* e à *elocutio*. Na verdade, o discurso se compõe de introdução, desenvolvimento e conclusão. É oportuno lembrar que a insistência da Retórica antiga no aspecto do planejamento forneceu um grande legado à elaboração dos trabalhos científicos atuais (TRINGALI, 1988, p. 81-2). Assim, a questão da estrutura do discurso

ganha corpo por meio da seqüência formada pelas etapas consolidando a ação propriamente dita.

A produção de um discurso retórico obedece a uma série de requisitos tanto no aspecto de fundo como de forma. Posta a questão, o orador vai percorrer as várias etapas cujo ponto de partida,

a) a *inventio*, significa: “(...) a arte de achar em qualquer questão os meios de prova. Inventar é procurar as provas” (TRIGALLI, 1988, p. 62). Ali se inscrevem *as tópicos* e *as provas*. As primeiras, de acordo com Perelman (2002, p 97-105) compreendem: os lugares de quantidade e os lugares de qualidade. Já as *provas* independentemente de sua tipificação: se extrínsecas, ou intrínsecas e estas se lógicas (silogismo e exemplo), se psicológicas (éticas e patéticas) compõem o espaço destinado à argumentação. A *inventio* consiste na tarefa de preparar argumentos de confirmação e/ou refutação dos termos propostos pela questão.

b) A *dispositio* é o momento de planejar, esquematizar, preparar o roteiro. Consiste na organização e montagem das partes de maneira que o todo tenha uma unidade, em que nada fique solto, que cada dado esteja no seu devido lugar. Tem-se aqui o problema lógico da divisão e classificação, ou seja, a divisão reparte o todo em suas partes, a classificação situa a parte dentro do todo.

c) a *elocutio* “(...) na terminologia da Retórica indica, de preferência, ação de escrever o discurso porque é regra escrever o discurso e decorá-lo e depois pronunciá-lo em público. (...) Equivale a *inventio*, enquanto na invenção se buscam as coisas = *res*, na elocução se buscam as palavras = *verba*” (TRINGALI, 1988, p. 87).

d) *memoria* esta etapa do discurso se liga à escassez ou inexistência (em períodos passados) de materiais para anotações. Na Retórica antiga, a memória foi endeusada e cultuada, já no final do século XIX, foi amplamente hostilizada na luta que se travara na “escola nova” contra o ensino decorativo. “A memória deve ser cultivada e acresce observar que se não se exercita ela, (sic) como adverte Cícero, ela perece. Mas a memória obedece a leis que convém respeitar fazendo-se dela um uso higiênico e racional”. (TRINGALI, 1988, p. 96)

e) *pronuntiatio* corresponde à última fase do discurso, ou seja, à ação.

Antes de pronunciado o discurso, ele existe apenas em potência, em expectativa, em gestação. Depois de pronunciado, quando escrito, ele sobrevive apenas como documento, *ad perpetuam rei memoriam*. A essência do discurso se completa na sua execução. (TRINGALI,1988, p. 98)

Somente depois de aparelhado com um instrumento de análise é que a atividade crítica com o texto selecionado pode tornar-se operante, pois a ausência daquele pressupõe a impossibilidade de realizar qualquer operação. O modelo retórico de análise proposto por Tringali (1988, p. 202-5) compõe-se de:

Tema, questão, tese e hipótese, estado da questão, constituição da causa, discurso persuasivo, auditório, gênero do discurso, invenção, provas refutativas e confirmativas, provas extrínsecas lógicas: silogismos e exemplos, provas intrínsecas psicológicas: éticas e patéticas, topoi ou loci ou lugares comuns, conclusão, disposição, elocução, figuras, retórica semiótica, ideologia.

Esse modelo será aplicado, de forma parcial, durante o processo de descrição e análise do *corpus*. Tringali (2003, p. 201) assegura que “o modelo retórico se aplica a qualquer texto, em qualquer linguagem, verbal ou não, artística ou não, seja um poema, um conto, um romance, **um discurso oratório**, um comercial...” (grifo meu). O que significa dizer que se trata de um modelo que serve para referendar o método de trabalho realizado.

3.4 – Resgate clássico e sua recriação contemporânea

3.4.1 Forma e matéria

A argumentação tem sua sistematização registrada, pela primeira vez, nos tempos iniciais da Retórica Antiga. A Grécia submetida ao poderio do dominador romano seduziu e dominou o conquistador não pelo contingente militar, mas, sobretudo, pela palavra. É em Aristóteles que se encontra o esquema da estrutura e funcionamento do discurso, até hoje empregado, consideradas as modificações advindas do progresso dos estudos da linguagem.

Notadamente, essas instâncias dispõem-se em uma seqüência lógica e permitem afirmar a sua atualização nos pressupostos da lingüística textual desenvolvida, sobretudo,

na Europa, a partir da década de 60 do século passado. O conceito de texto, na visão etimológica *texere*, parte da idéia de entrelaçamento das partes para formar um todo significativo e passa pela noção de textualidade, onde os recursos coesivos, relacionados com o material conceitual e lingüístico formam um conjunto de condições para que fatores pragmáticos como a intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, entre outros, promovam um resultado coerente neste processo sociocomunicativo.

Diante do modelo clássico e das formulações atuais, é possível perceber a incidência dessa estrutura em diversas modalidades discursivas que operam leves adequações com a intenção de dar ao orador recursos suficientes para articular fatos e conceitos, num exercício de progressividade e compatibilidade entre as ocorrências explícitas e as possíveis inferências, de tal forma que seja mantida a unidade, mesmo diante da apresentação de novas informações. Tudo isto na perspectiva de compor um texto cujos aspectos lingüísticos, formais e pragmáticos interajam harmonicamente de modo a interagir, também, com o contexto de recepção.

Assim sendo, acredito ser bastante coerente a aproximação do *velho* ao *novo* pelo fato de não se poder creditar ao texto uma *inocente solitude*, quando sobreleva o reconhecimento de um *já-dito* em relação a outros anteriores que funcionam como seu contexto. Desta forma, o *exórdio* é reconhecido como o preâmbulo, o início, a introdução; *os meios de refutação* correspondem aos recursos, à metodologia adequada; *da narração* enfeixa a exposição dos fatos, das opiniões que se quer partilhar; na instância *das provas* reside toda a carga argumentativa, o que por sua vez recorrerá a outros expedientes que concorram para a verossimilhança, qualidade esta que individualiza o texto retórico; o *epílogo* se encarrega do fechamento das atividades discursivas, reiterando a plausibilidade de tal posicionamento perante aquela realidade ou a necessidade de mudança.

Em sua *Arte retórica*, Aristóteles trata de componentes significativos da linguagem como *a gramática, a filosofia da linguagem, a estilística e as relações da retórica com a dialética*. Nesse Tratado, o Autor categoriza as provas referindo-se a provas técnicas, extratélicas, morais e subjetivas, as quais comporiam um conjunto de regras que ensinariam como se faz e qual o significado dos procedimentos persuasivos.

A palavra dialética deriva de *dialegesthai* (falar com, discorrer, raciocinar). O *falar com* já pressupõe a presença de um interlocutor. Posteriormente, a significação da palavra foi ampliada para “discorrer com o fim de atingir a verdade que pode executar-se através de duas pessoas ou ser o diálogo silenciosamente conduzido pela alma consigo mesma”, conforme se lê na *República* (PLATÃO, 1972, p. xxxi).

O raciocínio dialético não pretende se afirmar nem conseguir a adesão dos interlocutores lançando mão de quaisquer meios; não se afigura como um expediente retórico, cujo principal objetivo é a vitória nos embates, não legitima toda e qualquer manifestação do intelecto humano. De acordo com Tringali (1988, p.192),

(...) o sentido pejorativo acompanha a Retórica desde suas remotas origens com os sofistas, que só cuidam de ensinar a técnica da Retórica, como um instrumento independente do conteúdo e, como consequência, defende-se indiferentemente o justo como o injusto, pois, o que interessa acima de tudo, é tornar forte uma causa fraca, salvar causas perdidas,

O raciocínio dialético é aberto a discussões, permitindo controvérsias e discussões, embora a intenção do orador esteja voltada para trabalhar as hipóteses de maneira a convencer o auditório daquela que pretende seja mais aceitável.

Vale ressaltar, neste passo, a lição de Gadamer (1999, p. 536), ao discutir questões relativas à colocação de uma pergunta, ou seja, se uma pergunta pode ser correta ou falsa. E, ele mesmo responde que “uma pergunta é falsa quando não alcança o aberto, mas o desloca pela manutenção de falsos pressupostos”, em cuja anterior argumentação assim orienta:

Na medida em que a pergunta se coloca no aberto, abarca sempre o que foi julgado, tanto no **sim** como no **não**. Nisso se estriba a relação essencial entre perguntar e saber. Pois a essência do saber não consiste somente em julgar corretamente, mas em excluir o incorreto ao mesmo tempo e pela mesma razão. A decisão é o caminho para o saber(...). Só se chega a saber a coisa mesma quando se resolvem as instâncias contrárias e quando a vista perpassa os contra-argumentos na sua incorrectura. (GADAMER, 1999, p.357)

A retórica é uma variante do raciocínio dialético, é um espaço que concilia dados racionais e emocionais, que não pode evitar os debates, antes, sim, deve considerar os argumentos que se usam em determinadas ocasiões, embora privilegie o envolvimento do auditório. Trata-se, pois, de instaurar o pluralismo de opiniões, tendentes a uma abertura interativa, em que os meios empregados não desvirtuem a noção de ética e nem conduzam à perversão da palavra e do discurso.

A estrutura do primeiro discurso acadêmico produzido por Hélio Serejo, por ocasião de sua tomada de posse na Academia Mato-grossense de Letras em 1973, lembra a lição clássica. Existe aqui a tentativa de investigar a sua aproximação ao modelo aristotélico, tendo por princípio norteador a noção de assunto e a finalidade a que deve obedecer cada uma das partes⁴⁵. Ainda, verificar a composição do discurso laudatório sob o ponto de vista material e formal através do conteúdo retórico e do molde argumentativo empregado para revesti-lo.

3. 5 Instâncias do discurso: Descrição e análise

3.5.1 Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas os açoites desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses. (Da linha 6-16, doc. original p. 145)

O texto em cotejo se inicia com uma espécie de auto-retrato: *eu sou...*, *eu sou...*. Essa apresentação é feita, em todos os seus segmentos, por construções que atribuem características de diferentes categorias ao ser em questão, através de uma gama variada de imagens que povoam a razão e o imaginário do orador, na ânsia de realizar a passagem do

⁴⁵ Procurei dispor o texto em blocos, inicialmente, representativos da estrutura formal porque acredito que este procedimento, num segundo momento, permitirá visualizar de forma mais clara os recursos retóricos e argumentativos existentes em cada conjunto, para depois relacioná-los ao todo. Acredito não ter causado nenhum prejuízo à obra porque preservei o tom laudatório e, ainda, por tratar-se de um texto cuja forma atende ao modelo clássico e não pretende valer-se dela como meio gerador de efeito de sentido.

simbólico abstrato e intuitivo do pensamento e das idéias, para o simbólico concreto e expressivo da linguagem.

Portanto, a parte inicial que na formulação aristotélica designa o *exórdio*, ali, representa o preâmbulo do texto por corresponder, exatamente, à parte introdutória do discurso, lugar em que o nosso Acadêmico entendeu preencher com a sua identificação à sua maneira e que se poderia chamar de *tópica da apresentação* contida no **primeiro bloco**, ou seja, desde *Eu sou...* até *...terrarias matogrossenses*.

Nesta primeira instância é possível perceber a tentativa de manifestação da identidade do orador, através do uso reiterado do presente verbal de maneira a enunciar a sua convicção ao descrever-se com muita simplicidade de comparação com as coisas simples da natureza, tendente a traduzir o sentimento de humildade que se quer creditar a si próprio. Embora essas idéias estejam explícitas na superfície textual, não se pode negar a existência de um discurso subjacente a este e que permite a leitura da outra face. A verticalização permite chegar-se ao reconhecimento de uma parte da engenharia textual: os fundamentos do texto se assentam sobre oposições que serão uma constante na construção da obra inteira.

A referência inicial ao sujeito vem carregada de uma impressão disfórica, expressamente marcada nos segmentos: *homem **desajeitado**, homem **fronteiroço**, gestos **xucros**, infância **atribulada**, faces **sangüíneas**, **açoites**, vento **vadio** (3.5.1)*. O conjunto de palavras, em negrito, alinham-se para compor a cadeia de aspectos negativos que atuam em seu desfavor; constrói-se, assim, uma imagem da pequenez e do distanciamento como elemento de separação. Importante ressaltar, também, a menção que o orador faz a sua infância, cujo sentido advindo da colocação dos elementos essenciais da frase na ordem direta - *Sou homem que recebeu na infância atribulada os açoites* – evidencia se não uma justificativa, pelo menos uma atenuante para este seu modo *rusticus*.

O fato de ser criança já implica certa passividade que, aliada à ação de *receber*, na sua acepção de *ser punido com, sofrer*, de acordo com a sua transitividade direta neste último caso, intensifica esta noção. A idéia de sofrimento, no seu melhor sentido, se é que se pode assim dizer para se opor ao sofrimento doentio, só pode advir de fora, de outrem. O sujeito representado por um ser infante recebe o objeto de sua dor. Vem daí a interpretação

de que a imagem do homem ‘bronco’ que avulta no começo da apresentação resulta, também, dos reveses da vida fronteiriça.

Não há como desprezar uma alusão tão significativa como a que é, neste contexto, o fato de ser fronteiriço. A idéia de pequenez anunciada acima, neste passo, se associa à idéia de fronteira para intensificar a noção de distanciamento, como se estivesse perdido naquela imensidão de terras. Se a designação *fronteira* pode significar *a parte limítrofe de um espaço em relação a outro*, é bastante provável que esse significado assuma um sentido depreciativo. Trata-se da fronteira Brasil - Paraguai. Foi justamente nesse limiar que se travou a Guerra do Paraguai com a vitória do Brasil ao fim do conflito. O Paraguai derrotado e dizimado praticamente em todos os aspectos não oferece resistência à intenção de seu povo em atravessar a fronteira em direção ao Brasil em busca de sobrevivência.

Ao entrar em contato com o país vizinho, o paraguaio é submetido aos usos e costumes do Brasil, uma vez que chega aqui na condição de peão de fazenda ou de trabalhador nos ervais. Entretanto, isso não o impediu de exercer fortes influências que acabaram integrando a cultura dessa região brasileira, apesar da tentativa de resistência pelos nacionais, em não se deixar influenciar por alguém que era visto, preconceituosamente, como inferior. O fato de ser da fronteira estava rotulado por uma gama de adjetivos nada qualificativos: *preguiçoso, incapaz, inculto, violento, imoral, desonesto*. No contexto em que se achava Hélio Serejo, o estigma de *homem fronteiriço*, por si só, era suficiente para vetar a sua entrada e permanência naquela seleta casa de cultura, pois, não bastassem as exigências inerentes ao papel a ser desempenhado, essa circunstância aumentava o compromisso de ser, estar e apresentar-se sempre em condições de paridade com seus Confrades.

Alegar, preliminarmente, as circunstâncias negativas é um recurso argumentativo que poderá ser muito eficiente quando se postula em causa própria. No *Tratado da Argumentação*, (PERELMAN, 2002) aborda os aspectos da atenuação e da intensificação dos argumentos. É com embasamento nessas informações que se apresenta a síntese a seguir que servirá como parte da fundamentação teórica, para explicar a técnica argumentativa empregada por Serejo. Este, ao assumir aquele predicativo, se antecipa às oposições vindouras e justifica-se através de um jogo argumentativo em que a presença de

um argumento explícito de força negativa atua contrariamente sobre o auditório, transformando-se em um argumento forte, porque traz implícita a noção de quão grande será o investimento operado para conseguir a superação do obstáculo.

O fenômeno da interação é que determina, em grande parte, a escolha dos argumentos a serem apresentados, determinando também a amplitude de seu alcance e a ordem em que devem hierarquizar-se. A força dos argumentos variará conforme o auditório e conforme o objetivo da argumentação. O princípio que rege esta força deve ser a adaptação do auditório às teses apresentadas. Desta forma, não basta apenas escolher as premissas que se entende convincentes. É preciso prestar atenção às objeções que estas podem suscitar e que podem opor-se à argumentação frustrando a expectativa do orador. Entretanto, o conhecimento das normas de valores e a observação às reações do auditório fornecem a medida da validade e eficácia dos argumentos.

A força dos argumentos depende de um contexto tradicional. Em Perelman (2002, p. 528) colho este ensinamento que tem alcance geral a toda espécie de argumento:

O contexto filosófico dá uma força maior a certos gêneros de argumentos: o realismo das essências favorecerá todas as formas de argumentação que se apóiam nas essências; **uma visão do universo que admite a existência de graus hierarquizados da realidade favorecerá a argumentação por analogia**; o empirismo favorecerá os argumentos baseados nos fatos apresentados como indiscutíveis; o racionalismo fornecerá a argumentação por meio de princípios. (grifo meu).

Isto significa aliar os tipos de raciocínios (apodítico, dialético, retórico, silogístico) e os argumentos deles decorrentes aos gêneros e à natureza dos discursos em questão.

A força dos argumentos poderá ser empregada de forma explícita ou implícita. A superestimação deliberada do orador poderá aumentar a força dos argumentos, mas isto poderá também comprometer a pessoa do orador, se o auditório entender nessa atitude a presença da má-fé. Dessa forma, o argumento que era para ser forte se desfaz. Já o inverso poderá ser muito eficaz. Restringir o alcance de um argumento poderá tornar o auditório confiante na moderação do orador e estender as conclusões mais longe do que se o orador tentasse conduzi-lo à força.

Figuras como: a *insinuação*, a *reticência*, o *eufemismo* são apropriadas para essa técnica de atenuação, pois através de uma expressão moderada poder-se-á aumentar a força dos argumentos. Outro recurso que também atenua as pretensões argumentativas é a *analogia*. Esta pode aparecer sob o aspecto de uma hipótese moderada, cujos efeitos serão tendentes à conclusão desejada. Isso faz concluir que a pretensão inicial do Autor em optar por “desqualificar-se” pela sua apresentação chã, reles, em analogia aos marginalizados, tem a motivação de, ao lado da humildade patente, sugerir a sensatez e a consciência da grandeza do empreendimento vindouro.

Pois, como esclarece Perelman (2002), toda refutação que se processa em desfavor de uma tese do adversário implica, necessariamente, atribuir certa força ao que é refutado, para que se justifique o esforço que se faz para tornar a refutação importante e digna de ser levada em consideração. Assim trabalha o Orador que quer ser convincente, porque insistir nas qualidades pessoais, no seu humor, talento, prestígio e poder, entre outras, é um fator de dissociação entre a força real e intrínseca de um argumento e o seu poder aparente. Contrariamente aos objetivos, esta remissão tenderá a elucidar que não se processará o convencimento através daquelas qualidades, porque elas, por si sós, não possuem o *status* de argumento. Entretanto, no mesmo bloco e com a mesma cadência, inaugura-se uma nova enunciação para compor a idéia contrastiva, o que resulta em uma imagem altamente eufórica comprovada pela seleção vocabular que passo a descrever e analisar.

A seqüência de frases curtas, no primeiro bloco, (3.5.1), imprime ao texto um ritmo rápido, numa analogia à velocidade do vento. Desta forma, a aparente idéia inicial de discriminação de valores é anulada pela ausência de um sinal de pontuação: ponto final (.) ou, ponto e vírgula (;) que dariam outra leitura ao enunciado separando cada um dos lados do ser. Assim, as duas faces da questão partem de um mesmo patamar e alcançam uma tonalidade ascendente, no discurso, confirmada pela dimensão do sentido valorativo das palavras designativas do ser comparante em relação ao ser comparado: *terras incaicas*, *recôncavo do mar*, *altiplano boliviano*, *imenso aberto do Chaco Paraguai*, *exausto do bailado demoníaco*, *cólera e estrupício de tormenta*, *cortante e gélido*, *sentinela avançada*.

Nessa perspectiva, tudo assume a grandiosidade própria dos elementos da natureza, revelando-lhes o lado forte, pois todas as prerrogativas são levadas a um grau máximo, quer se trate da constituição da matéria (*terra e mar*), quer se trate de superação de barreiras (*exausto, cólera, cortante e gélido*), só para citar alguns estados elevados ao superlativo. Para Breton (2003, p.132):

As redes de correspondência subterrâneas que sustentam as analogias se alimentam dos recursos de nossa língua, de nossa cultura, das comunidades de pensamento que nos unem e constituem um dos elementos mais seguros dessas redes. (...) **ela [a analogia] é uma correspondência que tira sua força de seu mistério compartilhado** (...) que tradicionalmente usa a palavra “tema” para designar a opinião a ser defendida e “foro” para designar a realidade da comparação.(grifo meu).

Segundo esse ensinamento, é possível descrever como *foro* a realidade da dimensão contida em *terra e mar* representativos da constituição da matéria e como *tema* a opinião relativa à grandeza de atributos necessários ao homem para sustentar essa correspondência. Da mesma forma, os atributos *exausto, cólera, cortante e gélido* determinantes de *vento* e *tormenta* constituem-se em *tema* à capacidade de suportar e vencer dificuldades geradas a partir do *foro* que expressa a realidade do sofrimento a ser suportado. Portanto, essa ligação estabelecida através de um pensamento comum adquire status de argumento cuja aparência nos convence de sua força.

Para finalizar esta *tópica da apresentação* cabe, ainda, uma rápida análise sobre a genealogia do Autor, naquilo que se pode ler e inferir da seguinte assertiva: *no afirmar da lenda avoenga*. A idéia de família constituída em harmonia com as regras sociais aceitáveis naquele tempo e lugar sobressai da expressão *lenda avoenga* que sugere a imagem dos mais velhos cumprindo a obrigação de ensinar e orientar as novas gerações. O recurso de contar histórias, muito comum em outras épocas, fazia parte do convívio familiar que pretendia valer-se dessas práticas para ensinar, instruir e convencer através das fábulas, lendas e demais histórias que povoavam o imaginário e/ou a realidade de um dado povo.

O diferencial neste texto serejeano é a sugestão da leitura de outro discurso subjacente carregado de inferências acerca do grau de conhecimento científico e cultural

dominado pelos seus ascendentes diretos. Ao trazer para o presente, para este momento ímpar, a lembrança de fatos remotos que ajudaram a compor a sua formação intelectual, a figura do avô avulta para conferir credibilidade à pessoa do novo Acadêmico. Segundo consta da biografia de Hélio Serejo, o seu avô paterno ocupara a patente de Coronel na Guerra do Paraguai pertencente ao Exército brasileiro, num período em que as patentes militares significavam não apenas o resultado dos anos de disciplina e vida militar, mas somavam-se ao reconhecimento pelo nacionalismo, coragem nas lutas e contribuições às grandes causas empreendidas por alguns eleitos e de que somente as pessoas de destaque e espírito nobre eram portadoras.

A história de vida do Coronel Francisco Marcos Tury Serejo, avô de Hélio Serejo, de linhagem européia, especificamente dos Serejos de Portugal que vieram para o Maranhão e daí para Cuiabá e depois Ponta Porã, sinaliza para o fato de que não se tratava de *um qualquer* como já de si dissera o *Dirceu* de Gonzaga, mas de alguém que tinha na origem *armas e bagagem* para realizar com *engenho e arte* aquela distinta missão. Visto pela ótica da Retórica Antiga essa tópica corresponde ao elogio à estirpe.

O material lingüístico-conceitual empregado na criação das imagens tende a compará-lo a uma figura abstrata resultante da fusão de sofrimento e rusticidade para aproximá-lo, em paridade, aos co-irmãos acadêmicos, capazes de honrar a tribuna a que os obriga a condição especial de detentores da imortalidade. Nesse sentido, tem-se a figura do mito amalgamada ao homem, pois os seres espirituais, alados ou etéreos, são desprovidos da faculdade de falar, mas a antropomorfização lhes concede tal licença. Ou nas exatas palavras de Tringali (1988, p. 191) “(...) os seres espirituais não falam porque destituídos de animalidade. (...) os deuses só falam no mito porque se antropomorfizam”.

Esta primeira instância do discurso já sinaliza para a identificação de vários elementos constantes do modelo teórico selecionado para a análise. Mas, antes uma breve consideração acerca dos gêneros oratórios. “O discurso laudatório ou louva ou vitupera, versa sobre um assunto atual, não pressupõe uma resposta imediata, funciona como ponte de passagem entre a Retórica e a Literatura” (TRINGALI, 1988, p.53). O elogio ao aniversariante; ao matrimônio; às virtudes ou o *post mortem* são algumas ocasiões em que

se admite o louvor. A sátira, a crítica, a censura, os vícios são apropriados ao discurso de vilipêndio, o que acaba sendo um ‘louvor’ às avessas.

O Discurso de Posse (*corpus* em análise) enquadra-se na categoria: discurso laudatório. Mas, um atento exame permite verificar a presença de elementos que são característicos de outros gêneros. Assim, aspectos dos gêneros político e judiciário podem ser entrevistados por trás da aparência laudatória, o que não é nenhuma novidade (TRINGALI, 1988, p. 57) assegura:

Em essência, todo discurso é político porque de uma forma ou de outra, tem em vista o bem comum, o interesse social. Os valores do discurso laudatório: o belo e o feio, os valores do discurso judiciário: o justo e o injusto são valores políticos.

(...)

Na prática nunca topamos com um discurso puro, só laudatório, só judiciário, só político. Já Quintilhano advertia que, no mesmo discurso, os gêneros se misturam em doses diversas. Os valores dos três gêneros se interpenetram, o justo, o bem, o útil. (...) Na sua forma extrema não há razão para confundir os gêneros: o judiciário termina pela condenação ou absolvição do réu, o político pela votação de uma decisão, o laudatório por um julgamento subjetivo sobre o valor do discurso.

O presente verbal “Eu sou...”, no primeiro bloco, é apropriado à matéria do discurso laudatório e encontra a sua justificativa em fatos anteriores. A alusão a fatos passados é, preferencialmente, matéria do discurso judiciário que aqui se faz argumento na expressão “Eu vim...”. Estas duas modalidades verbais se intercalam no primeiro (3.5.1) e segundo (3.5.2) blocos, no intuito não só de qualificar, mas também, de justificar o modo de ser do sujeito e sinalizam para uma tomada de posição satisfatória para o agente, o que não deixa de ser um argumento político, uma vez que o projeta para um fazer futuro.

Para fechar esta primeira instância, resta dizer que Serejo seguiu os passos essenciais à etapa introdutória do discurso, ou seja, estabeleceu a tese a ser postulada, chamada pelos escolásticos de o *status quaestionis*. Anunciou o tema com bastante despojamento, criando, desde já, a idéia de simplicidade, em geral, eficiente para a captar a atenção e a benevolência do auditório. Tem-se a idéia central: ele próprio dentro de um contexto delimitado e a motivação ao auditório através do aparente paradoxo engenhosamente criado a partir dos jogos lingüísticos.

3.5.2 Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbacuás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da “jungle”, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo. Os ventos do destino – maus ou bons – levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos. (Da linha 16-32, doc. original p. 145)

Este segundo bloco que compreende os segmentos desde *Eu vim dos ervais...* até ... *muitos caminhos*, é representativo do seu lugar de origem: *tópica da procedência*. Nesse passo, o orador reivindica para si o estatuto de natureza, tão íntimo o grau de aderência deste àquela. E, neste imbricamento de camadas, o lugar se transmuta ora em representantes da flora, fauna, ora em heranças longínquas, sombras, sons festivos, visões nostálgicas e frágeis resquícios que, paradoxalmente, se concretizam na rústica figura do homem sertanejo. Se, por um lado, esses elementos traduzem a idéia de coisa comum (homem = natureza), por outro, simbolizam tanto a força nos embates como a fragilidade das sensações. A este bloco corresponderia um prolongamento da apresentação por ser o registro de outro aspecto da vida, aquele que dá conta dos lugares percorridos e do ambiente como elemento determinante do *ser* e do *fazer* de onde são recolhidos os elementos para a composição, nascimento e transmissão culturais.

É como se Hélio Serejo fizesse exatamente aquilo que Platão ensina na *República* (1972, p. xxxiii) sobre a dialética, quando afirma que esta “pode executar-se através de duas pessoas ou, ser o diálogo, silenciosamente, conduzido pela alma consigo mesma”. O método do discurso serejeano assume esta feição, pois, conforme a Retórica, um discurso só existe porque é a resposta de outro discurso que o precede, e isso facilmente se detecta, uma vez que do texto emergem perguntas como: Quem sou eu? Ou, quem é você? do primeiro bloco; de onde vim? ou, de onde você veio? no segundo bloco (3.5.2). Esse pensamento de Platão encontra repercussão atual na sistematização de Tringali (1988, p.19):

(...) todo discurso supõe um outro discurso em confronto. **Todo discurso pede um outro discurso em ato ou em potência.** Um discurso se faz antes de outro e supõe um discurso posterior que pode ser imediato ou retardado ou ficar em aberto. Isso acontece em razão da matéria do discurso ser dialética. (grifo meu).

Perelman (2002, p. 45) ao discorrer sobre o ato de deliberar consigo mesmo diz textualmente:

O sujeito que delibera é considerado, em geral uma encarnação do auditório universal.
 (...) parece que o homem dotado de razão (...) tem de desprezar todos os procedimentos que visam conquistar os outros: ele não pode, crê-se, deixar de ser sincero, consigo mesmo e é, mais do que ninguém capaz de experimentar o valor de seus próprios argumentos.

Em resposta a esse questionamento aparecem três proposições logo a seguir desenvolvidas, quais sejam: 1ª o *erval*, 2ª o *fogo*, 3ª o *canto*. A menção aos *ervais* corresponde à idéia de ter ali a sua origem, de ser responsável pela sua identidade, pois o fato de ser proveniente deste tipo de lugar confere traços característicos que o individualizam e o distinguem de alguém proveniente de um lugar diferente deste. Este aspecto da natureza, a flora viva e abundante, simboliza o nascimento, o crescimento e atuação no mundo, ou seja, eu existo no eu-concreto.

O *fogo* e o *canto* são elementos que podem ser percebidos não só por meio dos sentidos, mas, sobretudo, por se constituírem em sensações-emoções que emanam e se propagam a partir da existência de outro ser. Assim, o *fogo* revela uma multiplicidade de aspectos a serem considerados. Se, por um lado, significa vida, conforto, produtividade, por outro, poderá ser visto com algo que causa dor, sofrimento e destruição. O calor e a luz irradiados por este elemento, se por um lado despertam sensações de acalento e ternura, por outro, podem criar sugestões de furor e morte⁴⁶. A sua percepção ultrapassa o nível das impressões sensoriais para manifestar-se em outras esferas mais profundas e mais íntimas.

⁴⁶ Na solenidade de sua Posse Serejo reverencia o seu Patrono e convida a todos a “sentir a força suprema de Otávio Cunha através de seus decassílabos geniais” e apresenta o soneto *O Fogo*: Olha! É o fogo... num instante é o incêndio! Veio do / campo e entra na mata, agora é lento,/ e agora corre – é um corcel sem freio,/

Da mesma forma, o *canto* tanto pode refletir alegria, felicidade e satisfação, como pode traduzir infinita tristeza, melancolia e solidão. É o som com suas modulações e nuances que se propaga e atinge a alma do homem simples em comunhão com a natureza. E essa mescla de sensações contrastantes avultam do texto para fixar ambos os lados da vida. Assim se justifica a presença paralela da tristeza (*triste e gemente*) e da alegria, das festas (*bailados divertidos*), e das lutas (*entreveros nos bolichos*), da vida (*ervais, fogo*) e da morte (*paulama seca, pôr-do-sol*) em todos os momentos e em todos os lugares (*dutos, encruzilhadas e distâncias perdidas*). É o jogo dos contrastes, das oposições, das possibilidades dialéticas subjacentes na estrutura textual.

Interessante a repercussão que as condições de trabalho impõem à tonalidade da vida. O barbacuaizeiro recebe comumente o apelido de uru, porque tal qual o pássaro, ele se transforma em um ser triste, sofredor, solitário, uma vez que a maior parte do seu trabalho é executada durante a noite, aquecido ou castigado pelo fogo indispensável para a secagem das folhas da erva-mate, acalentado ou magoado pela sonoridade do canto do uru-pássaro, cujas variações são reconhecidas pelas sensações decorrentes do estado de alma do uru-homem. A fusão de ambos dá-se perfeitamente amalgamada pelo traço comum da animalidade, pois neste ínterim em que o homem não usufrui a faculdade da fala é como se ele também se despisse da sua racionalidade, e a comunicação e as sensações se instauram através das modulações sonoras que, emitidas pelo pássaro, são captadas e decodificadas pelo homem. Tringali (1988, p.191), embasado no humanismo ciceroniano, esclarece que:

O que em última análise distingue e especifica o homem é a fala. (...) o homem é um ser político, social, mas a fala constitui o ser da sociabilidade. (...). A fala postula animalidade, racionalidade e sociabilidade. Os animais não falam porque destituídos de racionalidade, (...). Do ponto de vista social, os animais formam agregados; (...) o humanismo se funda na valorização da fala que particulariza o homem.

Após a exposição sobre a procedência, o Orador retoma a questão existencial e continua a explicitar novas informações sobre *quem sou eu?* principiando por afirmar *eu*

que segue o rumo, que lhe aponta o vento./ Ruge, estronda e se eleva em bruto anseio, /como a querer subir ao firmamento; / queima troncos e caem-lhe no seio,/ desde a árvore antiga ao tímido rebento. . . / Polvo monstro de rúbios tentáculos, / ninhos, vidas destrói, a mata arreia... / só na cinza, que é eterna, acha obstáculos./ E, entre bramidos, tudo agarra e come,/ depois... é luz de vela bruxeleia... / Tudo engoliu para morrer de fome!

sou filho da “jungle”⁴⁷, sou gaudério⁴⁸. A compreensão que advém desses dois predicativos diz respeito à aproximação de dois aspectos da geografia física da região sul-mato-grossense daquela época: a mata fechada e a campina aberta, respectivamente. Enquanto floresta representa um estado, ou seja, a fixação a um lugar, simbolizando o fato de estar plantado em sua terra como ele próprio afirma *eu sou filho da jungle*; também funciona como mais um índice que reitera a idéia de dimensão e, portanto, de distanciamento. A campina sugere a mobilidade, a liberdade e a adaptação em todo e qualquer recanto, pois sendo *cria de todos os galpões* ambienta-se facilmente onde quer que esteja, expresso pela palavra *gaudério*, provavelmente, uma herança do regionalismo gaúcho para caracterizar o *indivíduo sem abrigo, sem pouso certo*.

A importância desses termos pode ser entendida em relação à origem e à procedência. O berço sul-mato-grossense abrigou também o sangue sul-rio-grandense, que aqui chegara nas veias dos seus antecedentes maternos e embalou, além da herança genética, uma vasta tradição cultural trazida na bagagem do pensamento e do coração daqueles que, embora deixando sua querência, não se apartaram das suas raízes.

Esta interpretação ajusta-se às afirmações posteriores: *eu vim de longe* (...). No período pós Revolução Farroupilha⁴⁹, deslocar-se do Rio Grande do Sul para Mato Grosso significava uma verdadeira epopéia. Sair do Sul do Brasil para chegar ao Oeste do mesmo País correspondia a uma viagem internacional que passava por três outros países; uma espécie de Cruzeiro (às avessas). Era necessário começar pelo Uruguai, passar pela Argentina, entrar no Paraguai para daí chegar à Província de Mato Grosso em solo brasileiro.

⁴⁷ Conforme Houaiss, *Dicionário Eletrônico* (2002), design. comum às hepáticas do gên. *Jungermannia*, da fam. das jungermanniáceas, que reúne cerca de 125 spp., de talho folhoso, rastejante ou ascendente, pouco ramificado, sem folhas ventrais, verde-claro a marrom ou avermelhado. Provavelmente, tenha sido um empréstimo do inglês selva para designar a sua integração ao meio como um *jungle boy or jungle man*.

⁴⁸ *Id.Ib.* Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Rio Grande do Sul: diz-se de ou indivíduo sem abrigo, sem pouso certo. O termo vem do latim *gáudio* que significa *júbilo, alegria, regozijo*, passa para o espanhol *gaudério* e daí ao português podendo também significar *aquele que acompanha qualquer pessoa*.

⁴⁹ No dia 20 de setembro, festeja-se no Rio Grande do Sul a Revolução farroupilha, que eclodiu na noite de 19/09/1835, quando Bento Gonçalves da Silva avançou com cerva de 200 “farrapos” sobre a capital Porto Alegre pelo caminho da Azenha. A revolta deveu-se em função dos elevados impostos cobrados no local de venda sobre itens (animais, couro, charque e trigo) produzidos nas estâncias do Estado. A revolução durou quase 10 anos, sem vencedor e vencido. http://www.terra gaucha.com.br/revolucao_farroupilha.htm

As viagens costumavam durar meses, quase ano. As carretas enfileiradas percorriam lentamente pelos estreitos caminhos permitindo que se recolhesse cada detalhe da natureza: todos os sons, tristes, ternos ou festivos; todos os odores, agradáveis ou nauseantes; todas as visões, reais ou imaginárias; desde o alvorecer até o anoitecer, para que uma pequena parte de cada um desses elementos participasse da sua composição, se incrustassem no corpo e na alma na fusão do homem com a natureza. É o que se lê dos complementos à expressão *eu sou um misto de (...)*. A impressão que se tem é que ele se vê como um ser multifário, podendo transitar por diferentes veredas na busca e apreensão de motivos simples para traduzir a sua sensibilidade.

A seguir tem-se: *Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo*. O seu lado concreto, re(a)presentado na figura do índio andante, é uma metáfora da instabilidade do caminho a ser trilhado, o que significa dizer que isto não o deterá, que, embora maltratado, perseguirá a sua jornada. Da expressão - *Os meus pés dilacerados* – conclui-se que este estado dos seus pés comprova a força e a determinação para suportar qualquer espécie de dificuldade, pois o histórico de sofrimentos já lhe provou a garra, já lhe moldou a têmpera. Além disso, esta paráfrase bíblica lembra os passos da paixão de Cristo. Era preciso que o filho viesse ao mundo, vencesse a morte para salvar a humanidade. Estava escrito. É preciso vir de onde estiver, vencer todas as adversidades para realizar as empreitadas.

3.5.3 Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de fé e esperança, como fui, também, imagem viva de desesperança, revolta e sofrimento. Revolta pela gritante desigualdade existente entre os seres humanos – criação sublime de um mesmo Deus e rebanho sofredor de um mesmo Pastor. Trilhei, no passado distante – vivência que se me incrustou no sensível coração de caboclo – muitos ermos e muitas paragens. Fui surrado da vida e sofrido do destino. Mas os olhos indagadores estiveram sempre voltados para o Alto, porque é do Alto, da casa do Senhor, que vêm a força, a verdade e a luz.

Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvante dos tempos, mas com o conforto grandiloquente de ter sido guiado por essa luz mirífica que é o farol divino que indica, neste tormentoso vale de lágrimas, aos bons e aos puros de espírito, o caminho certo da vida. (Da linha 33-50, doc. original p. 146)

O terceiro bloco (3.5.3), que vai desde *Fui no perpassar inexorável do tempo...*, até *...o caminho certo da vida*, é bastante significativo da condição humana através da visão cristã para qual o homem deve buscar a virtude através da dor e do sofrimento a fim de alcançar a salvação. Imbuído dessa mentalidade, o orador em estudo evoca um poder superior para discorrer sobre a sua estirpe denotando que sua origem liga-se à origem dos demais seres humanos frutos da mesma criação e descendência divinas. A escolha do léxico e a pertinência do intertexto bíblico criam uma atmosfera de onde emerge a tonalidade cristã que perpassa todo o texto. E é justamente essa aparência de humildade impregnada da essência divina que empresta credibilidade às convicções e às refutações externadas nesta *tópica da linhagem*.

Faz parte do modo de composição serejeana trabalhar com oposições, conforme já foi dito. Nesta perspectiva, é interessante destacar que o emprego do passado verbal assume feições diferentes criando um novo efeito de sentido, cuja diferença encontra-se na oposição do papel do sujeito, ora agente, ora paciente. Em expressões como “fui (...) obreiro; (...) fui (...) imagem viva; (...) trilhei (...) muitos ermos e paragens” tem-se a clara imagem do sujeito desempenhando uma série de papéis simultâneos: ele fez as obras e ao executá-las chamou para si os reflexos negativos que a ausência delas concretiza. Na expressão: “Fui surrado da vida e sofrido do destino” é o inverso, o sujeito passa a ser passivo, como se esses momentos já estivessem determinados e contra os quais não se houvera que lutar. É uma visão conformista, provavelmente, ditada pela crença e religiosidade que fortalece, edifica, orienta e a tudo sublima.

A seleção lexical neste fragmento é predominantemente do discurso religioso. Há diversas lexias que remetem ao texto bíblico, donde emergem tanto ações que, segundo o Evangelho, foram praticadas por Jesus em favor dos homens, como imagens que sugerem os passos da paixão de Cristo. A título de exemplo, a transcrição de algumas unidades lexicais ilustram a ambiência e os sentimentos de punição e resignação que criam as cenas da vida e morte do filho do Homem e, de um período de tempo da vida do orador que descreve viver à sua imagem e semelhança. De um lado, o lado ativo: “obreiro, fé, esperança, imagem, sublime, paragens, Pastor, Alto, força, em verdade, luz, farol, casa do Senhor, bons e puros de espírito, o caminho, a verdade, a vida”; por outro lado, o lado

passivo: “sofrimento, criação, surrado e sofrido, olhos indagadores, sido guiado, neste tormentoso vale de lágrimas”. Fica claro que o orador é, por herança, descendente de linhagem de Deus. Mas isto não é motivo de soberba, novamente a pequenez humana encontra amparo na grandiosidade divina evidenciando a incessante busca pelas sendas do bem e do justo.

No entanto, o tom de profecia emergente ao texto é prenúncio da nota persuasiva que se detecta, por exemplo, na expressão: “em verdade” que são palavras portadoras de consenso, pois remetem a um jargão empregado por Cristo ao se voltar aos seus ouvintes no início da sua pregação. E em “conforto grandiloqüente” há uma menção às qualidades recebidas. Grande e eloqüente são dois determinantes altamente positivos. Loquaz, do latim *loquace*, designa a propriedade de ser falante; eloqüência segundo Tringali (1988, p. 12) “constrói-se sobre o adjetivo *eloquens* = eloqüente e se liga ao verbo *eloqui* = falar, falar com arte, com elegância, com riqueza”. Marques (2003, p. 62), ao tecer considerações sobre a importância de Ullmann (1977) para os estudos do significado, assegura que:

No sentido conotativo das formas lingüísticas, incluem-se os valores de significado que elas adquirem no contexto ou situação de uso: combinatória lingüística, circunstâncias e finalidades, funções e intenções de seu emprego, fatores intersubjetivos presentes no ato de comunicação. Destacam-se, nesse plano, matizes de significado que uma palavra passa a ter por associação de semelhança ou de contigüidade com os demais elementos do sistema da língua, com o referente, com a mensagem em si, com a situação de uso, modalidades de registro e variação dialetal. Esses elementos do significado são também chamados de associativos, por oposição ao significado denotativo, de natureza conceitual e abstrata.

Toda a seleção lexical anteriormente descrita e a subsequente rede de associações semânticas sinalizam para a criação de um argumento de força, de forma a sustentar o tecido do discurso. O raciocínio encetado cria uma atmosfera de verdade, a argumentação fecha as possibilidades contestatórias, a idéia é concretizada por meio de argumentos de autoridade. Os argumentos de fé se querem por si sós incontroversos. Apenas uns poucos se atrevem a contestar as *Escrituras Sagradas*. De acordo com a técnica retórica, neste momento, o orador valeu-se do raciocínio apodítico para estruturar a sua verdade. Neste fragmento, é possível lembrar-se dos persuasivos Sermões de Vieira. Não porque nele se

encontre o rebuscamento dos jogos lingüísticos cultistas, antes porque valoriza a atitude intelectual que se concretiza, no discurso, pela matéria, raciocínio e argumentos apresentados.

3.5.4 Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias. (Da linha 51-4, doc. original p. 146)

O método empregado na consecução de seu objetivo é anunciado de maneira rápida. “Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias”. O contexto situacional onde estão inseridos autor e obra serve como mote para que a emoção e a fidelidade possam ser concretizadas. Em *procurei cantar* (3.5.4) o *locus* é revestido de uma conotação poética capaz de ser objeto de desejo que, além da emoção despertada, funciona também como uma espécie de publicidade, uma vez que o signo e o referente são explicitados na ação de *procurei descrever*. Nesta perspectiva, o *cantar* está para a poética numa projeção de emoção e sentimentos anunciados pelos recursos de estilo, assim como o *descrever* está para a retórica e para argumentação tendentes ao convencimento através da fidelidade descritiva do modelo.

Resta agora esclarecer qual a orientação teórico-metodológica em que se assenta o fazer discursivo de Hélio Serejo, especificamente, no *corpus* em análise. Está expresso no fragmento acima em *cantar* e *descrever* o seu método de trabalho: a inter relação dos fatores da comunicação aliados à intersubjetividade das funções da linguagem. É perceptível, neste plano, a referência aos elementos básicos da comunicação, já delineados na *Arte retórica* de Aristóteles: o orador, o discurso e o ouvinte. A esses elementos atribuem-se funções distintas no aspecto do tratamento da linguagem. Quando a ênfase recai sobre o orador sobressai a função emotiva; quando no discurso, que na terminologia de Jakobson (apud, LOPES, 1975, p. 59) designa a mensagem, podem incidir as funções estética, metalingüística e referencial e, finalmente, quando o alvo é o ouvinte destinatário da mensagem este deve ser alcançado pela conveniência da função conativa.

Tringali (1988, p.162) destaca a preeminência da função referencial sobre a função conativa para o discurso retórico, esclarecendo que as duas singularizam a Retórica. “Todo

significado remete intencionalmente a alguma coisa fora da consciência”, ou seja, “indica objetos e fatos da realidade que correspondem aos significados” daí o conceito de referente. A análise da retórica serejeana leva em consideração, também, essas teorias lingüísticas, uma vez que é impossível desvencilhar elementos e funções. O orador deixa claro que ora vai despender esforços para registrar realidades sob a ótica da função emotiva ao *cantar com ternura, suavidade e belezas*. Por outro lado, vai ceder à lição retórica e *descrever com fidelidade*, pondo ênfase nos fatos e objetos da realidade circundante.

A expressão “procurei cantar” se reveste de justificativa a respeito do seu método. Por outras palavras, o orador chama a atenção sobre si e expressa sua emoção, sua afetividade e seu estado de alma na intenção de lograr a adesão do ouvinte, pois acredita despertar também os sentimentos do público em decorrência da imagem que transmite de si. No entanto, não se afasta, por inteiro, da perspectiva retórica, pois ao dizer “procurei descrever” revela a consciência de que a situação retórica nasce de questões práticas, utilitárias. Daí a sua clareza de que para a estética não há necessidade de veracidade do referente, diferentemente da situação retórica para a qual “o real importa muito”. (TRINGALI, 1988, p. 162). Nesse passo, é bastante clara a intersecção entre componentes lingüísticos pertencentes à teoria da comunicação que se associam às funções da linguagem na criação de um discurso de orientação retórica. Para Aristóteles (apud, TRINGALI, 1988, p. 190), “o mundo do saber não se compõe apenas de verdades absolutas, mas também de opiniões mais ou menos prováveis”.

3.5.5 Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme e o fui, também, envaidecido, tropel de tropilha crioula e índio aragano, trilhador de todos os caminhos. Amei, imensamente, o vazio aberto. Nele, sempre vi, orgulhoso e confortado, a obra incomensurável do Senhor. Absorto e contemplativo – no giro sertanejo – quantas vezes não dormi sobre um baixeiro, debaixo da árvore agasalhadora, coberto pelo poncho azul do Céu! O chão era minha cama, e a mata milenária, a catedral crioula da minha oração xucra. Sorvi, com os olhos indagadores, essas paisagens campeiras, em seus mínimos detalhes e delas me tornei escravo submisso e voluntário. Vi, assim, embevecido como um anacoreta, a tapera da estrada, palco sangrento, no passado bravio da penetração, de muitos enteveros: (...) (Da linha 55-72, doc. original p. 146)

Nesse quinto bloco(3.5.5) tem-se o início do esquema argumentativo que esse vai até *...amor pátrio e cultura* do final do sétimo bloco. A narração contém, justamente, os fatos expostos por meio de analogias que se prestam à informação e figurativização das imagens criadas pelo esquema descritivo-analítico, que ora apresenta a cópia da realidade por intermédio da técnica descritiva, ora analisa e recria esta mesma realidade; como também à atenuação das pretensões argumentativas, conforme ensina Perelman (2002), servindo assim para a criação de efeitos estéticos. A descrição, por intermédio da riqueza de detalhes, aproxima-se do ato de criação; a análise, procedimento científico, pressupõe a desconstrução. Esse jogo de montar e desmontar leva à compreensão, procedimento filosófico que tenciona à reorganização do objeto em sua totalidade para a construção de um conhecimento.

O apelo ao passado ativo e passivo é uma marca recorrente no discurso serejeano quando o orador quer falar de si mesmo. É interessante a construção dessa reincidência em termos de geração de sentido. O aspecto passivo aparece para descrever as circunstâncias negativas, impeditivas de qualquer reação “fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme”. O referente ‘carreta’ produz o seu chiado característico com maior intensidade sonora quando exposta ao um movimento forçado, motivado pelas condições inóspitas de uma região. Há aqui uma alusão ao clichê “A dor ensina a gemer”. O nosso padrão cultural é o de não ser agente da própria tortura. Assim, sofrer e gemer são imposições externas que levam a diferentes situações. No caso em pauta, o sujeito passivo se aproveita das condições adversas para delas sair fortalecido. Assim, tanto demonstra sua coragem e capacidade de resistência, quanto a sua aceitação voluntária, porque tudo concorre para a sua integração à natureza.

Para tecer a rede de significados dessa analogia, o orador se vale da motivação sonora gerada a partir de uma seleção lexical, capaz de neutralizar a arbitrariedade do signo saussuriano. A incidência de sons nasais em “manchega”, “estirão”, “íngreme”, do início dessa instância narrativa, cria a idéia de lentidão, de distância, de melancolia, enfim, de algo desagradável, portanto passível de associar-se à idéia velada de submissão e de dor. Mas, a figura se completa com uma idéia criada no sentido oposto. O que vem a seguir se caracteriza pela prática de ações alegres, positivas, exercidas com rapidez e vivacidade. O

particípio passado “envaidecido” nomeia um estado do sujeito, ou seja, o reconhecimento da sua têmpera capaz de gerar também emoções de regozijo.

O diferencial é que agora a operação é interna, o movimento contrário sugestivo de um clima agradável se expressa por uma sonoridade aberta, alegre, viva em “O tropel de tropilha crioula e índio trilhador de todos os caminhos”. A imagem acústica criada pela reincidência da oclusiva /t/ seguida da vibrante /r/ sugerem o traço explosivo tr- tr- tr- do trotar da manada eqüina. É audível a batida forte e seca dos cascos em atrito com a terra dura e íngreme. Ainda mais, se no início ele era o objeto ‘carreta’, agora ele é o sujeito ‘o cavalo’, criando-se, a partir dessa inversão de pólos, um argumento que busca seduzir, encantar, deleitar com os arranjos de estilo, para persuadir o ouvinte. Ele faz o que ensina Spera (1995, p.76): “a criação no nível das onomatopéias resulta do esforço de combinar sons, extraindo dessa combinação efeitos sugestivos que se plasmam à teia significativa textual”.

O fato de se equiparar ao cavalo é também motivo de exaltação individual. Essa alegoria remete a um ser que simboliza força, beleza e está atrelado à idéia de nobreza, de garbo e de vitória. Nas palavras de Hansen (1986, p. 15-6), “a alegoria põe em funcionamento duas operações simultâneas. (...) intelectual e afetiva. (...) enquanto referência a um significado *in absentia*, opera por analogia, através da alusão e substituição”. Já para Lausberg (1970, p. 249), “a *allegoria* é a metáfora, que é continuada como tropo de pensamento e consiste na substituição do pensamento em causa, por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse pensamento em causa”. Tringali (1988, p.137) resume o conceito de alegoria com concisão e clareza: “é uma ficção com duplo sentido, um literal outro moral ou espiritual”. Diante disso, parece provável que essa remissão ao referente cavalo esteja carregada de intencionalidade, oportunizando o auto-elogio sem o comprometimento de uma exposição escancarada. Enfim, a alusão ao cavalo se harmoniza com a lição de Perelman (2002, p.192), quando ensina que:

Certas figuras como a alusão, nunca são reconhecidas senão em seu contexto, pois sua estrutura não é gramatical, nem semântica, mas se deve a uma relação com alguma coisa que não é o objeto imediato do discurso. Se essa maneira de exprimir-se for percebida como incomum teremos uma figura; o movimento do discurso, a adesão do ouvinte à

forma de argumentação que ela favorece é que determinarão o gênero de figura com que lidamos. Observemos, desde agora, que a alusão terá sempre valor argumentativo, por ser essencialmente elemento de acordo e de comunhão⁵⁰.

Em seguida há uma declaração de amor e integração à natureza expressa, através de uma série de adjetivos reveladores, o lado emocional do sujeito “orgulhoso e confortado, absorto e contemplativo, submisso, campeiras, embevecido como um anacoreta”; e outros tantos nos quais se lê a constante devoção e exaltação a Deus e à realidade circundante “incomensurável, milenária, crioula, xucra, sangrento e bravo”.

Adiante, a imagem que emana da construção “Sorvi, com os olhos indagadores, essas paisagens (...) em seus mínimos detalhes (...)” revela a intensidade de emoção presente. Além da competência intelectual para captar e para externar os mais variados matizes é preciso se valer de vários sentidos simultaneamente. A fusão entre paladar, visão e intelecção cria a sinestesia que ao contagiar por diferentes aspectos conduz à servidão espontânea em que a atitude contemplativa pode ser exercitada sem limites espaço-temporais, numa sensação de arrebatamento íntimo que o leva, extasiado, a transmutar o real em uma espécie de altar.⁵¹

3.5.6 Reproduzo os versos de cadência matuta, tão estropiados de emoção – seixos autênticos das enxurradas – para poder dizer aos meus valorosos confrades – ouro e diamante desta augusta Casa – que o lugar do índio gaudério, de coração abaqueado e xucro, mas bom e terno como prece de mãe amorosa, é nos galpões das estâncias charruas, ao pé do fogo estralidante, onde, na hora evocadora do mate-amargo, as lendas e as tradições campeiras se entropilham.

Sinto, porém, que a casa é minha. Fui chamado e aqui estou. Para ficar, até o dia do juízo final... A honraria – para o homem caboclo – é grande por demais. Afogar-me-ei em responsabilidade, mais (sic) sei que possuo forças suficientes para no momento psicológico, com mãos firmes e

⁵⁰ Perelman (2002, p. 195) esclarece que “elementos de acordo, de comunhão e de escolha” não designam gêneros dos quais certas figuras tradicionais seriam as espécies. Significam somente que o efeito, ou um dos efeitos de certas figuras é, na apresentação dos dados, impor ou sugerir uma escolha, aumentar a presença ou realizar a comunhão com o auditório.

⁵¹ Deste ponto em diante, Hélio Serejo ilustra as cenas às quais alude com o que ele chama de “versos xucros”, provavelmente, porque é uma poesia voltada para as coisas simples da terra como: a tapera, o preto velho, as rezas, a festa na roça. Esses textos em poesia e prosa poética não são contemplados pelo presente *corpus* em análise, daí a sua supressão, neste ínterim, mas aparecerão de forma integral na seção dos Anexos.

seguras, atirar o laço para o pialo grande da gratidão campeira sem limites.

Senhores Acadêmicos. Meus queridos e polimáticos irmãos de ideais. A casa é minha também, não por merecimento, mas pela extrema bondade de muitos.

Serei, aqui, caboclo rústico, de gestos desengonçados, homem fronteiroço que foi embalado na infância pelo vento aragano vindo de terras distantes, índio cruzador de todos os pagos e enamorado de todas as querências, e minúscula gota d'água formada pelo orvalho da madrugada, e vós, ínclitos Acadêmicos – centelhas aurifulgentes da sabença da terra do genial Cândido Rondon - o mar bravio, revoltado, tempestuoso. (Da linha 134-62, doc. original p. 149-50)

Este espaço (3.5.6) dedicado à narração pode ser subdividido em conformidade com a prevalência do assunto. Em *reproduzo os versos... até ...campeiras se entropilham* nota-se o distanciamento intelectual alegado pelo orador em relação a seus Confrades. É o espaço dedicado à *tópica da falsa modéstia*, onde o recurso da oposição é fortemente empregado na tentativa de demonstrar a imensidão que os separa. Paradoxalmente, no segmento que se inicia em *Sinto, porém, que a casa é minha...* e se estende até *...o mar bravio, revoltado, tempestuoso*, apesar do emprego reiterado de oposições quando da saudação feita aos Acadêmicos da Casa, fica patente que, ali, estas se fazem num outro patamar, ou seja, a alusão à *gota d'água* e ao *mar bravio* opõem-se pela dimensão, mas aproximam-se pela mesma composição da matéria.

A estrutura morfológica do vocábulo inicial desse trecho revela que o orador pretende passar uma imagem de suas limitações quanto à capacidade de criação. O prefixo re- em “reproduzo”, por sua significação originária, é indicativo de repetição. E esse é um fato que não pode ser adotado como critério seletivo para aprovar algum nome para ocupar uma cadeira ao lado de pares imortais. E, nesse sentido, pode ser lido como uma insinuação à precariedade criativa de sua obra. É uma forma de expressar a sua modéstia.

Por outro lado, os termos subordinantes “os versos” que complementam a forma verbal “reproduzo”, ao mesmo tempo que estabelecem o critério funcional, ou seja, ao estabelecer o comportamento sintático condicionam e especificam o sentido do complemento. Em outras palavras: o morfema gramatical “os” pertence ao sistema fechado da língua e estabelece as relações dos vocábulos na sentença (sintaxe) e marca as relações que a língua estabelece entre as coisas. E esta combinação no plano da expressão, gera

alteração no plano do significado. A relação de determinação que se cria é a de subordinação, onde “os” é determinante e “versos” é determinado.

Com essa operação há a redução do alcance da significação do vocábulo “versos” que, por pertencer à série das lexias abertas⁵², enseja outras possibilidades de sentido. Desta forma, esses versos, cuja “cadência” é particularizada como “matuta”, só podem ser assim reproduzidos, pois repositório que são da tradição de uma região. Mas isso não lhes retira a autenticidade e nem lhes esgotam a fonte. Surge, então, a figura do poeta inspirado, de um porta-voz da cultura sul-mato-grossense. Assim, fica neutralizada a possível significação do prefixo re- como indicativo de retrocesso.

Há, ainda, o reconhecimento expresso de que o lugar dele é nos “galpões das estâncias”, local em que os “bons e ternos” se agrupam para as tertúlias regionais. E, agora, parece coerente a sua ligação com a “augusta Casa” em que “os valorosos confrades” labutam pela continuidade e preservação, ou dos monumentos culturais de um povo, ou de suas manifestações mais simples transmitidas pela tradição das lendas, dos mitos e dos usos e costumes. Houve, portanto, um aproveitamento das estruturas lingüísticas dos níveis fonológico e morfossintático para com elas compor uma seqüência argumentativa.

Além disso, no nível léxico-semântico várias figuras⁵³ são empregadas com essa mesma finalidade: as hipérboles se sucedem intensificando, neste passo, a perfeita acomodação do orador ao ambiente e a sua disposição de ali permanecer. O emprego de figuras como recurso argumentativo é plenamente aceito pela nova retórica. Nesse sentido, Perelman (2002, p. 193) afirma que:

Se os autores que tratam das figuras tenderam a não lhes perceber senão o lado estilístico, isto se deve portanto, pensamos nós, ao fato de que, a partir do momento em que uma figura é alijada do seu contexto, posta num herbário, ela é quase necessariamente percebida sob seu aspecto menos argumentativo; para apreender-lhe o aspecto argumentativo, cumpre conceber a passagem do habitual ao não-habitual e uma volta a

⁵² A expressão lexias abertas está empregada com o sentido de lexema. Para Lopes (1975, p. 153-4), o lexema diz respeito ao vocabulário da língua, ao dicionário, possui uma significação lexical. Os lexemas pertencem a inventários ilimitados e, como membros de uma lista aberta, eles se sujeitam a comutações teoricamente infinitas; os gramemas, ao contrário, pertencem a inventários limitados, e, como membros de uma lista fechada, se sujeitam a um número restrito de comutações.

⁵³ Para Tringali, (1988, p. 123), “figura é o que foge de determinado contexto, numa determinada época, um modo diferente de dizer menos comum e que vale enquanto brilha, enquanto chama a atenção”.

um habitual de outra ordem, o produzido pelo argumento no mesmo momento que termina.

Uma concepção mais flexível, que considera o normal em toda a sua mobilidade, é a única que pode devolver inteiramente às figuras argumentativas o lugar que elas ocupam realmente no fenômeno da persuasão.

O fato de sentir-se possuidor demonstra a sua relação de intimidade com aquela Casa, que ele não é um estrangeiro, antes se perfaz a noção de identidade entre os membros daquela instituição. A prerrogativa da imortalidade é condição conhecida e aceita sem reservas, uma vez que sua pretensão é de só se afastar dali no momento em que Deus fizer o julgamento final, quando, segundo os ensinamentos bíblicos, a cada um será atribuído o que lhe fora reservado. A sua dedicação às obrigações e ao cumprimento de todas as tarefas serão motivos de incessante trabalho (afogar-me-ei), para provar a sua segurança, capacidade e reconhecimento, qualidades estas que ele sabe ser possuidor. É interessante que ao reiterar a idéia de posse, em “a casa é minha”, surge uma nítida expressão de solidariedade⁵⁴, instaurada pela circunstância “também” servindo, por um lado, como atenuante à pretensão inicial e, por outro, para colocá-lo em grau de paridade com os demais.

Perelman (2002, p. 561), ao discorrer sobre a ordem do discurso e o convencimento do auditório, reteve-se na apreciação sobre as partes do discurso, conforme seus predecessores Aristóteles, Cícero e Quintiliano, e ao falar a respeito da parte inicial afirma que:

o exórdio é a parte do discurso que visa mais especificamente atuar sobre as disposições do auditório; (...) seu objetivo será conquistar o auditório, captar-lhe a benevolência, a atenção, o interesse. (...) muitos casos ele é indispensável para o efeito persuasivo do discurso. Garante as condições prévias para a argumentação. (...) o orador tentará, em seu exórdio, dar a conhecer sua comotência, sua imparcialidade, sua honestidade.

Na composição do seu discurso Serejo atenta para essas questões. A matéria deste é a pessoa do próprio orador por ocasião de sua entrada em uma agremiação de maior

⁵⁴ Silva, (1991 p. 265) revela-se a solidariedade numa *comunidade de interesses*, ou numa *coresponsabilidade*.

elevação intelectual. O objetivo do discurso decorrente dessa ocasião não é tão somente o de agradecer, mas também a de evidenciar os motivos que justificaram tal acontecimento. Daí a presença do orador em quase todas as partes do discurso. À primeira vista, causa impressão que não houve progressividade textual. Mas pode-se detectar que dessa auto-retratação reiterada emergem a progressão e a informatividade textuais. Segundo Perelman (2002, p. 199),

Obtém-se o efeito de presença, muito mais do que por uma repetição literal, por outro procedimento que é a amplificação; entendemos com isso, o desenvolvimento oratório de um assunto independentemente do exagero com o qual o associam geralmente. (...) Assim também, a sinonímia ou metábole, que é descrita como a repetição de uma mesma idéia mediante termos diferentes, utiliza, para proporcionar a presença, uma forma que sugere a correção progressiva.

E, neste espaço dedicado à narração, é a instância adequada para se fazer as provas que sustentam a argumentação. Nessa perspectiva, o orador valeu-se, num primeiro momento, do gênero “provas intrínsecas” na modalidade “psicológicas” pela sua possibilidade da exploração da afetividade, conforme Tringali (1988, p. 69). Dentro dessa modalidade, foi bastante explorada a espécie “argumentos éticos” que na conceituação de Tringali (TRINGALI, 1988, p.76)

É a imagem que o orador transmite de si mesmo aos ouvintes. (...) Pela imagem de si, ele revela seus costumes, seu caráter. Como consequência da imagem que desperta nos ouvintes, desperta, ao mesmo tempo, os sentimentos correspondentes.

Não basta, contudo, ao orador cuidar da própria imagem, durante o discurso, apresentar-se ora humilde, ora tranqüilo, ora autoritário... O que realmente conta é a imagem do orador que deriva de toda sua vida moral. Há uma ligação profunda entre a vida e o discurso, o discurso reflete o orador. Sem uma vida honrada o discurso não persuade.

Já desde Catão que se define o orador como *vir bonus dicendi peritus*. O orador se constitui pela perícia de falar e pela honestidade. Quintiliano sela essa definição para a posteridade.

3.5.7 Que gota d'água, pequenina e insignificante, não envergonhe nunca esta Casa tradicional, de estudo, hospitalidade, amor pátrio e cultura. (Da linha 163-5, doc. original p. 150)

Uma análise das formas de expressão lingüística diria que a colocação de uma oração optativa para fechar a narração (3.5.7), certamente, não foi obra do acaso, antes é um recurso do engenho do orador que com isso quer externar o seu voto, uma vez que este pode funcionar duplamente: além de transportar seu íntimo desejo, marcar também sua presença: Que [eu] *não envergonhe*, ou seja, a possibilidade do subjuntivo sugerindo que ele, o orador, está cômico dos valores morais, cívicos e culturais que ali se cultuam e, por isso, pronto para ficar.

Por outro lado, uma investigação dos recursos argumentativos permite classificar a asserção acima como uma técnica argumentativa, que é designada por Perelman (2002, p. 262), como “a inclusão da parte no todo”. Esse tipo de argumento é, por ele, descrito em dois grupos: “os que se limitam a demonstrar essa inclusão das partes num todo e os que demonstram a divisão do todo em suas partes e as relações entre as partes daí resultantes”. Isso me parece bastante adequado para compreender o argumento serejeano.

Primeiro, porque só é possível uma análise coerente, em termos retóricos, se levamos em consideração todo o contexto, pois, contrário disso, isolar um segmento apenas, não serve para validar uma apreciação. Há que se considerar este fragmento em relação ao anterior quando da indicação do eu discursivo como “gota d’água (...) e vós mar bravo”. Assim, além da mera inclusão no todo há, também, uma relação instaurada pela identidade da substância água. No entendimento de Perelman (2002, p. 262), isso funciona como “uma comparação quase-matemática entre o todo e as partes” o que permite argumentar com base no princípio “o que vale para o todo vale para a parte”.

Segundo, porque “o mais das vezes a relação do todo com suas partes é tratada pelo ângulo quantitativo”, em que se considera o todo mais importante que a parte, em geral seu valor “será proporcional à fração que ela constitui em relação ao todo” (PERELMAN, 2002, p. 262). No discurso de Serejo é evidente a consideração de superioridade do todo (Casa) para enaltecer o papel dos seus confrades na orientação da parte (Acadêmico). Essa forma de interpretação resulta na compreensão da força persuasiva decorrente dessa relação quantitativa em termos de superioridade *versus* inferioridade. “... os lugares da quantidade

podem servir de premissas a uma argumentação de aspecto quase-lógico⁵⁵. O que faz que, em presença de um raciocínio, pode-se, ora considerá-lo um lugar de quantidade, ora uma argumentação quase-lógica” (PERELMAN, 2002, p. 264). Na realidade, da relação superioridade *versus* inferioridade chega-se à conclusão de que há uma única identidade.

3.5.8 Vim, meus irmãos, dos entreveros da fronteira, dos ervais sombrios, dos caminhos perdidos, do pôr-do-sol que magnetiza, dos galpões das estâncias, do chão poeirento das encruzilhadas; vim conduzido pelas mãos bondosas, amigas e piedosas do eternamente lembrado José de Mesquita, o estilista suave, cuidadoso e brilhante; de Rubens de Mendonça, historiador fecundo e poeta de permanente inspiração, e de tantos outros vultos proeminentes das letras de Mato Grosso, que fazem parte deste sodalício. (Da linha 166-75, doc. original p. 150)

O penúltimo bloco (3.5.8) pode ser visto como o portador *das provas: Vim, meus irmãos ... deste sodalício*. O fato de ter como antecedente um passado de lutas, sofrimentos, dificuldades e sensibilidade creditam-lhe um conjunto de prerrogativas que faz com que ele seja reconhecido por aqueles que cultivam esses mesmos valores, funcionando, agora, como elo entre os que comungam os mesmos ideais. Não se dá de forma gratuita a sua entrada e permanência na Academia. Prova disso é o argumento de autoridade alicerçado em nomes como o dos Acadêmicos José de Mesquita e Rubens de Mendonça que, na voz de Serejo, são detentores de brilhantismo e inspiração, reconhecem também as suas qualidades de estilo e fecundidade de trabalho e conduzem-no pela mão, assim como o Mestre fez com seus discípulos.

Para Breton (2003, p.75-80), o argumento de autoridade está situado dentro da categoria ‘o enquadramento do real’ que permite construir o fundo no qual a opinião proposta encontrará, harmoniosamente, o seu lugar. Esse real de referência será, para o auditório, a condição de aceitabilidade do que se deseja convencer. Nessa perspectiva, essa autoridade deve ser, também, aceita pelo auditório, para que o resultado seja a aceitação da

⁵⁵ Perelman (2002, p. 220) define como “quase-lógicos” os argumentos que podem ser comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. Daí, uma espécie de garantia de sua força persuasiva, uma vez que esta advém de sua aproximação com raciocínios incontestes. Este autor classifica estes argumentos em: “aqueles que apelam para estruturas lógicas – contradição, identidade total ou parcial, transitividade; em segundo, os que apelam para relações matemáticas – relação da parte com o todo, do menor com o maior, relação de frequência”.

proposta pela sua verossimilhança. “Aceitação do argumento de autoridade funciona, então, como uma delegação permanente do saber”. Isto traz à tona a conhecida questão retórica da confiança, ou seja, se o orador inspira confiança, o enquadramento do real por ele proposto terá maior aceitabilidade. Mais adiante Breton (2003, p. 80-4) explica que o argumento de autoridade se perfaz por três tipos de raciocínio: pela competência, pela experiência e pelo testemunho. Breton, estribado na lição de Perelman (2002, p. 415), destaca: “geralmente, antes de invocar uma autoridade, nós a confirmamos, procuramos consolidá-la e dar-lhe o caráter de seriedade de uma testemunha aceitável”.

Vale destacar, neste ponto, a recorrência às características descritas no segundo bloco analisado, reiterando-as como uma forma de dizer que embora o seu “jeito xucro” ele chegara até esse momento solene e formal. Isso em nada o deprecia, ao contrário, revela a sua fibra, seu caráter, sua personalidade, pois mesmo diante de tão significativa circunstância, ele não se deixou corromper pela vaidade, pelo orgulho, ou pela negação de suas origens. Continua simples e terno como se descrevera inicialmente, revelando, também, o seu lado como leitor atento conhecedor do mundo da escrita através do esboço de crítica aos seus patronos e conterrâneos. E é este, justamente, o argumento que valida a sua passagem, ou seja, o fato de conhecer e ser conhecido.

3.5.9 Vim, meus impolutos e nobres confrades, para ficar ao lado de todos, indistintamente, e de todos receber, diuturnamente, as lições de cultura, que forjarão no coração do prosador rude a compreensão de sabedoria. Com a ajuda cristã de todos – formadores do mar bravio, revolto e tempestuoso da cultura – a gota de orvalho, pequenina e insignificante, crescerá também.

Que o Onipotente me dê forças para acompanhar-vos na grande caminhada cultural! Sou fraco e tão pequeno, mas desejo crescer amparado, piedosamente pelos luminares da cultura mato grossense. Tudo por Mato Grosso, hoje, amanhã e sempre, mestres de muita sabença e irmãos de ideais literários⁵⁶. (Da linha 176-90, doc. original p. 150)

No último bloco (3.5.9), “Vim, meus impolutos e nobres... [...] ...irmãos de ideais literários”, o orador retoma todo raciocínio anteriormente encetado para reiterar sua

⁵⁶ Esta disposição não corresponde à paragrafação feita pelo autor. Procurei dispor o texto em blocos porque permitirá visualizar de forma mais clara os recursos retórico-argumentativos existentes em cada conjunto, para depois relaciona-los ao todo. No documento anexo, a partir da p. 14? O Discurso, objeto desse estudo encontra numerado em linhas de cinco em cinco, momento em que se respeita a paragrafação original.

pequenez diante dos Confrades e de Deus e faz um apelo a Este para que ele possa ser, primeiramente, receptor e, depois, transmissor da cultura mato-grossense. Vale ressaltar que o orador retoma a metáfora da água para com ela reiterar a identidade de matéria. Isto se confirma também com o emprego do advérbio *indistintamente*, que pode ser traduzido como *sem diferença, sem separação*. Aquilo que não apresenta distinção semelhante é. Tanto é evidente a noção de paridade que ele sabe ser o seu lugar *ao lado de todos*.

O último parágrafo desse bloco final contém um apelo veemente, é um quase-grito em que os ecos da *tópica do abandono* expressa pelo clamor para que “o Onipotente me dê forças para acompanhar-vos”, ou seja, “não me deixem”, “não me abandonem”, cantada pelos antigos e pelos nossos poetas parnasianos, se mesclam com os ecos da *tópica do oprimido* em “sou fraco, pequeno”, para ressoar fortemente na *tópica do ufanismo* em “tudo por Mato Grosso, hoje amanhã e sempre”. É interessante como as noções de grau de capacidade e de dimensão temporal são levadas ao extremo (- O que faremos? - Tudo! - Quando? – Sempre!). É o momento da epifania (para usar uma figura presente na obra de Clarice Lispector), momento em que se descortina uma revelação: o que aparece é o Acadêmico cuja qualidade da obra e tenacidade laboriosa abriram-lhe a porta daquela Instituição Cultural.

Convém destacar, neste momento, que o discurso na íntegra não se encerra aqui. Há, ainda, a saudação ao Patrono, ao antecessor do Patrono com relatos de glórias e mortes trágicas, uma homenagem a Cuiabá, mas não foi objeto deste estudo, pois o recorte feito se mostrou produtivo à proposta inicial. Com isso quero salientar que a observação de todas as partes de um discurso clássico pode não ser perfeitamente visíveis. No entanto, das cinco etapas para a elaboração (*inventio, dispositio, elocutio, memoria e pronuntiatio*) as três primeiras foram percorridas pelo próprio orador. A memorização não foi realizada uma vez que a apresentação ao público foi feita por um terceiro como dito anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura organizacional deste trabalho partiu da premissa dedutiva com a precípua finalidade de assentá-lo dentro de um contexto abrangente para, aos poucos, caminhar no sentido de afunilamento até se chegar ao levantamento e à análise de dados específicos, num *corpus* pré-determinado, que corroborasse a plausibilidade dos objetivos propostos e, sobretudo, a possibilidade de comprovação da hipótese levantada. Nesse sentido, os Capítulos I e II, pelo fato de terem tratado da ambiência histórico-cultural-lingüística e da biografia do autor, respectivamente, reclamam uma apreciação final numa perspectiva um pouco distinta daquela que se chegou após o detalhamento do Discurso integrante do *corpus* analisado no Capítulo III.

Uma visão panorâmica da obra de Hélio Serejo aponta para uma produção literária calcada em valores específicos de uma região, ou seja, o contexto estabelecido sinaliza para o pitoresco da região sul mato-grossense marcada por um passado bravio, tanto pelas condições inóspitas da natureza, como pelo fenômeno do povoamento sob sua forma de expropriação violenta nesta vasta faixa fronteira, que fizeram com que aquela realidade emergente adviesse de situações de estressamento.

Uma análise rápida sobre as personagens permite detectar, através de suas falas, ações, composição e caracterização, o anseio de fazer uma representação, cuja carga denotativa distinga o *modus vivendi* de uma comunidade formada pelo caldeamento de várias etnias, nacionalidades e naturalidades, em constante elaboração de sua identidade, dentro de um local quase indeterminado territorialmente. A questão da fronteira entendida como um intervalo, um entre-lugar é medida de permissibilidade de toda sorte de fazeres, de desmandos que têm como corolário um exemplo de barbárie que lembra a época de ascensão e queda do império romano.

A estratégia de trabalho de Serejo consiste na elaboração de uma narrativa que pareça ser real. As personagens recebem nomes recolhidos na história oral, ou escrita. A descrição das lutas, das viagens, dos perigos, das festas, da religiosidade, da medicina caseira, etc., que compõem o cotidiano daquela gente, num cenário tão pródigo quanto perigoso, em que o homem aparece no papel de coadjuvante ao lado da terra e da natureza

como protagonistas de sua epopéia, leva a crer que se trata de fatos verdadeiros e não de ficção literária.

Na tentativa de melhor compreender as críticas acerca das “histórias serejeanas” encontrei o apascentamento na conhecida lição de Walter Benjamin (1988). No Ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, Benjamin ao falar sobre o ‘narrador tradicional’ tece considerações a respeito da morte da narrativa demonstrando que a causa desse efeito está no surgimento do romance. Assegura que as outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas - procedem da tradição oral e dela se alimentam. Nesse ponto parece razoável valer-me desse argumento para com ele ratificar a presença dessas noções na prosa serejeana em face da constatação da predominância desse gênero sob as formas de lendas, contos e, sobretudo, crônicas em detrimento do romance, que me pareceu quase-inexistente. Para Benjamin (1988, p. 201), “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes”.

No texto serejeano é verificável a presença de elementos que, colhidos na tradição oral, são recriados ou recontados com aquela ingênua intenção do narrador clássico que atribuía uma finalidade prática à narrativa, da qual se valia para dar conselhos, ensinar, porque fruto de um acordo implícito e em nome de uma sabedoria tecida na substância viva da vida. Esses dados permitem-me concluir que as narrativas serejeanas aparecem impregnadas de características identificadas na natureza das antigas narrativas, que, no dizer de Benjamin (19988, p. 200), significa que “Ela (a narrativa) tem sempre em si, às vezes, de forma latente, uma dimensão utilitária”. Inúmeros são os exemplos de práticas utilitárias: a receita e indicação de um chá, a técnica de se erguer uma moradia, a engenharia para improvisar-se um empalissado, dentre outros.

O velho *camponês sedentário* “que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” e o *marujo comerciante* que a crença popular “imagina o narrador como alguém que vem de longe” e “quem viaja tem muito que contar” são duas figuras que, com o passar do tempo, se fundiram e forjaram, na expressão do “*mestre sedentário* e seus *aprendizes migrantes* que trabalhavam juntos na mesma oficina o aperfeiçoamento na arte de narrar” (BENJAMIN, 1988, p. 198-9). No incipiente sistema

corporativista medieval, a presença indispensável da mão-de-obra para a manufaturação de quaisquer artigos, compartilhada no mesmo espaço físico e por um longo período de tempo, dias, semanas, meses, anos até, criara as condições básicas para o nascimento, desenvolvimento e apropriação das narrativas que se teciam isentas de complicações.

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a narrativa se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia.(BENJAMIN, 1988, p. 204).

Dessa mesma forma fora produzida a prosa serejeana. Parte dela, aquela que resgata o universo extrativista da erva-mate constituiu-se à semelhança das antigas oficinas com seus artífices e aprendizes a tecer, limar, engastar pacientemente as peças. Assim, nos trabalhos⁵⁷ da erva-mate, nas matas, nos tapes, nos ranchos, nas canchas e nos barbacuás; os trabalhadores como: o habilitado, o conchavador, o monteador, o aguetero, o mayordomo, o canheador, o barbacuazeiro cada qual com sua responsabilidade na cadeia produtiva, paralela e compassadamente, vão tecendo os fios que ao serem recolhidos se entrelaçarão na urdidura das narrativas.

A narrativa, que durante muito tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. (...) Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.(BENJAMIN, 1988, p. 205)

Embora distanciada no tempo e situada em terras longínquas daquelas referenciadas por Leskov (apud, BENJAMIN, 1988), a produção literária de Serejo, do final do século XIX e início do século XX, remete àquele mundo da idade das trevas em termos de poder, de desigualdades e de todas as formas de abusos. Um representante legítimo desta forma de produção está concretizado, na obra de ficção literária serejeana, pelos textos que se apropriam do contexto situacional em que se desenvolveram os trabalhos exercidos em

⁵⁷ Segundo Serejo (1987), *trabalhado* é o lugar onde se levanta a ranchada e se produz o mate até o ensacamento.

função da produção da erva-mate. O sistema de administração, de captação de mão-de-obra e de matéria-prima, de produção e escoamento do produto final, lembra, em praticamente todos os aspectos, aquele sistema arcaico vigente na Idade Média. Essa atividade extrativa fora longamente praticada em consonância com as antigas práticas do homem primitivo que retirava da natureza o material suficiente à sua subsistência.

A rusticidade era, por um lado, a característica predominante em todas as situações. Desta forma, as relações de trabalho eram praticadas sem qualquer possibilidade de vínculo empregatício que preservasse o respeito e a dignidade ao trabalhador e à sua família. Assim, condições de insalubridade, precariedade de instrumentos e ferramentas, longa e pesada jornada diuturna antecipadamente imposta, alimentação de má qualidade, habitações primitivas, desregramento moral, hostilidade, vilania, etc., desaguavam em variadas formas de violências praticadas não só contra o homem como também nas formas de manejo geralmente agressivas ao meio-ambiente. A finalidade econômica fez dessas práticas uma atividade predatória.

Essa atmosfera em constante ebulição formava uma espécie de estopim, que diante do menor sinal de atrito, poderia explodir deixando atrás de si, além das marcas visíveis da destruição, o germen invisível de futuras contendas por questões ‘de honra ofendida’ que subsistiam latentes em contas a serem acertadas. Essa superação desencadeadora de crises fora aproveitada pelo narrador serejeano, para que com a posse daqueles ingredientes conhecidos e experimentados de forma personalíssima, pudesse recontar as histórias apreendidas e imaginadas durante muito tempo de sua permanência naquele ambiente. Segundo Benjamin (1988, p. 205),

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire o espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.

Neste ponto reside a diferença entre o narrador clássico e o narrador pós-moderno de que darei breves notas porque esclarecedoras da postura do narrador presente na obra ficcional de Serejo.

No Ensaio *O narrador pós-moderno*, Silviano Santiago (1989) apresenta o contraponto ao ensaio benjaminiano, sob a perspectiva do narrador pós-moderno. Este preocupado com a informação caracteriza-se, segundo Santiago (1989, p. 39), pelo “(...) processo de rechaço e distanciamento do narrador clássico”, assim, “o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador (...) ele não narra enquanto atuante”. E mais adiante esse ensaísta explica que “para Benjamin, a narrativa não deve estar interessada em transmitir ‘o puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. A narrativa é narrativa ‘porque ela mergulha a coisa na vida do narrador para depois retirá-la dele’. É interessante, neste ponto, destacar a exposição conceitual que Benjamin (1988, p. 209) apresenta para diferenciar “(...) quem escreve a história, o historiador, e quem a narra, o cronista”.

O cronista é o narrador da história. (...) O historiador é obrigado a explicar de uma outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através de seus representantes clássico, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna.

Diante deste rápido paralelo é bastante coerente aproximar-se, neste momento, o narrador serejeano com o narrador benjaminiano, e distanciá-lo do narrador pós-moderno descrito por Santiago. Portanto, resta inócua a tentativa de classificação da produção literária de Hélio Serejo tomando-se por paradigma as noções teóricas que se aplicam à literatura contemporânea de um Mário de Andrade, por exemplo, não obstante a possível aproximação temática em algumas obras. O trabalho manual empreendido por Serejo encontra respaldo na teoria clássica:

O próprio Leskov considerava essa arte artesanal – a narrativa – como um ofício manual. “A literatura”, diz ele em uma carta, “não é para mim uma arte, mas um trabalho manual”. Não admira que ele tenha se sentido

ligado ao manual e estranho à técnica industrial(BENJAMIN, 1988, p. 205).

Durante o processo de aquisição de conhecimento da obra escrita de Serejo, através da leitura de vários títulos, verifiquei que alguns hábitos lingüísticos, principalmente no nível lexical, distanciavam-no da realidade sul mato-grossense. Mas, ao investigar a vida e as origens do homem, foi possível compreender a forte carga hereditária tida e mantida pelos descendentes gaúchos que não se envergonham, ao contrário, fazem questão de perpetuar a sua tradição. Disto não darei notícias, porque extrapolam o alcance desta pesquisa.

Passo agora às considerações finais referentes ao Capítulo III, que, por sua natureza, requer sejam os comentários orientados pela perspectiva da Retórica e da Argumentação. Em primeiro lugar, convém relembrar que “o objetivo da argumentação é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”(PERELMAN, 2002. p. 50). Em segundo, que “desde Aristóteles todos os tratados de Retórica incluem, ao lado dos gêneros deliberativo e judiciário, o gênero epidíctico”. (PERELMAN,2002, p.53) para, com isso, situar o *corpus* estudado dentro dos dois parâmetros iniciais.

No *Tratado da argumentação: a nova retórica*, Perelman (2002) explica que os debates pertencentes aos gêneros deliberativo e judiciário se constituíam em verdadeiros combates em que os oponentes se empenhavam em discutir matérias controvertidas, cujo auditório tinha o poder-dever de decidir sobre qual a ação que se deveria empreender, ou como se daria o desfecho de um processo. Contrariamente a eles, o gênero epidíctico era praticado por um orador solitário, que nem sempre se fazia presente diante de um público e se dava por satisfeito em fazer circular suas composições escritas, geralmente sobre matérias incontestadas, com a intenção de elogiar personagens, ou exaltar virtudes, numa atitude unilateral, porque do auditório não se esperava qualquer contribuição.

Para os teóricos antigos era considerado como uma forma degenerada da eloqüência. Para Aristóteles, o orador se propõe atingir, conforme o gênero do discurso, finalidades diferentes: no deliberativo, aconselhando o útil, ou seja, o melhor; no judiciário, pleiteando o justo; no epidíctico,

que trata do elogio ou da censura, tendo apenas de ocupar-se com o que é belo ou feio (PERELMAN, 2002, p.54).

Decorrendo disso, foi este gênero passar a ser visto como predominante na Literatura, distanciando-se da Argumentação. Neste ponto, reside a contribuição inovadora de Perelman que diz textualmente: “(...) acreditamos que os discursos epidícticos constituem uma parte central da arte de persuadir, e a incompreensão manifestada a seu respeito resulta de uma concepção errônea dos efeitos da argumentação” (PERELMAN, 2002, p. 54). Diante do exposto, é possível categorizar a natureza do *corpus* propriamente dito como um discurso epidíctico, em que o orador solitário, vale-se dos pressupostos da teoria retórica e dos recursos argumentativos, para tecer a rede de significações que integram um momento ímpar em sua própria existência.

É sabido que este tipo de ocasião postula um ou vários discursos de elogio; este não é momento para críticas e rechaços; há que se arvorar do tom laudatório. Como cumprir esses rituais sem cair no ridículo, sem correr o risco do auto-elogio o que se transformaria num contra-argumento? “Conquanto seja desejável que o discurso contribua para a boa opinião que o auditório pode formar do orador, é bastante raro que seja permitido a este, para consegui-lo, fazer auto-elogio”.(PERELMAN, 2002, p. 364). Dessa lição se conclui que Hélio Serejo tinha plena consciência das questões referentes, sobretudo, à matéria sobre qual deveria versar um discurso. Quanto a esse ponto não me foi possível detectar se ele lera os Clássicos, mas em outros momentos de sua obra ficou evidente o seu conhecimento da literatura clássica. Daí é quase que inegável que ele também os conhecesse para melhor modelar sua oratória.

O que se verifica no discurso de Hélio Serejo é justamente a presença reiterada de oposições desde o início até o fim do seu texto. Essas oposições aparecem sob a forma de figuras de estilo, ou como um arranjo retórico que traz expressa uma idéia que poderia desqualificar o orador, mas capaz de revelar também, pelo contraste, aspectos favoráveis à pessoa do orador. Com isto não pretendo subestimar a oratória serejana, ao contrário, quero demonstrar a perspicácia do orador para desonerar-se de tão difícil tarefa e provar também o seu conhecimento da técnica retórica.

À primeira leitura, o discurso de Serejo em estudo proporciona uma visão bastante simplória, a ponto de se inquirir se é realmente um texto apropriado para uma solenidade de posse na Academia. Isso porque a seleção lexical, por um lado, é de uma simplicidade tal que se chega a duvidar. Através do sucessivo exercício de releituras, a visão vai se modificando e aquele impacto inicial cede lugar, agora, a um exaustivo trabalho de reflexão, sobre o porquê dessa opção de linguagem. Nesse sentido, é oportuno explicitar um tipo de argumento descrito por Perelman (2002, p. 281-90), como: “a argumentação pelo sacrifício”.

O argumento pelo sacrifício é um tipo de comparação utilizado com muita frequência quando se quer persuadir de que se está disposto a sujeitar-se para obter um certo resultado. Nessa espécie de argumento deve-se medir o valor atribuído àquilo por que se faz o sacrifício. Quanto maior o valor que se dá ao objeto pelo qual se sacrifica, mais o argumento impressiona, pois aos olhos alheios a medida executada com sinceridade é um elemento suscetível de aumentar o prestígio. O tecido do discurso aqui analisado está amplamente revestido de figuras de estilo como a comparação, a analogia, e o contraste, dentre outras. Em, praticamente, todas essas expressões a condição que se cria é a de superioridade (dos confrades) *versus* inferioridade (do orador).

Por outro lado, há que se assinalar que o momento de escritura desse discurso realizou-se num tempo posterior ao tempo dos debates e exames que lhe conferiram aquele título. Disto se conclui que, apesar de possíveis objeções acerca da desigualdade na parceria, o fato de adentrar os pórticos daquela Casa de Cultura era por ele almejado e querido, como provam tantos argumentos arrolados no sentido de atestar o seu comprometimento e a sua doação para não desmerecer o convite e não desprestigiar os seus pares. Dessa maneira, o valor que se persegue através de tantos sacrifícios se torna passível de ser alcançado pelas práticas realizadas na consecução do sacrifício aceito e a sua grandeza ultrapassa o sacrifício. Weil (apud PERELMAN, 2002, p. 284) escreve:

sofrimentos grandes demais com relação aos impulsos do coração podem levar a uma ou outra atitude; ou repelimos violentamente aquilo a que demos com demasia, ou agarramo-nos a ele com uma espécie de desespero.

Resta, ainda, fazer uma aproximação do *corpus* aqui estudado com o modelo retórico de análise proposto por Tringali (1988, p. 201-13).

O modelo é qualquer concepção teórica que serve de instrumento de análise. Sem um texto, não acontece atividade crítica nenhuma. Ela se realiza sempre como aplicação de um modelo a um texto. E como sempre supõe um texto, ela se aparenta com a filologia, a crítica é uma espécie de filologia. Nesta fase tem-se a compreensão e explicação de um texto. (TRINGALI, 1988, p.201).

Assim, o modelo empregado funciona como um argumento quase-lógico através do qual quer-se verificar até que ponto esse discurso acadêmico está inserido dentro do modelo clássico, sobretudo, porque revela especialmente o aspecto persuasivo de um texto. Partes do discurso:

Tema: Discurso de posse e elogio ao Patrono.

Questão: Ele que aparenta estar tão distante, que anuncia tantos entraves a obstacularizar o seu ingresso, convém à Academia que ele passe a ser um dos seus membros?

Proposição: A tese fundamental que ele defende em seu discurso: Pequenez *versus* altivez (sou pequeno, mas serei grande ao lado dos grandes que me reconheceram).

Gênero do discurso: Laudatório, mas não deixa de apresentar características do discurso forense, uma vez que advoga em causa própria e, ao mesmo tempo, se apóia na mediação dos juízes. E, por outro aspecto, tem conteúdo político, pois suas propostas se projetam como acontecimentos futuros.

Questão geral e particular: a questão é particular, a posse do Acadêmico, mas inseparável de uma questão geral: os requisitos inerentes ao título.

Invenção: Na invenção acumulam-se as provas que se destinam a persuadir o auditório de que a indicação do seu nome encontra respaldo na palavra daqueles que, no primeiro momento, foram seus juízes e eleitores em potência para o segundo momento. Do ponto de vista retórico, apesar do tom emotivo em diversas passagens, o discurso se inclui no campo daqueles erigidos sob a perspectiva racional, não importando a procedência, ora teológica, ora poética, dos raciocínios, porque esses compõem uma cerrada peça argumentativa.

Provas: Há grande incidência das provas intrínsecas nas modalidades psicológicas e éticas, pois o traço reiterado de humildade do orador cria uma imagem de si que ele quer despertar no auditório. Há também provas lógicas formuladas a partir de exemplos como o fato de ver-se refletido no espelho de seus Confrades; o silogismo também presente; através de raciocínios dedutivos o orador desenvolve uma argumentação coesa e contundente que vai numa escala crescente ampliando-se conforme ficou anteriormente demonstrado na análise.

O principal lugar-comum da argumentação é a noção de distanciamento entre ele e seus pares, explorada desde a tópica da apresentação e que percorre todo o tecido textual. Assim poderia se ter: 1º argumento: humildade e capacidade não se excluem; 2º argumento: quanto maior for o distanciamento maior deverá ser a capacidade para superá-lo; 3º argumento: para despertar o interesse sobre sua produção, ela deveria estar em conformidade com as exigências daquela Casa; 4º argumento: o mesmo distanciamento que poderia ser motivo de rejeição se mostra suficiente para a abertura da porta; 5º argumento: o argumento fundamental que justifica todos os anteriores é o seu pertencimento atual àquele sodalício, pois o seu não ingresso comprometeria toda a Casa, uma vez que fora avalizado por membros daquela Instituição. Assim, depois de tão fundamentada argumentação, os pólos se harmonizam e ele declara que ficará *indistintamente* naquele lugar.

Disposição: O discurso apresenta as seguintes etapas: 1º um breve exórdio em que ele cumprimenta os Acadêmicos e uma louvação a Deus; 2º o desenvolvimento começando pela tópica da apresentação que se desdobra numa seqüência progressiva de argumentos no sentido de defender a proposição concebida; 3º a peroração em que ele reitera o já dito no exórdio em relação a Deus e a si e, finalmente, exorta a sua terra e os irmãos de ideais literários.

Elocução: Domina em todo o discurso a oposição. Embora, na maioria das vezes e, sobretudo, na parte inicial, essa oposição esteja não-presente, dada a ausência expressa da outra parte, ela pode ser detectada nas entre linhas. De um lado “eu”, o orador e, de outro “Vós” os Confrades: Ele, o pequeno, os outros os grandes; ele os seixos, Vós o ouro e diamante, etc. Mas daí a conciliação expressa através da gota d’água e do mar bravio que

compõem a grande metáfora do discurso e, ao mesmo tempo, minimizam as controvérsias, porque os dois lados da questão possuem essência idêntica. O emprego de imagens verbais descritas ao longo do texto e de outros recursos de estilo documentam que um texto retórico-argumentativo apropria-se desses expedientes na tessitura de seus argumentos, donde se conclui que este é um texto retórico sem deixar de ser artístico.

Memória: Este ponto restou obscuro, pois o que se sabe é que esse discurso não foi apresentado ao seu público, na voz do seu produtor, como se disse anteriormente, mas isto não obsta a sua rígida classificação, uma vez que ele se perfez, na ocasião, na leitura de um terceiro. Provavelmente, a ação desempenhada por outrem não tenha tido e mesma ênfase nem a mesma gestualidade, dados extralingüísticos, que complementariam a emoção do orador.

A pesquisa teórica mostrou-se eficaz na solução da questão. Os manuais consultados sinalizaram para a assertiva de que o *corpus* emanálise pode ser classificado à semelhança de um discurso acadêmico, conforme ficou demonstrado durante todo o processo de descrição e de análise.

Toda análise pode ser considerada uma argumentação quase-lógica, utilizando quer definições, quer um procedimento por enumeração, que limita a extensão de um conceito de elementos relacionados, na medida em que não se apresenta como puramente convencional, pode ser considerada.

É por isso que, fora de um sistema formal, a análise jamais poderá ser definitiva nem exaustiva. (...) essa exatidão não poderia sequer ser postulada, se o que pretende é reproduzir o sentido das noções de uma linguagem natural (PERELMAN, 2002, p. 244).

Isto não enseja o encerramento da questão. Não tenho a pretensão de colocar um ponto final como se já fora dirimida toda e qualquer indagação. O que verifiquei encerra a possibilidade deste estudo estabelecer que a obra literária de ficção, bem como o gênero oratório de Hélio Serejo, são documentos que registram, sob a ótica subjetiva do autor, parte da cultura e muito da identidade do brasileiro da região sul mato-grossense. Serejo prefere trabalhar com valores sobre os quais não pairam dúvidas, quando considerados isoladamente, para aumentar a adesão do auditório.

Tarde (1895), (apud, PERELMAN, 2002, p.57) expressa a sua concepção sobre o gênero oratório nos seguintes termos: [o] gênero oratório que lembra mais uma procissão do que uma luta, fará com que seja praticado de preferência por aqueles que, numa sociedade, defendem os valores tradicionais, os valores aceitos, ao que são objeto da educação, e não os valores revolucionários, os valores novos que suscitam polêmicas e controvérsias.

Os discursos epidícticos apelarão com mais facilidade a uma ordem universal, a uma natureza ou a uma divindade que seriam fiadoras dos valores incontestes e que são julgados incontestáveis. Na epidíctica o orador se faz educador.

Essas duas citações me parecem bastante apropriadas para fechar este trabalho por entender que elas corroboram a opinião de que Serejo é um escritor que se preocupou com valores tradicionais, que tem alguma coisa a ensinar. Há coerência entre o que ficou exposto a respeito do gênero oratório na espécie do discurso epidíctico com narrador existente em Serejo quando equiparado ao narrador benjaminiano. Portanto, o poder de persuasão incide justamente por revestir-se de uma roupagem simples, porque em relação ao humilde muito será tolerado, ao passo que ao prepotente nada passará despercebido e será motivo de avaliação. No entanto, entendo que muitas questões, apenas aventadas, servirão de mote para novas reflexões. Mieczyslaw Maneli (2004, p. 45), em *A nova retórica de Perelman: filisofia e metodologia para o século XXI*, afirma que:

Perelman inspirou algumas de suas conclusões retóricas e filosóficas na afirmação de Dupréel de que toda idéia informal ou teoria é imperfeita. Do ponto de vista prático, isso significa que todo programa, toda ordem e todo pensamento ou conjunto de pensamentos podem ser aprimorados. Se eles fossem perfeitos ou se o alcance da perfeição fosse realmente possível, então o pluralismo seria indefensável.

Dessa forma, Perelman chegou à conclusão da imperfeição “natural” em todas as formas de sociedade.

Consciente de que regi o meu fazer orientada pela disciplina de não poupar esforços para produzir da melhor maneira possível, não obstante essa preocupação toda, cheguei ao final, justamente, com outra sensação. Sensação da coisa inacabada, sabedora de que muitas emendas poderiam ser aditadas para aprofundar alguns pontos. Com uma visão clara de que há alguns aspectos que foram abordados de forma superficial e, de que se aprofundados,

poder-se-ia discorrer sobre outras questões a que o referencial dá ensejo. Mas é, certamente, neste sentimento que reside o valor de um trabalho de pesquisa. A avaliação *post scriptum* traz a noção evidente do crescimento adquirido e, por isso mesmo, a certeza do muito que ainda há para investigar.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DOURADENSE DE LETRAS: *Dez anos de conquistas e vitórias*. Dourados, MS: Gráfica Rosário Ltda. Elaboração e revisão: I. Ribeiro, 2001.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

ARRUDA, G. Heródoto. 1984. In Instituto Euvaldo Lodi *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS, 1986.

BARROS, Manoel de. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1974.

BIANCHINI, O. da C. D. *A companhia Mate Laranjeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso: (1880-1940)* Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

BITTAR, E. C. B. *Linguagem jurídica*. São Paulo: Saraiva, 2001.

BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad.de Fernando Tomaz.(português de Portugal) 6.ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

BERNUCCI, L. M. *A imitação dos sentidos: Prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995.

BRANDÃO, R. de O. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. Trad. Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CAMÕES, L. V. *Os Lusíadas*. In *Literatura Comentada por Nádya Battela Gotlib*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

CAMPESTRINI, H. e GUIMARÃES, A. V. *História de Mato Grosso do Sul*. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Campo Grande MS, 2002.

CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*, 1962.

CENTENO e BRITO. *Educação e diversidade cultural: a presença do trabalhador paraguaio nos ervais de Mato Grosso (1870-1930)*. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2004.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1985.

CORA CORALINA, *Poemas dos becos do Goiás e estórias mais*. 14. ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 1987.

COSTA VAL, M. da G. *Redação e textualidade*. 2.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DAMIÃO e HENRIQUES. *Curso de Português Jurídico*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

DONATO, Hernani. *Selva trágica*, 1976.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1986.

GADAMER, H.G. *Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Verif. da trad. De Ênio Paulo Giachini. 3.ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOMES, O.G. Dom Thomaz. 1984, In Instituto Euvaldo Lodi *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS, 1986.

GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu*. In *Literatura Comentada* por Samira Campedelli. São Paulo: Abril Educação, 1980.

HANSEN, J. A. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. 1.ed. São Paulo: Atual, 1986.

_____. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa*, de Mauro de Sales Villar e de Francisco Manoel de Melo Franco (2002).

JANTSCH, A.P. *Concepção dialética de escrita-leitura: um ensaio*. In: Trama e texto: leitura crítica e escrita criativa. (org.) Lucídio Bianchetti. Plexus, v 1.

KOCH, I. V. *O texto: construção de sentidos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa, 1970.

LAFACE, A. *A linguagem, fonte de produção de conhecimentos*, 2003. Anotações de sala de aula (a ser publicado).

LAFACE, A. *A unidade lexical na língua – a lexia, o vocabulário, a palavra, ocorrências e frequências*, 2003. Anotações de sala de aula (a ser publicado).

LAFACE, A. *Campo lexical, Campo semântico e unidade de sentido*, 2003. Anotações de sala de aula (a ser publicado).

LAFACE, A. *Ensino da língua materna – sinonímia e parassinonímia, como fonte interação cultural e discursiva*, 2003. Anotações de sala de aula (a ser publicado).

LINHARES, T. *História econômica da erva-mate*. Rio de Janeiro: livraria José Olympio , 1969.

LINS, J.P. *O sol dos ervais: exaltação à obra de Hélio Serejo*. Dourados-MS: Dinâmica, 2002.

_____. *Hélio Serejo... Sublime Poema! Cintilações da alma poética de Hélio Serejo*. Dourados-MS: Publicações do autor, 1996.

- LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MANELI, M. *A nova retórica de Perelman: filosofia e metodologia para o século XXI*. Trad. Mauro Raposo de Melo.- Barueri, SP: Manole, 2004.
- MATOSO CÂMARA JR. J. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores de língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1973.
- MARTINEZ, R. H. B. *Três tipos de discurso*. In: Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus, coletânea de textos. São Paulo, SE/CENP, 1988.3v.
- MARQUES, M.H.D. *Iniciação à semântica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MARTINS, N. S. A. *Introdução à estilística*. São Paulo: T.A Queiroz/EDUSP, 1989.
- MEDEIROS, J. B e TOMASI, C. *Português forense: língua portuguesa para o curso de direito*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MELO e SILVA, J. de. *Fronteiras Guaranis*, 1939. Atualização e notas à 2.ed. de Hildebrando Campestrini. Campo Grande: IHGMS, 2003.
- _____. *Canaã do Oeste: Sul de Mato Grosso*. 2. ed. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1989.
- ONG, W. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Papyrus Editora.
- PACHECO, R. A. S. *Mobilizações Guarani Kaiowá e Nandeva e a (re) construção de territórios (1978-2003): novas perspectivas para o direito indígena*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato grosso do Sul, Campus de Dourados, 2004.
- PERELMAN, C. *Tratado da argumentação*. Tradução de Maria Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PIRES, E. M. Prefácio. In: SEREJO Hélio. *Contos crioulos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.9-21. (Coleção Registros Documentais e Memória Regional, 2).

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

PONTES, J. C. V. *História da Literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.

RAMOS, G. *Viventes das Alagoas*. 1962.

REIS, E. *Os 13 pontos de Hélio Serejo*. Coord. Editorial de Aparício Fernandes. Rio de Janeiro, 1980.

SANTIAGO, S. *O narrador pós-moderno*. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SCHAEFER, Sérgio. *A escrita e a superação do senso comum*. In: *Trama e texto: leitura crítica e escrita criativa*. (org.) Lucídio Bianchetti. Plexus, v1.

SEREJO, H. *Homens de aço: a luta nos ervais de Mato Grosso*. São Paulo, 1946

_____ . *Prosa Rude*. São Paulo: Preparação de José de Mesquita, 1952.

_____ . *Vento brabo...* Coleção Mato grosso crioulo (1943): Venceslau, SP. 1971.

_____ . *Ronda sertaneja*. Coleção Mato Grosso crioulo (1949):Venceslau, SP.1971.

_____ . *Discurso de posse*. Curitiba: Revisão de V.J. Taborda,1973.

_____ . *Rodeio da saudade*. Curitiba: Revisão de V.J. Taborda,1974.

_____ . *Vida de erval*. Coleção Surrão crioulo: S/L, 1975.

_____ . *Fogo de Angico*. Coleção Surrão crioulo. Venceslau: Varner Bícego, 1978.

_____ . *Pelas orilhas da fronteira*. 2.ed. Curitiba: o Formigueiro, 1981.

- _____. *Palanques da terra nativa*. Curitiba: O Formigueiro, 1983.
- _____. *Paisagem sertaneja*. Tupi Paulista: Versiprosa, 1985.
- _____. *Rodeio de emoções*. Venceslau, SP. 1985
- _____. *O tererê que me inspira*. Presidente Prudente: Gráfica Santo Antônio Ltda, 1986.
- _____. *Caraí*. In: INSTITUTO EUVALDO LODI. *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Gráfica Brasília, 1986. p.27-193.
- _____. *Os heróis da erva*. Venceslau: Artes Gráficas Bachega, 1987.
- _____. *Paisagem sertaneja*. Dracena: Versiprosa, 1988.
- _____. *Caraí ervateiro*. 1. ed. Tupi Paulista: Versiprosa, 1990.
- _____. *Lendas do Estado de Mato Grosso do Sul*. Tupã, SP.: Vesiprosa, 1991.
- _____. *Contos crioulos*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998.
- _____. *Vida de erval*. Coleção Surrão crioulo, 1999.
- SILVA, De P. e. *Vocabulário jurídico*. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
- SPERA, J.M.S.A. *As ousadias verbais em Tutaméia*. São Paulo: Editora Arte & Cultura – UNIP, 1995.
- SOARES, E. *Fundamentos de lógica: elementos de lógica formal e teoria da argumentação*. São Paulo: Atlas, 2003.
- TENO, N. A. C. *Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo*. Dourados MS: UFMS, 2003.
- TRAVAGLIA, L.C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

TRINGALI, D. *Introdução à Retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

TOLEDO, Marilene P. M. e F. de. e NADÓLSKIS, Hêndricas. *Comunicação jurídica*. 4. ed. São Paulo: Sugestões Literárias, 2002.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VIEGAS, C. L. O. *Marcha por uma literatura sul-mato-grossense: o conto regional de Hélio Serejo*. Três Lagoas, MS: UFMS, 2004.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo:EDUC, 2000.

GLOSSÁRIO⁵⁸

- 1- Aguatero- Carregador de água.
- 2- Aragano – Vadio, aquele que caminha sem destino certo.
- 3- Arrias – animais (mulas, burros e cavalos) que transportam as bolsas de erva-mate.
- 4- Arrieiro – Homem sem cultivo algum, de trato rude.
- 5- Arboleras – Pés de erva-mate bem formados e idosos; arboledas.
- 6- Apepu (do guarani) - laranja azeda.
- 7- Barbacua – Aparato, de forma côncava destinado à secagem da erva. O nome vem de boberacua, o que brilha muito.
- 8- Barbacuzeiro – Aquele que trabalha no barbacua. Desempenha papel muito importante numa ranchada ervateira. É o homem-chave para se obter um produto de excelente qualidade.
- 9- Bicharame – Grande quantidade de pragas. (linguajar ervateiro).
- 10- Bombeada – Olhada.
- 11- – Peça de couro que serve para carregar objetos variados.
- 12- Caa (ka'a) - erva.
- 13- Cancha – Piso no qual a erva é batida para torná-la mais fina.
- 14- Cancheada – Erva que foi tornada mais fina na cancha.
- 15- Canha – Pinga.
- 16- Canhada – Extensão de terra coberta de capim que fica, geralmente, próxima à cabeceira ou às margens de um curso d'água. Também lugares baixos entre espigões e montanhas. Mesmo que “quebrada”.
- 17- Capila-Horqueta – Antiga vila do Paraguai.
- 18- Carai (karai) - Tratamento de respeito. Designação de velho. O mesmo que amigo.
- 19- Carancho – Ave falconídea.
- 20- Catín (caati) – Mata onde faz-se a poda da erva-mate.
- 21- Cerro-Corá – Conjunto de montanhas formando um círculo. Lugar histórico. Margem esquerda do rio Aquidaban.
- 22- Chamalot – Cipós entrelaçados, raízes, touceiras que flutuam ao sabor da correnteza.
- 23- Chipa – Espécie de pão paraguaio. Feito à base de queijo, polvilho e gordura.
- 24- Chiriguelo – Caminho aberto durante a Campanha do Paraguai pelos majores paraguaios: Martín Urbietta e Ângelo Céspedes e que atravessa a serra de Maracaju.
- 25- Chiripá – Corte de pano que envolve a cintura, até as coxas usado como uma espécie de calça curta.
- 26- Comissária – Almoxarifado da ranchada; o armazém.
- 27- Comissário – Aquele que toma conta da comissária; quase que em geral desempenha as funções de guarda-livros. É pessoa de absoluta confiança do habilitado.
- 28- Conchavar – contratar.
- 29- Còsto – Rês para carne. Causa de grande satisfação ao peão ervateiro quando recebe a incumbência de sair à procura de còsto para a ranchada.
- 30- Cunha (cuña) – mulher.
- 31- Cunhataí (cuñataí) – donzela.

⁵⁸ Coletânea elaborada a partir de diversas obras de Hélio Serejo.

- 32- Curumin – Menino.
- 33- Empalissado – Passagem feita com lascas de coqueiro ou pau roliço sobre pântanos. Alguns são autênticas obras de engenharia.
- 34- Entrevero – Grande confusão. Luta corpo a corpo.
- 35- Filoso – Bem afiado.
- 36- Friolenga – Expressão fronteira para friorenta.
- 37- Guípeca – Cachorro de porte pequeno.
- 38- Guascaço – Chicotada com uma guasca.
- 39- Habilitado – Aquele que tem sobre os ombros a responsabilidade da ranchada ervateira; é por assim dizer, o arrendatário de uma determinada zona de erval.
- 40- Ilex paraguayensis - o mate.
- 41- Ipêhú – Pássaro preto. Povoação fronteira com o Paraguai. Hoje chama-se Paranhos.
- 42- Jeroki – Baile.
- 43- Jungle – A mata, a floresta.
- 44- Jujos – Pantas de pequeno porte com as quais curam-se muitas enfermidades.
- 45- Kuimba'e – Homem.
- 46- Locro – Comida paraguaia de excelente sabor feita com milho, carne verde, ossos e tempero especial.
- 47- Lonada ou ponchada – Peça de lona na qual o mineiro envolve o raído. Evita a perda de folhas e galhos pequenos.
- 48- Manchega – Carreta baixa, forte, de construção primitiva.
- 49- Mayordomo – Aquele que se encarrega de fornecer o alimento
- 50- Mineiro (minero, mensu) – Peão que faz o corte da erva.
- 51- , mensu – Aquele que trabalha por mês.
- 52- Monteada – Ato de procurar o mato de erva.
- 53- Monteador – Aquele procura o mato de erva.
- 54- Mbourear – Gritar.
- 56- Mboureo – Grito de mineiro; em geral um grito nostálgico.
- 57- Naco – Pedaco de fumo que o peão põe na boca para mascar.
- 58- Nhandu-puiçum (ñandu) – Dedo de ema. É a bifurcação dos vários caminhos dentro do erval.
- 59- Overeada – Erva que passou pelo sapeco.
- 60- Panhuelo (pañuelo) – Lenço.
- 61- Paisano – Conterrâneo, da mesma pátria.
- 62- Perchel – Depósito onde se acondiciona a erva a granel.
- 63- Perro – Cachorro.
- 64- Piá – Guri.
- 65- Piyá – Pano grosso que o mineiro usa à cintura.
- 66- Pindó – Variante de palmeira muito comum em Mato Grosso (do Sul).
- 67- Plantilla (plantilha) – Sapatão grosseiro feito de pneumático ou couro.
- 68- Poncho-puitã – Poncho vermelho.
- 69- Puchos – Meios sacos de erva para ser ensacado mais tarde.
- 70- Preposto – O que fica como substituto.
- 71- Provista – Alimento, víveres.
- 72- Quartã – Maleita cujo tremor ataca de 4 em 4 dias.

- 73- Quilombera – prostituta.
- 74- Raído – Carga de folhas que o mineiro traz às costas. O fardo é seguro por correias (raído-sã). O peso é geralmente acima de 150quilos.
- 75- Ranchada – Grupo de pequenos ranchos de capim. Lugar onde se mora e trabalha-se o mete até o ponto de ensacamento.
- 76- Rebojo – o ferver, o circular da água, redemoinho.
- 77- Rechoque – diz-se da menor pressão que a roda pode exercer sobre o terreno balofo.
- 78- Santa-fé – Dança típica paraguaia, executada com graça e habilidade pela mulher guarani.
- 79- Sapicuá – Saco para conduzir matula ou pequenos objetos.
- 80- Sapuitê – Num momento, rapidamente.
- 81- Sarandear – Passar o mate por uma peneira.
- 82- Soncera – Insignificante; sem maior importância.
- 83- Tarea – Tarefa.
- 84- Tarimba – Cama tosca.
- 85- Tapes – Caminhos, estradas.
- 86- Tape-guaçu – O caminho melhor cuidado, destocado, sem buracos.
- 87- Tape-hacienda – Caminho principal dentro do erval.
- 88- Tape-poi – Verdadeiro trilho de cabra. Corta o tape-hacienda em todas as direções.
- 89- Tembi'u – Comida.
- 90- Tenteio – Sondar o terreno; examinar; experimentar (tatear).
- 91- Terçã – Maleita cujos tremores vêm de 3 em 3 dias.
- 92- Tereré – Mate bebido com água fria.
- 93- Toreando - provocando
- 94- Trabalhado – Lugar da ranchada.
- 95- Tunguear – Descansar.
- 96- Uru – O encarregado, o mesmo que barbacuazeiro. Temos o uru – pássaro e o uru – homem. Um é confidente do outro. O uru-homem conversa com o uru-pássaro durante o trabalho.
- 97- Vaqueano – Prático.
- 98- Venas – Veias.
- 99- Xaqua – Baixota, cara de homem, corpo de muito músculo.
- 100- Zinga – Vara que serve para acionar embarcação.
- 101- Yacaru-porã – Comida muito boa.
- 102- Yrisu – Rio.

ANEXO

ELPÍDIO REIS

*OS 13 PONTOS
DE
HÉLIO SEREJO*

(BIOGRAFIA)

BIBLIOTECA — CEUD

RIO DE JANEIRO
1980

PONTO I

HÉLIO SEREJO

NA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

“Nenhum povo culto pode viver sem sua literatura. Os indivíduos para viver e satisfazer ao seu destino hão de comunicar as suas idéias e traduzir na linguagem as manifestações de sua inteligência. A expressão das Nações, a sua conversação, o desafogo do seu espírito, é a literatura de cada época e de cada sociedade”.

LATINO COELHO

DEZENOVE DE OUTUBRO DE 1973 foi dia de festa para a elite cultural de Cuiabá.

A Academia Matogrossense de Letras, engalanada e florida, abriu seus respeitáveis portais para dar posse a um acadêmico eleito em 27.11.53 e que até então, por motivo de doença, não pudera comparecer para a grande honraria que — como ele disse — era “grande por demais”.

Acontece que nem mesmo a essa memorável solenidade, presidida pelo então Governador do Estado, Dr. José Fragelli, o acadêmico pôde estar presente.

Abrindo a sessão, o conhecido homem de Letras, Presidente da Academia, Desembargador Gervásio Leite, disse emocionado:

“Excelentíssimas Autoridades
Excelentíssimas Senhoras
Senhores Acadêmicos:

Abrem-se, festivamente, esta noite, os portais desta solarenga Casa do Barão de Melgaço para que a Academia Matogrossense de Letras possa receber com alegria e efusão de alma o ilustre confrade Hélio Serejo cuja

recepção, que queríamos brilhante, de há muito estava preparada.

Creio que para o público pensante de Matô Grosso e para o culto auditório aqui presente seria exagero pretender apresentar o nosso eminente confrade que hoje vem — depois de longa espera — agasalhar-se sob o tecto desta Casa de Cultura para trazer a todos nós as luzes da sua formosa inteligência e os fulgores do seu espírito de escol.

Autor consagrado e escritor festejadíssimo pela sua obra apurada e fecunda, Hélio Serejo vem prestigiar este sodalício com a sua presença de artista e de *gentleman*, com a sua insinuante personalidade, com os resultados da sua larga experiência e da sólida cultura que possui.

É a Academia que se sente honrada em recebê-lo em seu seio e todos nós nos sentimos orgulhosos tendo-o



Mesa da posse do Acadêmico Hélio Serejo na Academia Matogrossense de Letras. Ao centro, Desembargador Gervásio Leite, Presidente; à direita, o Governador José Frageli; à esquerda, o escritor Rubens de Mendonça, Secretário da Academia.

em nosso convívio. Infelizmente aquele que era longamente esperado não pôde vir, em luta que se encontra com insidiosa doença já agora quase debelada mas que nos priva de sua presença que seria o arremate final para as galas desta noite de sua consagração literária.

O Acadêmico João Antônio Neto se encarregará da leitura do primoroso discurso do novel Acadêmico, no qual sentirão todos a pujança do talento e as qualidades peregrinas desse nobre espírito que hoje toma assento, para sempre, entre os membros deste sodalício.

Para saudá-lo o nosso novo confrade escolheu o Acadêmico Rubens de Mendonça, que por certo bem interpretará a alegria fraternal de que estamos possuídos e que condignamente recepcionará o companheiro que, ausente fisicamente, encontra-se presente no seu discurso, e na nossa admiração e estima.

Está aberta a sessão."



O historiador e poeta Rubens de Mendonça, saudando o novo Imortal.

Saudou-o o escritor Rubens de Mendonça que, em excelente discurso, traçou a figura literária do novo Acadêmico.

Hélio Serejo, através da palavra de João Antônio Neto, Desembargador e Acadêmico, apresentou seu Discurso de Posse, cuja primeira parte aqui reproduzo como jóia de beleza rara.

1 "Senhores Acadêmicos,
Eruditos irmãos de ideais literários.

As minhas preces de amor e gratidão ao nosso Deus Onipotente e os meus respeitos infinitos a esta assis-
5 tência nobre, na hora maior da minha emoção crioula.

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas os açol-
tes desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da
10 lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã,
15 a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terras matogrossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos "barbaquás", do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolicos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do
20 pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da "jungle", sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queima-
25 da, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trotamundo.

30 Os ventos do destino — maus e bons — levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilham muitos caminhos.

Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de
 crença, fé e esperança, como o fui, também, imagem
 35 viva de desesperança, revolta e sofrimento.

Revolta, pela gritante desigualdade existente entre
 os seres humanos — criação sublime de um mesmo Deus
 e rebanho sofredor de um mesmo Pastor.

Trilhei, no passado distante — vivência que se me
 40 incrustou no sensível coração caboclo — muitos ermos
 e muitas paragens.

Fui surrado da vida e sofrido do destino. Mas os
 olhos indagadores estiveram sempre voltados para o
 Alto, porque é do Alto, da Casa do Senhor, que vêm a
 45 força, a verdade e a luz.

Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revol-
 vente dos tempos, mas com o conforto grandiloquente
 de ter sido guiado por essa luz mirífica que é o farol
 divino que indica, neste tormentoso vale de lágrimas, aos
 50 bons e aos puros de espírito, o caminho certo da vida.

Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas
 incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, pro-
 curei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das
 estâncias.

Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra
 55 ingreme e o fui, também, envaidecido, tropel de tro-
 pilha crioula e índio aragano, trilhador de todos os
 caminhos.

Amei, imensamente, o vazio aberto. Nele, sempre
 60 vi, orgulhoso e confortado, a obra incomensurável do
 Senhor.

Absorto e contemplativo — no giro sertanejo —
 quantas vezes não dormi sobre um baixelro; debaixo da
 árvore agasalhadora, coberto pelo poncho azul do Céu!

65 O chão era minha cama, e a mata milenária, a ca-
 tedral crioula da minha oração xucra.

Sorvi, com os olhos indagadores, essas paisagens
 campeiras, em seus mínimos detalhes e delas me tornei
 escravo submisso e voluntário.

70 Vi, assim, embevecido como um anacoreta, a tapera
 da estrada, palco sangrento, no passado bravio da pe-
 netração, de muitos entreveros:

*Uma angústia sem fim meu peito invade
 Quando vejo deserta e abandonada*

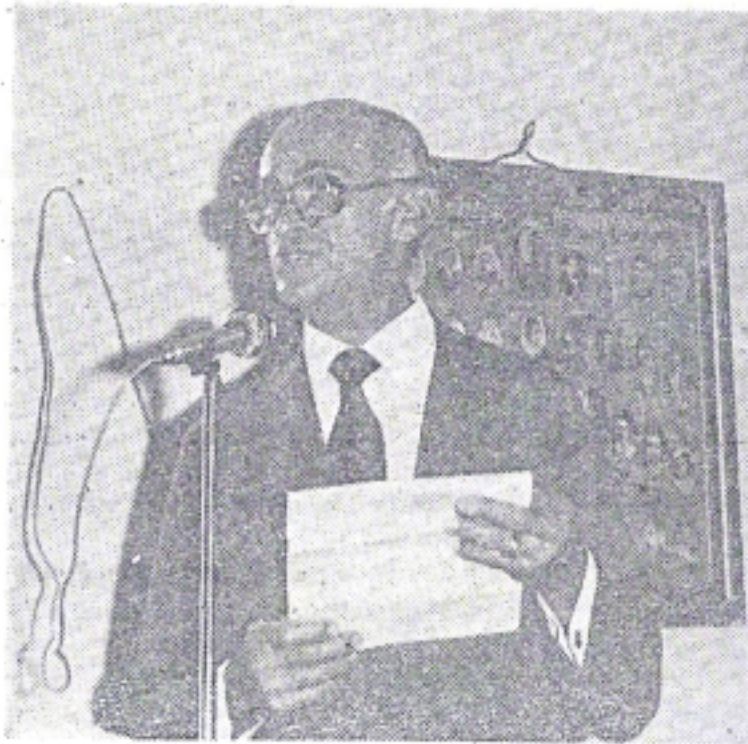
75 *Essa velha tapera iluminada
Pelo clarão da lua da saudade.*

Na caminhada incessante — ao sol, à chuva e aos ventos — deparei, numa tarde silente, com o preto velho encarquilhado, cismarento e cachimbador.

80 O verso caboclo saiu neste feitio:

*Velho, cansado, trôpego, tristonho,
Jogando, da vida, a última cartada,
Ele, Pai João, o cantador risonho,
Cachimba triste ao sopro da nortada...*

85 *Pai João cisma... no seu olhar vidrado,
Cheio de angústia pela nostalgia,*



Desembargador João Antônio Neto, lendo o discurso do acadêmico Hélio Serejo, na qualidade de seu representante.

*Há uma nesga de dor do seu passado,
Ou talvez o temor da terra fria...*

90 *Anda sempre sozinho, resmungando,
Do galo, o clarinar, já nem presente,
E nem mais ouve o jaguapeva uivando.*

*Nada mais resta do vaqueiro "chada"
Pai João, o guapo, o peleador valente,
É um caco véio que num vale nada...*

95 Foi na hora de fogo do crepúsculo que eu vi Mãe Preta abichornada num canto — cabeça branca de algodão batido — olhos cismadores pregados no passado distante, cantando, em forma de soluços a cantiga enternecedora das recordações:

100 *Tudo está pronto... e o misto povaréu
vai conduzir o andor pela senzala;
um foguete ribomba e vara o céu
e há confusão enorme, pela sala.*

105 *Seu Vigário, na frente, puxa a fila,
todo contrito entoa um coro suave;
um cão ladra, lá embaixo, que horripila
e ouve-se, bem longe, o grito de uma ave.*

110 *Um pequerrucho, impaciente, chora;
pára o cortejo... vão rezar agora;
velas se acendem, já a luz é escassa.*

*Longe, na serra, nasce bela a lua!
e passo a passo, desce um vulto a rua,
é finda a festa... seu Vigário passa...*

115 Dentro do meu peito — coração pulsando aflitivamente — o sertão fez morada.
Fui criado por Deus para que nele sonhasse, sofresse e corresse.

A festa na roça ficou assim na imaginação:

120 *Toca a besta Maneco... e ocê Donata,
sarga e pindura a carne no varal;*

*e o vendaval, lá embaixo, pela mata,
rebenta e vence o denso taquaral...*

125 *Pega o sebo Firmino... sova o tento,
arcance o laço grande pru Tião,
enquanto o Pé-de-Cabra... mais o Bento,
sangram o Tigre e tosam o Alazão.*

130 *Chega o Juquinha, alegre, do potreiro...
Traz a Malhada... e o filho da Cigana,
e ergue-se, denso, o pó, lá no terreiro.*

*O Paulino, na rede, dorme e sonha!...
E sinhá Marcelina o arroz abana,
enquanto a Genoveva faz pamonha...*

Reproduzo os versos de cadência matuta, tão estro-
135 piados de emoção — seixos autênticos das enxurradas
— para poder dizer aos meus valorosos confrades — ouro
e diamante desta augusta Casa — que o lugar do índio
gaudério, de coração abaqueado e xucro, mas bom e ter-
no como prece de mãe amorosa, é nos galpões das estân-
140 cias charruas, ao pé do fogo estralidante, onde, na hora
evocadora do mate-amargo, as lendas e as tradições cam-
peiras se entropilham.

Sinto, porém, que a casa é minha. Fui chamado e
aqui estou. Para ficar, até o dia do juízo final...

145 A honraria — para o homem caboclo — é grande
por demais.

Afogar-me-ei em responsabilidade, mais sei que pos-
suo forças suficientes para no momento psicológico, com
mãos firmes e seguras, atirar o laço para o pialo grande
150 da gratidão campeira sem limites.

Senhores Acadêmicos.

Meus queridos e polimáticos irmãos de ideais.

A casa é minha também, não por merecimento, mas
pela extrema bondade de muitos.

155 Serei, aqui, caboclo rústico, de gestos desengonça-
dos, homem fronteiro que foi embalado na infância
pelo vento aragano vindo de terras distantes, índio cru-
zador de todos os pagos e enamorado de todas as que-

rências, e minúscula gota d'água formada pelo orvalho da madrugada, e vós, inclitos Acadêmicos — centelhas aurifulgentes da sabença da terra do genial Cândido Rondon — o mar bravio, revoltado, tempestuoso.

Que a gota d'água, pequenina e insignificante, não envergonhe nunca esta Casa tradicional, de estudo, hospitalidade, amor pátrio e cultura.

Vim, meus irmãos, dos entreveros da fronteira, dos ervais sombrios, dos caminhos perdidos, do pôr-de-sol que magnetiza, dos galpões das estâncias, do chão poeirento e das encruzilhadas; vim, conduzido pelas mãos bondosas, amigas e piedosas do eternamente lembrado José de Mesquita, o estilista suave, cuidadoso e brilhante, de Rubens de Mendonça, historiador fecundo e poeta de permanente inspiração, e de tantos outros vultos proeminentes das letras de Mato Grosso, que fazem parte deste sodalício.

Vim, meus impolutos e nobres confrades, para ficar ao lado de todos, indistintamente, e de todos receber, diuturnamente, as lições de cultura, que forjarão no coração do prosador rude a compreensão de sabedoria.

Com a ajuda cristã de todos — formadores do mar bravio, revoltado e tempestuoso da cultura — a gota de orvalho, pequenina e insignificante, crescerá também.

Que o Onipotente me dê forças para acompanhar-vos na grande caminhada cultural!

Sou tão fraco e tão pequeno, mas desejo crescer amparado, piedosamente, pelos luminares da cultura matogrossense.

Tudo por Mato Grosso, hoje, amanhã e sempre, mestres de muita sabença e irmãos bondosos de ideais literários."

O discurso de Hélio Serejo ecoou pelos centros culturais de Mato Grosso.

Sintetizando o pensamento de muitos, Marcelo Ataíde, de Dourados, escreveu:

"A eternidade da arte zomba do tempo!

Lí, com incontido êxtase, seu magnífico discurso de posse na Academia Matogrossense de Letras. Nada mais

belo que a originalidade, a vigorosa autenticidade, sobretudo, de quem foi “surrado da vida e sofrido do destino. Mas com os olhos indagadores sempre voltados para o Alto, donde vêm a Força, a Verdade e a Luz”.

Enternecedora esta inspiração, que nos aponta o caminho sofrido da vitória certa!

Sua prosa personalíssima ressuma Guimarães Rosa, seu estro agreste recende a Catulo, plasmando-se, entretanto, numa vigorosa mensagem da própria Natureza vivida. Mensagem-poema, diríamos, de comunicação e autenticação genuínas da majestade indígena.

Qual outro Davi da hodiernidade, Você usou dos seixos catados ao longo da sua caminhada pelas ínvias selvas da inspiração, para competir com os gigantes da cultura, e fê-lo em nome da Senhora Humanidade, a quem a maioria não respeita.

Meu insigne acadêmico, exímio bandeirante da cultura genuína, temperada na frágua da luta anônima e abençoada pelo destino da sorte, eu o felicito pela sua ascensão, pelo seu triunfo e, muito mais, pelo exemplo da pertinácia e operosidade.

Dignificante e merecida coroa de imortalidade e hombridade!”

Mas, afinal, quem é Hélio Serejo?

Por que a Academia Matogrossense de Letras esperou quase 20 anos para dar posse ao seu novo Imortal e acabou realizando a grande solenidade com o escritor ausente, ele que considerava aquele momento, como disse em seu discurso, a hora maior da sua emoção crioula?

Se você me der a honra de ler as páginas que se seguem, ficará sabendo, um pouco ao menos, do muito que se poderia escrever sobre esse homem-homem, exemplo de valor autêntico, fronteiro meio xucro — como ele se considera — porém escritor dos mais fecundos, poeta fiel intérprete dos misteriosos anseios humanos, missionário do folclore e portador de uma fibra só encontrada nos verdadeiramente fortes de espírito.

É que Hélio Serejo fez o que fez, produziu o que produziu e ainda produz o que produz, sempre vivendo uma vida de sofrimentos físicos que fariam até um leão

desanimar. Mas ele não desanima, não se abate, não esmorece, não vacila, não recua, não descansa, não pára.

Antes de narrar os fatos, mais ou menos em ordem cronológica e ordenados por assunto, entendo como oportuna a apresentação do meu biografado sob o aspecto físico, pois daí por diante o leitor certamente dará mais valor aos pontos que ele irá conquistando na difícil Loteria da Vida.